Diário de Lisboa

Quinta-feira
Janeiro 1978

ANO 57
n.º 19 548
7$50

5

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Piteira Santos**

DEPOIS DA REUNIÃO DA COMISSÃO DIRECTIVA DO PS

Negociações decisivas hoje e amanhã

. Assumem importância decisiva as conversações que Mário Soares terá hoje e amanhã com os seus principais parceiros parlamentares. Particularmente importante será um encontro previsto para amanhã com Freitas do Amaral e que deverá determinar se na segunda-feira Mário Soares se poderá apresentar em Belém com uma solução ou se, alternativamente, uma nova fase de consultas se iniciará, esta visando a formação de um Governo de gestão que assegure os negócios públicos até à realização de eleições gerais antecipadas.

A «chave» da saída encontra-se numa **moção** ontem aprovada pela Comissão Directiva do PS — por esmagadora maioria — **moção** que subirá domingo à Comissão Nacional, sendo até lá mantida confidencial. Nesta **moção** definem-se as fronteiras das cedências que Soares poderá entretanto fazer à mesa das negociações, tendo em atenção que a opinião da maioria da Comissão Directiva (59 votos (?) opondo-se a uma facção que defendia posições radicais) apontou no sentido de se esgotarem todos os recursos que levem a um entendimento «a três» por via de plataformas separadas com o PCP e o CDS.

. Os principais problemas que Soares tentará ultrapassar nas próximas 24 horas passariam, por um lado, pela recusa do CDS em aceitar a assinatura simultânea de plataformas PS-CDS e PS-PCP, pretendendo ter prioridade neste campo por forma a que qualquer acordo com os comunistas só surgisse depois de ter acesso ao futuro Governo (hipótese que o PCP recusa categoricamente) e, por outro lado, pelos ministérios a ceder aos centristas: Soares só «abriria mão» de um (de preferência Negócios Estrangeiros, e de preferência também a Sá Machado, cuja actuação como vice-presidente da Câmara Municipal de Lisboa tem sido classificada de «liberal»). Daqui a importância dos próximos encontros com Freitas do Amaral.

. Com efeito, enfrentando o CDS fortes pressões junto das bases (a que não é alheia a campanha que o PSD desenvolve em círculos nortenhos), os dirigentes centristas vêem-se confrontados com a necessidade de defenderem a imagem do partido no eleitorado de direita, o que adensa os temores dos socialistas quanto às hipóteses de se cair num impasse inultrapassável.

Neste caso ver-se-ia o País perante a inevitabilidade de eleições antecipadas e o PS e restantes partidos face à necessidade de formação de um Governo de Gestão. Este problema, ventilado, ao que sabemos, na Comissão Directiva, teria como desfecho o reforço da posição que defende que tal Executivo transitório deveria englobar os quatro maiores partidos parlamentares, como forma de obstar a uma outra solução que eventualmente desembocasse no reforço da direita.

Daqui (e pressionado também o PS à sua esquerda, nomeadamente agora pela Esquerda Socialista e Democrática de Lopes Cardoso) que haja importantes sectores socialistas que defendam que Soares possa não ser o próximo Primeiro-Ministro, a fim de se poder dedicar inteiramente ao partido.

(Mais noticiário nas páginas interiores)

Mário Soares e António Macedo na presidência da reunião de ontem da Comissão Directiva do PS

CDS exige no Governo certos lugares e certos socialistas

«Mais importante do que procurar meter pessoas no Governo é conseguir que no Governo estejam certas personalidades do PS e não outras» disse ontem à noite, na sede do CDS, em Cascais, o dr. António Gomes de Pinho, que ali se encontrava na qualidade de animador de uma sessão de esclarecimento do Instituto Democracia e Liberdade, ligado àquele partido. Estava-se num período de perguntas e respostas, em que a audiência, colocou sobretudo questões concretas relativas ao actual momento político.

Embora se reclamasse mais o papel de sociólogo do que o de político e sublinhasse o carácter não oficial nem oficioso das suas opiniões partidárias, o dr. Gomes de Pinho explicou largamente as posições do CDS. Referindo-se às declarações de Amaro da Costa, no Porto, acerca da eventualidade da esquerda sair reforçada no caso de novas eleições gerais — e citando como fonte da sua informação o «DL» — explicou que se tratava de uma probabilidade real, atendendo ao elevado número de abstenções, que previu serem da ordem dos 40 a 50 por cento. Mas afirmou: «Não devemos alarmar-nos com isso, ou, pelo menos, não devemos alarmar-nos tanto como a esquerda quando pensa na eventualidade de uma maioria de direita; devemos habituar-nos à ideia de que temos condições para sobreviver, mesmo que a maioria de esquerda se institucionalize entre nós».

O perigo dos totalitarismos também foi assunto. Segundo o orientador do colóquio há sobretudo o perigo de um totalitarismo de esquerda. Um dos presentes, porém, manifestou desacordo pois que disse, vejo tudo cada vez mais à direita». A isto respondeu o dr. Gomes de Pinho o seguinte: «É menor a ameaça de um totalitarismo de direita, pois não seria suportável pelas democracias ocidentais, dada a candência do problema dos direitos humanos, etc»; e mais adiante: «já um totalitarismo de esquerda constitui uma efectiva ameaça, uma vez que não seria muito difícil ao bloco soviético apoiá-lo e mantê-lo nos diversos planos — económico, social, político...» Abordando depois a questão da base social dos partidos, afirmou o orador: «os partidos têm de fazer um esforço no sentido de se adequarem às características típicas das pessoas que neles constituem a faixa predominante», e citou como modelo, neste plano, o Partido Comunista. Noutro momento, diria: «O grupo social predominante no CDS não postula posições de direita. A nossa base social típica está na zona que detém a capacidade de iniciativa no campo económico, social e cultural: empresários de várias dimensões e também trabalhadores — os que aspiram a melhorar a sua condição, a ascender na estrutura social, que é permeável. Defendemos, portanto, soluções progressivas no campo económico-social, embora graduais».

Falando do papel histórico do PS», disse que era o de enquadrar massas trabalhadoras que de outro modo cairiam sob influência comunista. Resta saber se o PS saberá aguentá-las, por exemplo, na cintura industrial do Porto...» comentou.

O «Instituto Democracia e Liberdade» recebe apoio da Fundação Conrad Adenauer, da RFA (informação prestada no colóquio).

Greve na TAP depende de negociações esta tarde — mas há grandes hipóteses de não ir por diante

(Pág. 10)

Três horas bastaram para absolver os "14 de Beja"

(Pág. 20)

"REFERENDO" NO CHILE

Só Pinochet acredita que venceu

. A farsa acabou com o resultado previsto. «O povo chileno apoia Pinochet». Segundo as contagens dos votos desta madrugada, 75 por cento dos votantes (4.212.032) são favoráveis ao ditador. Os «recalcitrantes» são apenas um quarto 20,4 por cento, o que dá 1.092.226 votos. Nulos e brancos foram computados 244.923 sufrágios, com a «baixa percentagem» de 4,59 por cento.

Enquanto de uma das varandas do palácio Diego Portales, a sede do «governo», o general Augusto Pinochet trovejava contra a ONU, altas horas da noite, empanturrado de votos conseguidos sabe-se lá como, a própria Democracia Cristã, hoje alijada dos centros de poder, depois de ter sido usada para a deposição e morte de Salvador Allende, distribuía um comunicado onde denunciava as fraudes do «referendo» e salientava a falta de qualquer controlo que não fosse estritamente ligado à ditadura no escrutínio e nas mesas de voto.

Recorde-se que dois membros da Junta Militar, o almirante José Merino e o comandante Gustavo Leigh, se por um lado, são o equivalente a Pinochet na Marinha e na Força Aérea, pelo menos tiveram um maior senso do ridículo e afirmaram crer que o resultado da «consulta» seria acolhido com cepticismo, tanto no país como no estrangeiro Leigh, ontem à noite, à saída de uma reunião dos altos comandos militares chilenos, chegou mesmo a levantar a hipótese de que o «Governo» se demita em breve.

Enquanto os chilenos obedeciam às ordens e iam às urnas, por todo o mundo, nomeadamente na América Latina, exilados e os seus apoiantes locais manifestaram-se contra o que se estava a passar no seu país. Assim foi no Panamá, na Costa Rica, no México (com a presença de Hortensia Bussi Allende), na Venezuela (com o repúdio dos principais partidos), em Roma e Berlim.

Também enquanto decorria o «referendo», o Chile era novamente condenado pela Comissão Internacional de Juristas, que, de Genebra, denunciava que, de acordo com revelações em seu poder, continuam as torturas, as detenções ilegais e o «desaparecimento» de presos políticos.

Porém, Pinochet não liga a nada disso. No seu «discurso da vitória», gritou a plenos pulmões: «O Chile seguirá uma política externa mais pragmática e agressiva e neste país não haverá mais eleições, mais votações ou mais consultas».

AMANHÃ NO "DL"

"Fascismo?! Fascistas?!"

— um artigo de MÁRIO DIONÍSIO

★ OS BENTOS ★

post-scriptum

Como eles tentam enganar os trabalhadores

Tiveram lugar eleições para o Sindicato dos Metalúrgicos de Aveiro em que a lista B, unitária, saiu vencedora. Às mesmas concorreu, de entre outras, a lista C, social-democrata, afecta ao PPD. Pelos resultados obtidos verificamos que os metalúrgicos de Aveiro não a apoiaram; contudo, por ter lido o programa desta lista e o mesmo elucidar bem sobre o que pretendem os sociais-democratas no campo sindical, e não só, parece-me importante chamar a atenção dos trabalhadores portugueses para alguns factos que é necessário ter bem presente.

Como se sabe o PPD é um partido capitalista que luta para que o capitalismo seja mantido em Portugal. Defende intransigentemente o patronato, pois grande parte dos seus principais dirigentes pertencem aos privilegiados da nossa sociedade.

Para tentarem aliciar os trabalhadores portugueses os sociais-democratas utilizam na sua propaganda sindical não só as já habituais calúnias à Intersindical como também outro tipo de argumentos como «espectro da fome», «sequestros», «barricadas», etc.

Uma maneira de os trabalhadores verificarem que os sindicalistas do PPD não pretendem a sua defesa mas antes a protecção do patronato, dos exploradores do povo português, é analisarem as contradições existentes entre as suas propostas sindicais e a ideologia política que defendem. Assim, é suficiente reflectir que ao afirmarem sem vergonha, como o fazem no programa da lista referida anteriormente, «... contribuir eficazmente para a transformação da sociedade portuguesa, com o poder para os trabalhadores»; «... a nossa força colectiva há-de impor o fim de toda a exploração em Portugal», etc., tais propostas só poderiam encerrar um mínimo de verdade se a social-democracia lutasse pela liquidaçao do capitalismo, em suma, pela apropriaçao colectiva dos meios de produção pelas classes trabalhadoras.

Basta analisar estas contradições para nos apercebermos de toda a série de mentiras e de hipocrisia que as propostas sindicais da social-democracia (PPD) encerram na tentativa de atrair o voto dos trabalhadores portugueses.

Pedro Oliveira — CARNAXIDE

As situações locais

«O fascismo aqui, em Albergaria-a-Velha, é como se fosse Governo!! Na Câmara, predominam o CDS, que ganhou as eleições na vila e o PSD que as ganhou no concelho. A Câmara nada faz, claro.

À excepção de um vereador PS, os outros são todos fascistas, mascarados de CDS e PSD.

Eu não digo que estes dois partidos sejam fascistas, mas que todos os fascistas lá estão, disso eu não tenho dúvidas.»

(Carta de um leitor, devidamente identificado)

NOTA: Não é excepcional a situação de Albergaria-a-Velha. Em muitas regiões do País sucedeu o mesmo: os «fascistas» mudaram de casaca. Já isso sucedera quando a República foi proclamada. Subitamente os «monárquicos» converteram-se em «republicanos».

JULGAMENTO DOS BOMBISTAS

Ramiro Moreira gabava-se de ter "trunfos tão fortes que nunca seria descoberto"

«Esse homem é meu cunhado e custou-me estar consigo e não lhe dizer a verdade. Mas agora que vem tudo escarrapachado nos jornais digo-lhe que foi ele que pôs a bomba na casa do seu irmão» — assim recordou a irmã de António Ribeiro Teixeira (proprietário da casa de S. Martinho do Campo, completamente destruída à bomba em 21 de Maio de 1976, com morte da sua companheira e ferimentos graves num filho), na sessão de ontem do 5.º TMT, o telefonema que a cunhada de Ramiro Moreira, o principal «operacional» das bombas, lhe fizera meses depois do criminoso atentado.

A declarante, Isabel Ribeiro Teixeira, contou no Tribunal, com clareza, sem rodeios, que fora um dia procurada por uma antiga colega de trabalho num bazar do Porto, a lamentar o que sucedera na casa do irmão. Chamava-se Assunção. Era cunhada de Ramiro Moreira. Nesse dia trazia a «cara esmurrada» — sublinhou Isabel Teixeira, admitindo que a amiga teria sido agredida por Adriano Moreira, por questões relacionadas com o irmão Ramiro, bombista.

Nessa altura já — ainda antes do citado telefonema — Assunção dissera à antiga colega de trabalho: «sei de um homem que se gaba de ser bombista e de, pelo menos, já ter posto uma bomba na Cooperativa Árvore».

«Porque não o denuncia à Polícia» — perguntara-lhe então Isabel.

Assunção: «É que ele se gaba que tem na Polícia uns trunfos tão fortes que nunca será descoberto».

Ainda segundo Isabel Teixeira, a ex-colega de trabalho acrescentara-lhe na altura, que o Ramiro Moreira «tinha uma garagem alugada onde mudava a cor e as matrículas dos carros».

«PROEZAS CORRECIANAS»

Outros depoimentos que mereceram a atenção do tribunal, pertenceram ao prestigioso ecenomista e professor, Armando de Castro e a Manuel da Fonseca, dirigente do Grupo de Acção Teatral e Cultural, de Braga.

O primeiro, na qualidade de membro do Conselho Directivo da Faculdade de Economia do Porto, atingida à bomba em 22 de Março de 1976, com prejuízos superiores a 1.000 contos, recordou para o Tribunal que a explosão ocorreu poucas horas depois do encerramento do Congresso da Federação dos Sindicatos Têxteis, que tivera lugar numa das salas da Escola. Coincidência curiosa: dois dos principais réus, Comendador Abílio e industrial Ferreira Torres, são (eram) proprietários de fábricas têxteis.

O declarante Manuel da Fonseca referiu, por sua vez o atentado à sede do Grupo de Teatro (GATEC) e às circunstâncias que rodearam a sua ida ao local do rebentamento. Contou que, na altura em que chegou à sede destruída, já lá se encontravam um guarda da PSP e dois dos irmão «Corrécios», o Bernardo e o Eduardo (chefe).

Agredido no local pelo Bernardo (ex-guarda da PSP), enquando o Eduardo, com correntes, afastava os populares presentes, o declarante salientou que tudo ocorreu perante a passividade do guarda que estava no local. Mais: quando se dirigiu à esquadra, a apresentar queixa, os manos Corrécios» entraram por lá dentro «como se fosse deles» e que, aí mesmo, o Eduardo o ameaçara à pistola!...

O julgamento prossegue na próxima quarta-feira, prevendo-se que seja ouvida, como declarante, a cunhada de Ramiro Moreira.

NEGOCIAÇÕES SÃO "INÚTEIS"?

Kaúlza preconiza eleições antecipadas

As diligências em curso, a nível de Presidente da República, Primeiro-Ministro indigitado e partidos, para resolução da presente crise política, observam o sistema partidário existente e têm como objectivo a formação de um governo de base socialista suportado por uma maioria parlamentar coerente e estável — diz o general da reserva Kaúlza de Arriaga num comunicado do MIRN, Movimento Independente para a Reconstrução Nacional, anteontem emitido e enviado para os órgãos de comunicação social.

O texto de Mirn, de Kaúlza, diz que as diligências em questão «são necessariamente difíceis, morosas provavelmente estéreis e, com certeza e sobretudo, completamente inúteis», pelo que adianta como hipótese este expediente: «ultrapassar as diligências em causa, ou mais correctamente, pôr-lhes termos».

Para o MIRN, de Kaúlza que ganha terreno nas bases do CDS, «eleições antecipadas e fecundas são a única fórmula democrática de solução para a actual crise, e mais ainda, para a sobrevivência e recuperação nacionais».

Para a hipótese de não ser facilmente compreensível a qualificação de «fecundas» aplicada às eleições preconizadas, o MIRN adianta que se impõem «projectos nacionais que galvanizem o País e, se necessário, o voto obrigatório», e bem assim «um pleno e real pluralismo pré-eleitoral, a verificar-se generalizadamente e em particular no Estado, nas Autarquias Locais e na Comunicação Social».

Comissões de Trabalho Socialista contra direcção do PS

Um comunicado da Coordenadora Nacional das Comissões de Trabalho Socialistas hoje tornado público a propósito da situação política, afirma «ser impossível aceitar um governo com personalidades, sejam elas do CDS do PPD ou militares e na base das exigências do FMI».

O mesmo comunicado denuncia ainda o facto de a direcção do PS persistir numa política de alianças à direita e agravá-la «integrando no Governo aqueles que nem sequer têm força para a constituirem sozinhos, contra tudo o que se prometeu aos trabalhadores e levando à liquidação do próprio PS».

Os militantes da CNCTS apelam para que todos os socialistas se dirijam à direcção do PS para impedir o caminho «suicida» que esta tem adoptado.

O Instituto António Sérgio, Inscoop, promove a partir de 15 de Fevereiro, cursos de formação cooperativa em Castelo Branco, Portalegre, Leiria, Santarém, Viseu e Guarda. Os novos cursos serão orientados por técnicos do Instituto em colaboração com especialistas dos Ministérios do Comércio Interno, da Habitação, da Agricultura e Pescas. Os cursos terão lugar à noite, em 12 sessões, dúas vezes por semana, prosseguindo assim uma iniciativa do ano passado...

Os cursos estão abertos a todos os cooperativistas interessados e as inscrições funcionam no Instituto António Sérgio (Inscoop), em Lisboa, nas Câmaras Municipais ou Governos Civis da respectiva região.

Entre os temas a tratar figuram os vários tipos de cooperativas (de consumo, habitação, agrícolas, operárias e outras), os objectivos do cooperativismo e suas origens, o movimento cooperativo em Portugal, suas estruturas e perspectivas actuais.

FOLHA OFICIAL

Legislação hoje publicada no «Diário da República», primeira Série:

Conselho da Revolução: Portaria n.º 5/78: Manda passar ao estado de armamento, a partir de 7 de Dezembro de 1977, na situação de armamento normal, o NRP Comandante João Belo.

Presidência do Conselho de Ministros: Declaração: De ter sido rectificada a Portaria n.º 405/77, publicada no «Diário da República», 1.ª série, n.º 155, de 7 de Julho de 1977.

Ministérios da Administração Interna e do Comércio e Turismo: Despacho Normativo n.º 2/78: Estabelece normas sobre o regulamento interno do Mercado Abastecedor Chaves de Oliveira.

Ministério da Justiça: Portaria n.º 6/78: Aumenta o quadro do pessoal do Tribunal da Comarca de Leiria. Portaria n.º 7/78: Aumenta o quadro do pessoal do Tribunal da Comarca de Vagos.

COMÍCIO DO PCP(R)

CONTRA UM GOVERNO DE DIREITA!

POR UMA SAÍDA POPULAR!

A CRISE POLITICA ACTUAL • O 2 ANIVERSARIO DO PARTIDO

Todos ao Pav. Desportos

Quinta feira, 5 de Janeiro, às 21 h

PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS (RECONSTRUÍDO)

ponto a ponto

Com o objectivo de «permitir a participação dos cidadãos em geral,... na resolução dos problemas económicos e sociais que o País enfrenta, no sentido de encontrar um caminho viável de saída da crise que obtenha adesão dos parceiros sociais e das forças política» o Ministério do Plano editou, com a data de Novembro de 77, o Projecto de Plano para 1978, incluindo a Lei sobre as Grandes Opções do Plano e ainda documentos descritivos da situação da economia portuguesa.

O desenvolvimento da cooperação entre Portugal e Marrocos no domínio da pesca é um dos objectivos expressos no acordo de cooperação luso-marroquino, ontem assinado em Rabat pelo embaixador português e pelo director da Cooperação do MNE de Marrocos

Os estaleiros navais da Setenave repararam o ano passado 97 navios, dos quais 82 estrangeiros e 15 portugueses, totalizando a facturação oitocentos milhões de contos. Estes resultados representam um aumento em relação a 1976 da ordem dos 50 por cento

Vai ser ampliado o terminal de carga do Aeroporto de Pedras Rubras, no Porto. Mais de mil metros quadrados de área útil constituirão a obra, que está a ser objecto de adjudicação, com a presença de dois elementos do Conselho de Gerência da TAP.

VENCER A CRISE: CONSOLIDAR A REVOLUÇÃO DE ABRIL

CÉSAR OLIVEIRA

1. Muito recentemente (I) procurámos mostrar que «a crise política que o País atravessa» só aparentemente pode ser considerada como **uma simples crise governamental**. Procurámos mostrar que a crise é, sobretudo, o resultado do confronto entre o percurso concretizado do processo revolucionário vivido em Portugal e a ofensiva da burguesia e da direita. Tal confronto, exprime-se, na fase actual, por um «impasse» que traduz duas impossibilidades: uma, a do movimento popular e das forças de esquerda não poderem **já** repor alternativas de poder; a outra, a da burguesia e das forças de direita não terem **ainda** condições para fazerem adequar completamente, o poder político à sua própria recuperação nos planos económicos, sociais e culturais.

Se a natureza subalterna e dependente da burguesia portuguesa exigiu sempre, no passado, um quadro institucional fortemente determinado pelo autoritarismo, pela centralização e pelo uso sistemático da repressão, essas exigências não são, hoje, menos prementes a classes dominantes que tentam, num contexto menos favorável ao anterior a 25 de Abril, reconstruir por completo o seu poder e as condições requeridas pelo seu exercício organizado.

A «crise» não é, no essencial, um problema redutível a saber-se se deve haver ou não haver coligações a nível do Governo, que graus de cedências mútuas deverão ser asseguradas pelos partidos, que soluções técnicas deverão pôr-se em marcha, que equilíbrios superficiais têm de encontrar-se. No quadro da sociedade portuguesa, transformada pelas ocorrências pós-25 de Abril, e na presença de um projecto constitucional que participou (e participa) da luta de classes — **projecto que é o de uma parte da sociedade contra outra parte da sociedade portuguesa** — a resolução da crise nem é neutral ante as várias opções de classe nem, muito menos, poderá ser encontrada se persistirem as tentativas de escamotear aos olhos da opinião pública, e mormente das massas populares, as raízes profundas dos problemas que a geraram. O paradoxo está em tentar solucionar a crise na óptica estreita, e segundo os padrões estereotipados de um parlamentarismo em esclerose que foi enxertado por aparelhos-partidos mistificadores num processo de roturas revolucionárias. O paradoxo é procurar solucionar-se **uma crise de uma revolução** com metodologias parlamentares democráticas, apostando-se os agentes políticos (neste caso os partidos) em um «funcionamento» que tende a situar-se, mas só aparentemente, fora da verdadeira natureza da própria crise. Só há de facto duas soluções para **esta** crise: ou se consolida o processo de transição democrática para a sociedade socialista ou se inverte esse mesmo processo criando-se à burguesia portuguesa condições para refazer o **conjunto** do seu próprio sistema. A crise da Revolução, revolução que produziu esta Constituição e a própria crise só pode ser solucionada pela direita com repressão e autoritarismo. Para isso não chega este Parlamento. Enquanto não estiver concretizada uma destas duas opções as crises que são as do simples exercício do poder político (governo, coligações, cedências, postos do aparelho de Estado, etc), suceder-se-ão sem que, ao menos, se tenha esclarecido a opinião pública **daquilo** que, no fundo, está em jogo.

Acontece, simplesmente, que os agentes da crise e da sua solução (os partidos e os órgãos de soberania) surgiram em «cena» a reboque de um processo que os excedeu (a acção das massas populares nos primeiros meses após o 25 de Abril) e, por isso mesmo, a sua esmagadora maioria **teve que adaptar-se** a uma realidade que não controlavam mas de que não podiam distanciar-se sob pena de não sobreviverem. Desde o «socialismo personalista» do CDS, ao «socialismo democrático» do PPD às profissões de fé anti-sociais democráticas do PS houve, em Portugal, uma permanente inadequação entre a imagem e os programas que os partidos projectavam na sociedade portuguesa e a sua própria prática, as autênticas intenções das suas respectivas direcções. Por tudo isto, julgamos que o que está a passar-se, ou tem vindo a passar-se desde Setembro último é, simultaneamente, uma crise da revolução a que está associada uma crise de identidade objectiva dos partidos políticos, supostamente encarregados de resolverem a primeira das crises.

É neste contexto, considerando que há sobretudo uma crise da revolução e não só apenas uma crise de governo, que não vemos reais possibilidades de solucionar, em termos do parlamentarismo mais clássico, uma crise profunda cuja natureza remonta a uma complexo processo de roturas de carácter revolucionário quando, exactamente, esse mesmo processo distorceu os aparelhos-partidos que também dessa mesma crise participam.

2. A avaliar pelos programas, declarações de princípios e pelos nomes dos partidos políticos não seria difícil, pensamos, solucionar a crise. Todavia, e urge começar a analisar este fenómeno, a persistência das ambiguidades, hesitações e contradições da prática política do PS e do Governo que teve a sua responsabilidade exclusiva agravando a natureza estrutural dos «impasses» profundos pós-25 de Novembro e mostrando à direita e à burguesia o carácter apenas eleitoral do que se suspeitava ser o maior aparelho partidário, obrigou também a um processo de redefinição que ocorreu (e está a ocorrer) em simultaneidade com a crise do I Governo Constitucional. Detenhamo-nos, ainda que brevemente, neste aspecto essencial da actual fase política em Portugal.

Não há dados seguros sobre as implantações militantes e eleitorais dos distintos partidos portugueses; não se sabe, com o rigor possível, qual a inserção de cada um dos partidos na estratificação social portuguesa, a forma mais ou menos precisa como tal inserção se desenvolveu ao longo destes quase quatro anos. Teremos, pois, como único critério o de tentar ver qual a medida com que o «discurso político» e a imagem que cada um deles projectava na sociedade portuguesa se adequam à sua própria prática política. E é aqui que pensamos que os últimos meses, mormente após o discurso do PR de 15 de Outubro, implicaram mudanças cujas consequências se não podem ainda prever e que decorrem da simultaneidade do agudizar das duas crises, a da revolução e a do governo. É a prática política dos partidos que **está** agora a **revelar** as opções de fundo das suas direcções e ver-se-á, no futuro, a forma como essa «re-

Continua na pág. 4

política

de A a Z

ANTÓNIO SÉRGIO, UMA VEZ MAIS...

Nunca Antônio Sérgio teve tantos discípulos, nunca os seus livros foram tão citados, a sua lição tantas vezes invocada. Dizemos que a lição é invocada mas não dizemos que seja seguida, não dizemos, sequer, que tenha sido assimilada; dizemos que os seus livros são citados, não dizemos que tenham sido lidos com abertos olhos críticos; dizemos que tem discípulos que por aí cotovelam os que do Mestre e Companheiro se reclamam mas que dele se esquecem, e da sua casa em ruínas, e da sua obra esparsa, e da interpretação criadora (porque crítica) dos seus escritos ensaísticos, e da divulgação da sua obra publicada. Por iniciativa particular, a acrescente-se:

De Sérgio, uma vez mais, aqui falamos. Citando-o, claro. Que de Sérgio o melhor é que seja ele próprio a falar, a falar-nos. Ajudar-nos-ia nestes incertos dias uma «antologia» de textos seus adrede organizada. Textos sobre — digamos — a dificuldade radical (de raiz) que a institucionalização democrática defronta nesta praia ocidental da Europa democrática, nesta praia atlântica da complexa e plural Ibéria e que dos Pirenéus a Sagres vive a sua hora de reencontro com a Democracia. Condições diferentes, processos que apresentam diferentes profundidades e distintos ritmos mas que, apesar de diversos e da sua diversificação compreensível, têm o mesmo ponto de partida: um fascismo longo, culturalmente opaco, opressivo e repressivo.

À falta de uma **Antologia sergiana** destinada à pedagogia da Democracia, desculpem os leitores a nossa insistência e disponham-se a acompanhar-nos nestes dias críticos numa meditação breve. Recordemos, para tal, uma página de Antônio Sérgio, a qual diz assim:

«A democracia é bem difícil, por isso, nesta nossa gente lusíada; porém, será sempre o difícil o que cumpre desejar e tentar; será o mais humano, o mais alto. E o intelectual português muito pouco propenso à humildade. Demasiadamente simplista, usa mirar um só lado de cada questão que é complexa, não buscando entender os que vêem as outras faces das coisas — as suas restantes dificuldades os seus demais aspectos que importam. Não nos damos ao cuidado de ouvir com atenção quem nos fala. Contamos histórias, ditinhos, casos pitorescos, graças, quando urge decidir, avançar, passar aos actos, ser célere...».

O que por aí se riem as gentes desta **crise nacional** arrastada, apertada, gravíssima! Como por aí se desprezam as decisões e os horários, a economia do tempo e a economia da palavra, os trabalhos árduos e a continuidade da acção! Como por aí se é inapto para, do palavrório e do conspiratório, «passar aos actos», e «ser célere»!

Somos demasiadamente simplistas, porque complicados, porque conplexados. Recusamos a humildade, não só por petulância, mas por insegurança. Temos dificuldade em entender os outros, porque somos incapazes «de ouvir com atenção quem nos fala». E disfarçamos a incapacidade nossa, com histórias que contamos, ditinhos, casos pitorescos, graças ou frases heróicas, lançadas na vazio das decisões, na impotência da acção transformadora, para, numa exaltação romântica, salvarmos as pobres das nossas almas, salvarmos a face das nossas importantes e excelentíssimas personalidades.

Não foi por acaso, mas com intenção pedagógica, que este Antônio Sérgio, mestre da aula pública do civismo interventor deu à estampa um feixe de sentenças de Marco Aurélio. Recordam-se?

Essa humildade, esse refreamento, esse domínio de paixões, movimentos e palavras, faz-nos falta. Tentemo-lo. Antes que seja tarde. Antes que Átila venha.

A GRANDE VELOCIDADE

Para o vice-presidente do CDS, refeito apenas das contestações portuenses, a **crise política** aproxima-se do seu termo, as negociações marcham «a grande velocidade». Mas marcham para onde? Para um entendimento ou para uma ruptura?

A opinião pública, os democratas, os trabalhadores deste País, do «Portugal de Abril» cidadãos, precisam de saber que é a sua liberdade, a plena cidadania, o futuro da Democracia que estão ameaçados pelas exigências que, essas sim, a «grande velocidade» e com despropositada arrogância, um CDS vai apresentando na mesa das negociações fazendo dos seus votos, do seu apoio a um «Governo constitucional» de consolidação e de recuperação, artigo de troca para alcançar posições no Governo, no «aparelho-do-Estado», nas administrações das empresas públicas, nos orgãos de Comunicação Social. São exigências desmesuradas e que traiem uma intenção: a de abrir à «direita» que o CDS receia, além da direita» o CDS representou, um acesso à «área-do-Poder» que não conquistará em eleições livres.

Tendo perdido a liderança da «direita», o CDS hesita em converter-se a um «centrismo» que lhe desgastará as bases nortenhas, mas que lhe poderia proporcionar a credibilidade política que «corrécios» e outros «aventureiros» francamente comprometeram. São as exigências, com o que comportam de ofensiva política contra Abril e a Constituição, que caracterizarão o actual CDS, tão timidamente divergente da aventura para que caminha Francisco Sá Carneiro.

Toda a «esquerda» — e não só o Partido Socialista como força de «esquerda» — dispõem de uma arma: as eleições gerais antecipadas. Não é uma arma secreta de guerra civil. Pelo contrário: o Povo tem uma palavra a dizer, e, neste terra, depois de Abril, o Povo é quem mais ordena.

PARA A SEMANA...

Talvez para a semana... Possivelmente para a semana... Consumindo os nossos escudos e o nosso tempo, desgastando as energias portuguesas e a paciência dos portugueses, dizem-nos, prometem-nos, que para a semana ser-nos-á dito a que conclusão chegaram aqueles que por nós discutem e sem nós decidem. Para a semana.. Possivelmente... talvez...

Tempo de decisão que vai sendo perdido, sem pressa, sem previsão. Tempo histórico desfigurado em «tempo de negociação», «política em «comércio» transformada. Alguma coisa está errada; alguma coisa caminha mal. Gastou-se tempo a falar da **crise**, a negociar a **solução democrática** da **crise**. Gastou-se tempo para nos prometerem que para a semana, talvez na segunda-feira próxima, seja possível concluir : «Ou chegamos a acordo, ou não chegamos...». Perfeito.

DÉCIMO PRIMEIRO CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA

Rua de Santa Justa, nº 88, 1º andar, direito

Notário: Lic. Manuel Gonçalves Amaro

O abaixo assinado, Ajudante do Décimo Primeiro Cartório Notarial de Lisboa

CERTIFICA:

a) — Que a fotocópia apensa foi extraída da escritura exarada de folhas duas verso a folhas quatro verso, do livro de notas para escrituras diversas número B-quarenta e um deste Cartório.

b) — Que ocupa cinco folhas numeradas e, por si, rubricadas, levando aposto o selo branco do Cartório.

c) — Que está de conformidade com o original.

Lisboa, seis de Dezembro de mil novecentos e setenta e sete.

O Terceiro Ajudante

Conferida e registada sob o nº 128

CONSTITUIÇÃO DE SOCIEDADE

No dia cinco de Dezembro de mil novecentos e setenta e sete, em Lisboa e no Décimo Primeiro Cartório Notarial, perante mim, Manuel Gonçalves Amaro, Licenciado em Direito, respectivo Notário, compareceram, como outorgantes:

Primeiro — O senhor VÍTOR MANUEL PINTO PEREIRA, natural de Lisboa, freguesia de São Sebastião da Pedreira, com residência habitual nesta cidade, na Rua Falcão Trigoso, número 24, 3.º andar, esquerdo, casado no regime de comunhão geral de bens com a segunda outorgante.

Segundo — A senhora D. AIDA DOS ANJOS SIMÕES PINTO PEREIRA, natural da freguesia de Álvares, concelho de Góis, residente e casada no indicado regime com o primeiro outorgante.

E AMBOS DECLARARAM:

Que constituem entre si uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, nos termos dos artigos seguintes:

PRIMEIRO

A sociedade adopta a denominação «SONACREP — SOCIEDADE NACIONAL DE REPRESENTAÇÕES, LIMITADA» e tem sua sede, provisoriamente, na Rua Falcão Trigoso, número vinte e quatro, terceiro andar, esquerdo em Lisboa, freguesia de Nossa Senhora de Fátima, e durará por tempo indeterminado, a contar de hoje.

SEGUNDO

O seu objecto é o comércio de armazenista e retalhista de metais, ferragens, ferramentas, materiais para a construção civil e artigos congéneres, podendo dedicar-se a qualquer outro ramo de comércio ou indústria em que os sócios acordem.

TERCEIRO

O capital social é de DUZENTOS E DEZ MIL ESCUDOS, inteiramente realizado em dinheiro, já entrado na Caixa Social, e divide-se em duas quotas: uma de cento e cinquenta mil escudos, pertencente ao sócio Vítor Manuel Pinto Pereira, e uma de sessenta mil escudos, pertencente à sócia Aida dos Anjos Simões Pinto Pereira.

QUARTO

A administração e gerência da sociedade e a sua representação em juízo e fora dele, activa e passivamente, será exercida por todos os sócios, que desde já ficam nomeados gerentes, com dispensa de caução, e com ou sem remuneração, conforme for deliberado em assembleia geral.

PARÁGRAFO PRIMEIRO — Para que a sociedade fique validamente obrigada são necessárias as assinaturas de ambos os gerentes, excepto nos actos de mero expediente, em que é suficiente a assinatura de um só.

PARÁGRAFO SEGUNDO — Os gerentes podem delegar os seus poderes uns nos outros, ou até mesmo em pessoa estranha à sociedade, mas, neste caso, sempre com a anuência dos outros sócios, podendo também a própria sociedade, para a prática de certos e determinados actos, constituir mandatária nos termos do artigo duzentos cinquenta e seis do Código Comercial.

PARÁGRAFO TERCEIRO — A os gerentes é expressamente proibido obrigar a sociedade em actos ou documentos estranhos aos negócios sociais, designadamente, em fianças, letras de favor, avales, abonações e outros similares.

QUINTO

É livremente permitida a cessão total ou parcial de quotas entre sócios e herdeiros de sócios, ficando para esta última hipótese, desde já autorizada a respectiva divisão porém, na cedência a favor de estranhos, a sociedade em primeiro lugar e os sócios não cedentes em segundo, terão direito de preferência na sua aquisição.

SEXTO

Por morte, interdição ou inabilitação de qualquer sócio, exercerão os direitos inerentes à respectiva quota os seus herdeiros ou representantes.

PARÁGRAFO ÚNICO — No caso de falecimento de um sócio, os seus herdeiros deverão escolher, de entre si, um que a todos os represente, enquanto a respectiva quota se mantiver indivisa.

SÉTIMO

Quando a lei não exigir formalidades especiais, as assembleias gerais serão convocadas por cartas registadas dirigidas aos sócios, com a antecedência de oito dias, pelos menos.

DECLAROU, AINDA, O PRIMEIRO OUTORGANTE:

Que presta a outorga marital à segunda outorgante, sua mulher, para inteira eficácia desta escritura, se tanto for entendido necessário.

ASSIM O DISSERAM E OUTORGARAM.

ARQUIVO uma certidão passada pela Repartição do Comércio, comprovativa da exclusividade da denominação adoptada.

ADVERTI os outorgantes de que este acto está sujeito a registo obrigatório, a efectuar na Conservatória do Registo Comercial de Lisboa, dentro de três meses, a contar de hoje.

VERIFIQUEI a identidade dos outorgantes pela exibição dos seus respectivos bilhetes de identidade números 0025342, de 9 de Junho de 1976, e 4068790, de 11 de Junho de 1976, ambos expedidos pelo Arquivo de Lisboa.

Fiz a leitura e explicação do conteúdo desta escritura, em voz alta aos outorgantes, na presença simultânea de ambos.

Verbete nº 9 Série BI Caderneta nº 719.

Conta registada sob o nº 104.

MARIA ALFREDINA NORDESTE DOMINGUES

F A L E C E U

Seu marido António Pimentel Domingues, filhos, sobrinhos, e restante família, cumprem o doloroso dever de participar o falecimento da sua esposa, mãe e tia, ocorrido no dia 2 do corrente, em Luanda (Angola) onde se encontra actualmente.

PERGUNTAS SINGELAS — A. Sebastião Gonçalves

Não é a "indeterminação" um mal bem grande?

Naturalmente, é aos amadores responsáveis que dedicamos maior cuidado quanto ao que dizem e fazem. E alguns problemas básicos foram postos ao começar 1978, mas que me deixam nos domínios da «indeterminação».

O Papa disse «ter chegado a hora do despertarmos do sonho e de vivermos o dever sagrado da paz e da justiça» e de « se tomar consciência do tempo em que vivemos». Referindo-se, certamente, o Papa a todo o mundo, todo ele estaria, de facto, inconsciente? E porquê agora, só agora, chegou o momento de se ser consciente? Que se deu há pouco de tão extraordinário?

E uma indeterminação mais forte me aparece quando citou a frustração dos jovens desencadeando «reacções de violência e agressividade contra certas estruturas da sociedade contemporânea, que os quer reduzir a simples instrumentos passivos». De que «certas estruturas» trata? E não será lógica aquela reacção se ela parte dos «esquecidos, dos marginalizados, dos desprezados, que não são nem se sentem amados»? Mas então como actua a Igreja que tem como suporte um poder supremo?

O Cardeal Patriarca de Lisboa foi expressivo, na medida em que pôs na Igreja a missão de «educadora das consciências» e «para o exercício de fraternidade humana». Mas assim de quem será a culpa daquele ambiente de desamor que leva à libertinagem e à violência? O Cardeal vem seguidamente, atribuir culpas à «incapacidade dos poderes públicos em fazer face ao problema». Mas que problema? Qual a sua base?

Aqui parece ser posto em causa o chamado «Poder Executivo», em interligação com o legislativo e judicial e, mesmo, moderador, seguindo o esquema de há mais de dois séculos, como é lógico no evoluir socioeconómico, embora com retardamentos também lógicos. Aliás, não está bem marcado, pelo Presidente da República no mesmo dia que é «inadiavel uma reforma administrativa séria»? Com esta palavra «séria» não se deverá entender **responsável** pela actuação prática nos campos de formação do povo português, mormente no económico. Trata-se de actividade pública ou privada, não terá, de facto, de haver uma coordenação que só o «executivo» poderá tornar realizável? Como será lógico que reajam os «marginais» dos casebres vendo passar, ao longe, o Senhor Ministro no seu «carro, ou vendo as pratas, as jóias diversas, as vestimentas aparatosas em **certos** departamentos onde se apregoa fraternidade, amor e paz?

Talvez se fique mais tranquilo com a certeza do Presidente da Assembleia da República de que « a Nação vai ser dotada de um Executivo apto e dinâmico», além da outra «certeza» de que «teremos um bom ano parlamentar», referindo, em especial, a democracia política e a democracia económica, social e educacional... Não haveria uma «pergunta singela» sobre tantas «democracias»?

Um Executivo «apto» será, realmente, importante e terá problemas difíceis a resolver, além dos já bem conhecidos, mormente quando o Cardeal põe, como obrigação do Estado «proporcionar a instituições religiosas os meios que por si as mesmas não possam obter». Que instituições? Que meios? E os bairros da lata, em face dos condelabros espampanantes, além onde o poder é nulo e aqui onde o poder é ilimitado?

E, agora, como interpretar esta afirmação do Cardeal de que a guerra civil só se não deu depois do 25 de Abril devido ao «bom senso do povo português e a especial protecção de Deus»?. Então não bastaria esta protecção especial»? E porque não tem havido essa «protecção especial» em outras ocasiões e de vulto bem maior?

Que confusão isto me faz!...

Vencer a crise

Continuação da pág. 3

velação» irá incidir nas suas implantações sociais e eleitorais. Parece estar em curso uma recomposição das forças políticas actuantes na sociedade portuguesa que implicará a recomposição das suas bases sociais. Aí estará uma das «chaves» essenciais à superação da crise.

É hoje claro que, pela sua prática, o PSD/PPD nada tem a ver com a social-democracia e que tudo leva a crer que será este partido a **direita nacional** e que, mais tarde ou mais cedo, com toda a probabilidade, será no PPD/PSD que acabarão por reconhecer-se os interesses derrotados em 25 de Abril. O CDS é, sobretudo, um partido europeu no sentido mais tecnocrático e neocapitalista da expressão e poucos suspeitariam, há bem poucos meses ainda, em vê-lo agir com tanta «moderação», equilíbrio e «sensatez» ao ponto de admitir a sobrevivência das «dinâmicas das diversas formações económicas existentes». Se a viragem do CDS é ou não acompanhada pelas suas implantações é cedo ainda para o notarmos, mas não parecem restar dúvidas de que a sua prática parece distanciar-se da direita e da burguesia mais reaccionária encaminhando-se antes para as posições de uma «democracia-cristã civilizada». Por sua vez, o PS — normente nas negociações em curso — parece também em período de uma maior clarificação: a sua «imagem» cada dia mais corresponde à social-democracia. Resta resolver um enigma: pode haver um partido social-democrata sem base sindical?

Feitas estas constatações, que julgamos detectáveis ao olhar mais desatento, resta o problema mais importante: que transformações implicarão e com que rapidez, ao nível da inserção social, estas mudanças nos partidos a que a crise da revolução está a obrigar? Não há, por ora, resposta a esta crucial questão.

É que há, neste complexo «jogo de crises», uma crise nos partidos que, directa ou indirectamente, reflectiam, em graus vários, os interesses da direita e da burguesia. Nestes termos, o importante parece saber se as massas populares e as suas organizações (CT's movimento sindical e organizações políticas) conseguem, em tempo útil, resolver o problema que é o de poderem concretizar com viabilidade e eficácia uma alternativa que sirva o projecto constitucional.

3. A crise em que estamos pela própria diversidade dos aspectos com que se manifesta — e tenha ela a solução que tiver — tem já um grande mérito: **dificilmente os partidos** (CDS, PSD e PS) **voltam a ser o que foram, aparelhos de mistificação e ludíbrio popular pela inadequação da sua prática ao seu programa, ao seu discurso oficial.**

Tudo parece apontar, a avaliar pelo pouco que transpira das conversações, para a versão portuguesa do Centro/Esquerda com ou sem a «cobertura» do PCP.

Parece totalmente posta de parte a hipótese de que o PS, fazendo uma opção clara em termos de procurar responder à crise da revolução, enveredasse por uma prática no sentido de, com as necessárias adequações, caminhar para o horizonte do projecto constitucional. A crise da revolução só poderia superar-se, no imediato, com os instrumentos políticos ajustados à óptica da consolidação da própria revolução o que suporia uma identidade entre a prática do PS e o seu programa e declaração de princípios. Nesta perspectiva — e por carência de instrumentos políticos para superar aquela crise — objectivo táctico essencial para as massas populares organizadas é **o de impedir que a crise da revolução se supere em termos inteiramente favoráveis à burguesia e à direita.** Este objectivo cumpre-se, essencialmente, no terreno social e cumpre-se na exacta medida em que o movimento sindical estiver em condições de organização e mobilização para o cumprir. O Partido Socialista, base da coligação que vai ascender ao poder, qualquer que seja o acordo (ou acordos) que a sustentem, irá, por certo, imprimir ao novo governo um estilo pouco diferente do I Governo Constitucional. E foi na acção de massas, foi no reforço da unidade e da democracia do movimento sindical que se impediu que o «estilo PS» servisse com maior eficácia a direita. Não parece pois que, mantendo-se as actuais condições de exercício das liberdades sindicais, seja possível à direita e à burguesia solucionarem, com o próximo governo, a crise da revolução numa dimensão inteiramente favorável aos seus interesses.

Ao próximo governo, que por ser de coligação terá maioria parlamentar estável, pôr-se-á um dilema cuja solução lhe escapa, porque ela, de facto, não reside no Parlamento: **ou recuperar o poder económico, social e cultural da burguesia, subvertendo a Constituição e usando com eficácia a repressão e o autoritarismo ou cair ou renunciar, permitindo novas eleições.** Outra solução, isto é, a sua permanência governando com eficácia os interesses da burguesia e da direita, só seria compreensível se, por absurdo, pudéssemos admitir que a CGTP/IN, as forças de esquerda, o PCP, as CTS, se transformassem nos verdugos policiais das massas populares. Isto, seria admitir que as forças dos trabalhadores serviam os interesses da burguesia não servindo os trabalhadores. Tal possibilidade é, ao que julgamos, absurda.

A natureza da crise assenta, por tudo o que foi dito, numa crise da própria revolução. Resolver a crise com eficácia é responder a uma de duas alternativas: **consolidar e aprofundar o projecto constitucional** ou **construir um regime autoritário e repressivo com fachada parlamentar.** A crise continuará, porque a correlação das forças sociais e políticas em presença não permite a sua superação: a crise continuará seja qual for a nova experiência que o PS patrocine. Continuará, porém, acelerando um processo de recomposição das forças políticas que implicará, como julgamos, a criação de condições para «vencer a crise e salvar a revolução».

1) ««Diário de Notícias», 30/12/77 «As Dimensões da Crise»...

PORTO

Posse dos corpos gerentes da Associação de Jornalistas

PORTO, 5 — Na sede provisória da Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto tomaram posse, ontem à noite, os novos corpos gerentes daquela associação eleitos em assembleia geral realizada no passado dia 21 de Dezembro. O elenco ficou assim constituído: assembleia geral: presidência, José Luís Abreu, Júlio Sereno, Fátima Torres e José Vale, todos jornalistas; direcção presidente (escritor), vice-presidente Luís Humberto (jornalistas); secretários, José Viale Moutinho, Gonçalo Nuno de Faria, Sousa Pereira, José de Melo e Manuel dias, todos igualmente jornalistas. Conselho Fiscal: Bento da Cruz (escritor), Domingos Lopes (pintor) Jorge Ribeiro (jornalista); Junta de Conciliação: Mário Afonso (jornalista), António Cabral (escritor), Virgílio Vieira (escritor), Vale Fernandes (jornalista) e Pinto de Carvalho (jornalista); Conselho Literário e Cultural: Luís Veiga Leitão (escritor), Carlos Alberto Lourenço (jornalista), Amilcar Paulo (escritor) e Sérgio Andrade (jornalista).

PSD convocou para Faro o seu Conselho Nacional

O PSD marcou para o próximo domingo, dia 8, uma reunião do seu Conselho Nacional. Os trabalhos deste órgão estão marcados para Faro. Na agenda, além da preparação do V Congresso Nacional, previsto para o dia 27 no Porto, está também incluída uma análise da situação político-partidária que passará forçosamente pelas negociações que têm decorrido com vista a formação do próximo Governo. Entretanto, uma delegação social-democrata será esta tarde recebida por Mário Soares em S. Bento, em mais uma das audiências que o secretário-geral do PS vem tendo com os partidos parlamentares.

A agenda do Conselho Nacional do PSD engloba, como primeiro ponto, a aprovação do regulamento de disciplina dos militantes, seguindo-se-lhe, como segundo ponto, a apreciação de uma proposta de alteração dos estatutos apresentada pelo Conselho de Jurisdição Nacional nos termos de uma deliberação tomada pelo Conselho Nacional de 9 a 10 de Dezembro, em Lisboa. Os dois últimos pontos da agenda visam, como acima se disse, a aprovação do regulamento do V Congresso Nacional e a análise da situação político-partidária. No final dos trabalhos haverá uma conferência de Imprensa em que serão divulgadas as conclusões a que se tenha chegado.

SOUSA FRANCO À «OPÇÃO»

..«Há duas tendências no PSD, a tendência Sá Carneiro e a tendência da actual direcção política. Mas ambas são necessárias» — afirma o presidente da comissão permanente do Partido Social Democrata, Sousa Franco, numa entrevista dada à revista «Opção» e publicada na edição de hoje do semanário de Artur Portela.

Muito extensa, a entrevista, que tem o director da revista como interlocutor do sucessor interino de Francisco Sá Carneiro, trata das questões mais candentes na polémica política portuguesa hoje e incide com agudeza nos problemas internos do PSD.

Merece especial atenção a passagem onde Sousa Franco fala das duas tendências da organização. Para ele, a tendência Sá Carneiro é mais representantiva em termos quantitativos e encontra expressão social básica em «uma boa parte de massas de rurais do Norte e do Centro e do País». A outra tendência, a da actual direcção, é, para Sousa Franco, «uma outra face» do partido — «talvez essa ideologicamente mais marcada pelo programa do partido do que pela figura de A, B ou C. São sobretudo os quadros intermédios, muitos técnicos, pequenos e médios empresários, comerciantes. Esses, mais abertos a uma perspectiva de actuação moderada e a uma leitura mais francamente socializante do programa do partido». Em termos qualitativos, diz Sousa Franco que a segunda tendência está mais representada. «Só que — acrescenta — o PSD é na realidade uma instituição que é feita das duas coisas e admite perfeitamente as duas leituras, visto que ambas se situam dentro do programa do partido. O PSD desapareceria se uma delas deixasse de ter expressão. Ou uma, ou outra».

Quanto à posição pessoal de Sousa Franco, ele próprio diz que se identifica com a segunda tendência.

«POVO LIVRE» NÃO SAIU

O semanário «Povo Livre», órgão oficial do PSD, não saiu ontem, ao contrário do que lhe é habitual, podendo começar a circular hoje. Segundo um porta-voz social-democrata tal facto deve-se a não estar concluída a análise das alterações ao projecto de estatutos do Partido, as quais devem ser publicadas antes do Conselho Nacional de Faro.

COM SOARES E FREITAS DO AMARAL

Delegações do CDS e do PS esta tarde em S. Bento

Uma delegação do CDS chefiada por Diogo Freitas do Amaral desloca-se esta tarde a S. Bento para ter uma reunião com uma congénere do PS, provavelmente chefiada pelo primeiro nome do partido do Governo, o Primeiro-Ministro Mário Soares. Esta reunião deveria ter-se realizado ontem, mas foi adiada.

Este encontro pode revestir-se de aspectos decisivos. Segundo Amaro da Costa, ontem, aos jornalistas, «aproxima-se a grande velocidade o momento do esclarecimento» nas relações PS-CDS. Um porta-voz do Partido do Centro, entretanto, disse à ANOP que «embora não haja progressos significativos, também não há pontos de ruptura», admitindo que até ao fim da semana corrente se chegue a alguma conclusão, positiva ou não, já que — acrescentou — a meta a atingir se situa no início da próxima semana.

UMA SESSÃO E JORNAIS

Entretanto, e ainda através dum porta-voz, o CDS declarou à ANOP que não corresponde à verdade o que os jornais do Porto escreveram a respeito da «sessão de esclarecimento» efectuada na capital nortenha sob a presidência de Amaro da Costa.

Segundo os matutinos nortenhos, o vice-presidente do CDS fora de certo modo impedido de entrar na sede do seu partido, no Porto, por bases centristas que não estariam de acordo com uma «aliança» CDS/PSD, com a exclusão dos sociais-democratas.

A controvérsia gerada em torno do acontecimento — segundo o mesmo porta-voz, falando à agência — ressupõe «a tomada de um episódio pelo todo, não traduzindo, assim, o que veio a passar-se na «sessão de esclarecimento, que durou mais de três horas» e que foi considerada positiva, em termos partidários, por Amaro da Costa, o qual já em Lisboa teria afirmado «estar longe de vir desiludido» com os resultados obtidos na capital do norte — afirmou ainda o mesmo porta-voz centrista.

O LENTO CAMINHO PARA O GOVERNO

Decisões finais no início da próxima semana

O dr. Mário Soares reafirmou, ontem, em contacto com os jornalistas, que o abordaram à entrada da reunião da Comissão Directiva do PS, a sua disposição de dar por concluída na segunda-feira, ou o mais tardar na terça, a fase actual de negociações com vista à formação do Governo.

O «DL» colocou ao Primeiro-Ministro indigitado a questão da conciliação entre o cumprimento deste prazo e a recente subida de tom dos eventuais parceiros nos acordos a celebrar para a formação do II Governo Constitucional, nomeadamente as últimas declarações de dirigentes do Partido Comunista e de elementos com peso decisivo no CDS.

«Tenho-me recusado até aqui a comentar as afirmações dos líderes dos outros partidos», disse o secretário-geral do PS. «Continuo a respeitar esse princípio. Nós estamos a tentar, com todo o empenho, uma solução para a crise, o que julgo se conseguirá. Mas se não encontrarmos saída, di-lo-ei ao País no início da próxima semana e farei, então, os comentários que me parecem adequados. De momento recuso-me a comentar essas declarações de outros dirigentes partidários.»

Quanto ao andamento das negociações interpartidárias, Mário Soares afirmou manter o seu optimismo, garantindo mesmo que «tudo está a correr conforme o projectado» e que era «normal» esperar-se. «Estamos a dar os passos necessários para se chegar a um acordo possível.»

A reunião de ontem da Comissão Directiva do Partido Socialista, efectuada na sede, ao Largo do Rato, seguiu-se a idêntica reunião do Secretariado e antecede a sessão de trabalho da Comissão Nacional marcada para o próximo domingo em Lisboa, pelas 10 horas.

O próprio secretário-geral do Partido Socialista o confirmou ontem: só então, após a última destas reuniões sucessivas do Secretariado, da Comissão Directiva e da Comissão Nacional, dirá ao Presidente da República se existem ou não condições para formar Governo.

MOÇÃO SECRETA

A saída da reunião o Primeiro-Ministro indigitado revelou ter sido aprovada uma moção, que por enquanto não será tornada pública, que é a concretização da discussão havida sobre a situação política.

Ao mesmo tempo, o líder socialista considerou de primordial importância o apoio que é dado pelo PS aos negociadores, para desenvolverem os maiores esforços no sentido de se conseguir um acordo, com a maior abertura possível, esforços que foram ratificados pela Comissão Directiva.

«Nós estivémos a fazer uma discussão», disse Soares, «e essa discussão foi depois concretizada sobre a situação política actual — essa discussão foi concretizada numa moção, que não será pública por enquanto, mas que foi aprovada por uma larguíssima maioria. Não a tornamos ainda pública porque temos uma reunião da Comissão Política Nacional que vai debruçar-se sobre os mesmos problemas e não queremos, evidentemente, andar com o carro adiante dos bois.

«O que é fundamental é esta política de apoio aos negociadores, e, portanto, de continuar com as negociações e com o maior esforço possível, com a maior abertura possível, para chegar a acordo. Foi esta a política que foi ratificada pela Comissão Directiva.»

Destacamento de helicópteros na Madeira

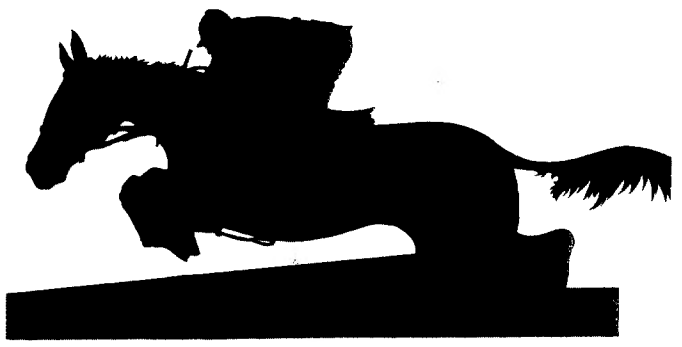
FUNCHAL, 5 — A partir de amanhã, e até ao dia 14, passam a operar no arquipélago da Madeira dois helicópteros «Alouette III» da Força Aérea Portuguesa. Trata-se de uma experiência que tem por objectivo a eventual instalação de um destacamento aéreo permanente de «hélios» naquela região autónoma.

Nesta fase experimental, os dois helicópteros serão utilizados no estudo das condições atmosféricas e geográficas das ilhas, com a finalidade de localizar futuros locais de aterragem, podendo ainda cumprir missões de transporte de pessoal e evacuação que sejam pedidas pelas autoridades locais

DEPARTAMENTO COMERCIAL DE EMPRESA GRÁFICA

Precisa-se de pessoa, com capacidade de boas relações internas e de diálogo com clientes, para trabalhar em contacto com a direcção técnica no que se refere a programação de produção e controlo de custos. Execução de orçamentos e de contratos, troca de correspondência com clientes, controlo extracontabilístico de facturação e cobrança da produção gráfica. Acompanhamento geral das obras em execução, o que exige conhecimentos gráficos base, a desenvolver posteriormente na empresa. Resposta indicando dados pessoais e experiência anterior ao n.º 3789.

JUMPING INTERNACIONAL DE LISBOA



FEIRA INTERNACIONAL DE LISBOA
7, 8, 9 e 10 de Janeiro

CONCURSO DE SALTOS DE OBSTÁCULOS
Com a presença de ALGUNS DOS MELHORES CAVALEIROS DO MUNDO
RECONSTITUIÇÃO DA REAL PICARIA DO REI D. JOSÉ
«A EVOLUÇÃO DA EQUITAÇÃO DE OBSTÁCULOS EM PORTUGAL»

PREÇOS	DIÁRIO	ASSINATURAS
BANCADA CENTRAL	250$00	900$00
BANCADA LATERAL	200$00	720$00
BANCADA TOPO	100$00	360$00
CAMAROTE (6PESSOAS)	1500$00	5400$00

REPRISE DA ESCOLA DE MAFRA
EXIBIÇÃO DE CAVALEIROS DE TOUREIO
EXIBIÇÃO DA ESCOLA DE ALTER

BILHETES A VENDA: PARA ASSINATURA — DIAS 2, 3, 4 JANEIRO 78
NA SOCIEDADE HÍPICA PORTUGUESA E NA F.I.L.

VENDAS AVULSO: DIAS 5, 6 NA S. H. P., F. I. L. E AGENCIA DE BILHETES
PARA ESPECTACULOS DIAS 7, 8, 9, 10 NA F.I.L. E AGÊNCIAS

AMEAÇADOS DE DESPEDIMENTO

Policlínicos recebidos na Direcção-Geral dos Hospitais

Representantes dos policlínicos do quarto ano, ameaçados de expulsão da carreira hospitalar por despacho do ministro Armando Bacelar, foram ontem recebidos na Direcção-Geral dos Hospitais pelo director-geral interino, dr. Augusto Mantas, a quem expuseram pormenorizadamente os seus pontos de vista.

Segundo um porta-voz dos médicos, a audiência, que se prolongou por duas horas e meia, «decorreu cordialmente, em clima de franco diálogo».

No entanto, o director-geral interino esclareceu não estar mandatado para tomar, posições, limitando-se a escutar is reivindicações dos médicos e prometendo levá-las ao conhecimento do ministro.

Hoje os policlínicos efectuam uma reunião de informação e amanhã os seus representantes voltam à Direcção-Geral dos Hospitais para tentarem obter uma resposta.

O dr. Augusto Mantas, na audiência de ontem, explicou aos médicos que não tinha poderes para discutir com eles dois dos três pontos que reivindicam, a saber: a sua reivindicação imediata nas funções hospitalares e a demissão do Inspector Superior da Acção Hospitalar, Gonzaga Ribeiro.

Contudo, o director-geral interino aceitou discutir os aspectos técnicos do contencioso que opõe os policlínicos àquela Direcção-Geral, no que respeita ao mapa de vagas e outros aspectos do concurso para a especialidade.

Vasco nos Bonecreiros

«Vasco nos «Bonecreiros»: Os Bonecreiros tiveram ontem na sua pequena sala de Moscavide, uma agradável surpresa: a presença de Vasco Gonçalves. O antigo primeiro-ministro, assistiu, acompanhado de sua mulher, à representação de «A Estratégia do Cinismo», Carlos Coutinho. A peça, que nos fala de um quotidiano familiar no post-25 de Abril, não ignora os momentos altos da Revolução dos dos Capitães. Particularmente emocionante foi o momento em que se ouviu uma gravação de parte da reportagem do Ex-RCP acerca do dia de trabalho voluntário em Outubro de 74 proposto pelo então primeiro-ministro, na sequência dos acontecimentos de 28 de Setembro. Quando se ouviu uma velha camponesa afirmar ao microfone que não podia deixar de corresponder ao apelo de Vasco («homem que fala verdade e que fez muito pelo pobre...») as centenas de pessoas, que superlotavam a sala, aplaudiram demorada e emocionadamente.

SINDICATO DESMENTE MEIC

Reestruturação pedagógica é do foro sindical

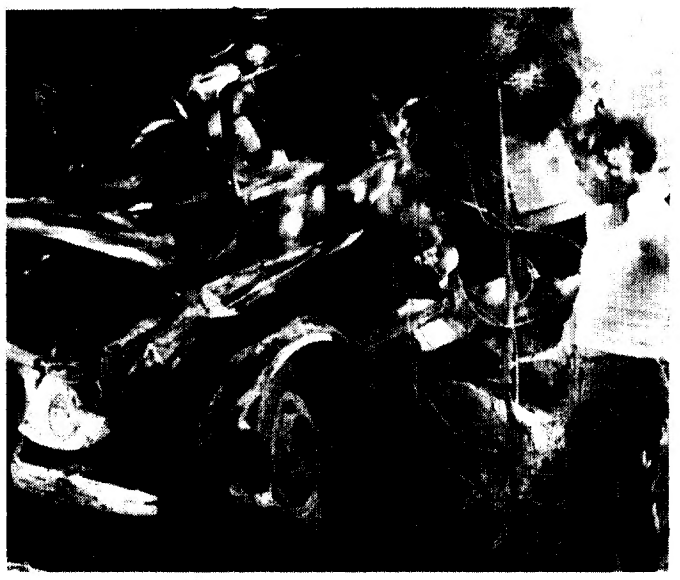
O Sindicato dos Professores da Zona da Grande Lisboa protestou juntou da Secretaria de Estado ao tomar conhecimento de que a Direcção-Geral do Ensino Secundário pretende reestruturar o 12.º grupo do Ensino Técnico sem o ouvir como preceitua a Constituição.

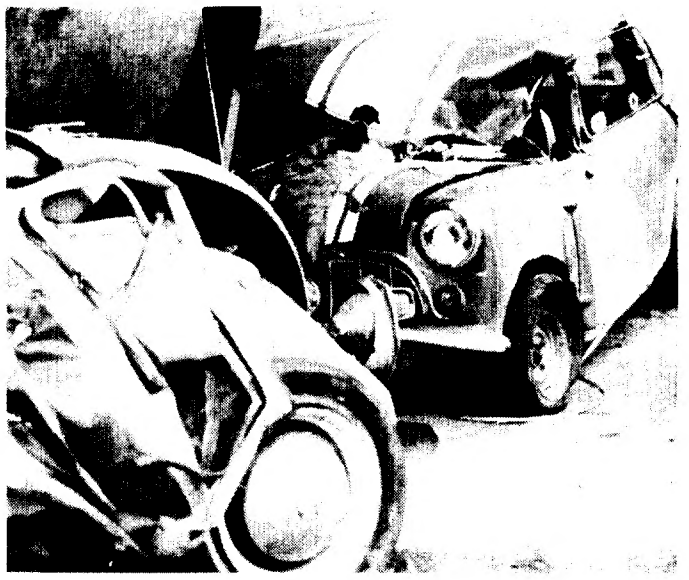
Em resposta, aquela Secretaria, de que é responsável Romero Magalhães, afirmou que «a reestruturação pedagógica não é um problema laboral nem é do foro do Sindicato».

Sobre este assunto tem posição contrária o Sindicato que em comunicado à Imprensa, afirma: «Toda a legislação relativa ao ensino, incluindo obviamente a que se refere a questões pedagógicas, tem a ver com a função do professor e incidências nas suas condições de trabalho».

No caso concreto do 12.º grupo de Ensino Técnico, o Sindicato é de opinião que a sua reestruturação tem implicações laborais porque «este grupo tem, comparativamente com os restantes, uma situação profissional extremamente grave dada a sua composição que abrange docente de várias áreas pedagógicas; (Tecnografias e Trabalhos Oficinais, por exemplo)» depois, porque a «unificação do ensino secundário acarretou aos referidos docentes grandes perturbações na sua situação laboral, dado que implicou o desaparecimento de numerosas disciplinas da sua especialidade e criou outras profundamente diferentes, quer em conteúdos, quer em objectivos, impondo uma revisão efectiva da sua situação».

Assim sendo, conclui o Sindicato, «não reconhecemos ao secretário de Estado da Orientação Pedagógica competência para definir o que é, ou não é, do «foro» do Sindicato».





Os portugueses "preferem" morrer em Agosto

Morreram mais portugueses nas estradas no mês de Agosto do que em qualquer outra época do ano que agora findou. Só nesse mês, em acidentes de viação, perderam a vida 204 pessoas, enquanto ficaram feridas 2.476, números que ultrapassam de largo a média registada nos outros meses.

O mês de Agosto é, aliás, o mais negro da lista das mortes na estrada, dos últimos anos.

Assim, enquanto em 1977 se registaram , nesse mês, 2.204 acidentes, verifica-se que nos anos anteriores Agosto ainda foi mais fatídico. Por exemplo, em 1975 registaram-se 2.522 acidentes, de que resultaram 267 mortos e 3.096 feridos, e em 1974, de Julho a Setembro (únicos dados disponíveis), houve 5.040 acidentes, com 435 mortos e 4.601 feridos.

Agosto é, assim, o mês em que mais se morre nas estradas de Portugal.

No ano passado, em 18.017 acidentes de viação registados, morreram 1.804 pessoas e ficaram feridas 19.750.

No ano de 1976, esse número foi ligeiramente inferior: 17.797 acidentes, 2.142 mortos e 19.826 feridos.

Entretanto, a cidade onde mais se morre vítima de acidentes de viação é Lisboa (no ano passado: 2.799 acidentes, 213 mortos e 2.990 feridos), seguida do Porto (1.841 acidentes , 170 mortos e 1.828 feridos) e Aveiro (1.875 acidentes, 162 mortos e 1.880 feridos).

Temos assim que haverá que mentalizar os automobilistas para redobrarem as atenções naquele período, de modo a que menos pessoas morram em Lisboa no mês de Agosto, e em todo o País em todo o ano.

Vinte e três famílias vivem "a meias" com esgoto rebentado

Vinte e três famílias residentes na «Vivenda Fernandes», sita no Vale Formoso de Baixo (entre a Sacor e a Petroquímica) vivem há seis meses numa atmosfera pestilenta: os canos de esgoto rebentaram, a inundação é permanente, o mau cheiro provoca náuseas. Pequenas e grandes poças de águas pretas garantem a cultura de mosquitos e ameaçam a saúde de crianças e adultos.

A situação mantém-se desde Agosto. A senhoria, Dona Maria, é uma senhora idosa que delegou no sobrinho, o sargento Pedrosa, por sinal enfermeiro, os assuntos relacionados com a grande vivenda. Os inquilinos queixam-se deste procurador: «Há meses que nos prometeu mandar arranjar isto, e até hoje, nada. Ultimamente, disse que não arranja mesmo, porque moram cá meia dúzia de comunistas».

Entretanto, a comissão de moradores recorreu à Junta de Freguesia, e esta apresentou o problema à Câmara Municipal de Lisboa. Nada feito. Tão-pouco foi possível fazer deslocar ao sítio uma brigada dos serviços sanitários. Fáce às circunstâncias, é a própria Junta que aconselha os moradores: «Vão aos jornais, façam barulho, eles que tirem fotografias...»

O pequeno riacho que o leitor vê na imagem que publicamos, vai aumentando de caudal na razão directa da utilização das casas de banho da «Vivenda Fernandes». Pelo menos duas crianças que ali vivem apareceram há dias com manchas no corpo, «vá lá a gente saber porquê...»

BALANÇO DA COOPERAÇÃO E PREPARAÇÃO DE ACORDOS

Delegações de Portugal e da Guiné-Bissau preparam a visita a Lisboa de Luis Cabral

Dezena e meia de funcionários dos escalões médio e superior iniciaram esta manhã, no Hotel Tivoli, em Lisboa, a reunião da Comissão Mista Luso Guineense que vai fazer o balanço da cooperação entre os dois países nos três últimos anos e preparar o terreno para a assinatura de novos acordos, eventualmente já na próxima semana, durante a visita do Presidente Luís Cabral.

Em causa estão particularmente, novos acordos (cultural, saúde, consular, assistência técnica à aviação civil, emigração, cooperação entre as Forças Armadas) para cujo estudo e preparação a comissão mista se dividiu em subcomissões, cada uma correspondente a um dos acordos referidos.

As duas delegações são dirigidas pelo eng. Inácio Semedo, Director-Geral da Cooperação Internacional da Guiné-Bissau, e pelo dr. Mattos Parreira, por parte do Governo português, na sua condição de Director-Geral da Cooperação. Da ordem do dia da Comissão Geral constam, sucessivamente: balanço geral da cooperação por ministérios e sectores; novas formas de cooperação; programa geral a curto e médio prazo; conclusões finais e estudo, discussão e eventual aprovação dos documentos de síntese das subcomissões.

Os trabalhos desta Comissão Mista Luso-Guineense prolongam-se, hoje, por todo o dia e, à noite, o Gabinete Coordenador de Cooperação oferece um jantar aos visitantes, num restaurante típico da capital. A reunião deverá terminar amanhã pelas 17 horas posto o que será emitido um comunicado e os chefes das duas delegações darão uma conferência de Imprensa.

A sessão solene de encerramento está marcada para as 19 horas no Instituto de Defesa Nacional prevendo-se, ainda, que a delegação guineense seja recebida pelo dr. Mário Soares e também pelo dr. João Lima, antes de regressar ao seu País, na noite de sexta para sábado.

COOPERAÇÃO PORTUGUESA ALTAMENTE APRECIADA PELO SEU VALOR HUMANO

A cooperação luso-guineense traduziu-se, ao longo dos dois últimos anos, no envio de mais de 150 professores cooperantes para aquele país, na colaboração no sector das pescas (o adjunto do secretário de estado é português), em que a Guiné-Bissau autorizou os barcos portugueses a actuarem nas suas águas, dando estes parte do pescado para venda no mercado guineense. Ainda, neste sector, estão actualmente quinze bolseiros a estudar técnicas de pesca em Portugal, vindo brevemente juntar-se-lhe um outro grupo de quinze.

Ao chegar ontem a Lisboa, o eng. Inácio Semedo comentou que se visa «tornar mais eficientes os acordos que traduzem as relações históricas entre os nossos dois países», e salientou o significado da assinatura de novos acordos, conforme se espera venha a resultar desta reunião, a poucos dias da chegada a Lisboa do presidente guineense.

Destacou o interesse manifesto da cooperação no domínio das pescas, sobretudo porque está em vias de concretização a constituição de uma sociedade mista luso-guineense neste sector. O eng. Inácio Semedo, irmão do embaixador em Lisboa, ressaltou o significado de «um gesto de amizade» que se traduziu na oferta da primeira recolha de oitenta toneladas de peixe à Guiné-Bissau, durante o III Congresso do PAIGC, pelos portugueses que operam nas águas territoriais do seu país.

No campo das comunicações e transportes, a TAP colabora activamente com os TAGB (Transportes Aéreos da Guiné-Bissau), para além de caber ao Ministério dos Transportes português a formação profissional de técnicos, sobretudo no campo da Meteorologia e de quadros do Comissariado dos Transportes Guineenses. Os problemas dos portos da Guiné-Bissau foram alvo de estudo de técnicos portugueses, recentemente.

Noutro capítulo, uma missão da empresa do Totobola estuda a hipótese de instalar as apostas mútuas naquele país.

Em breve, um técnico da Secretaria de Estado da Integração Administrativa irá estudar a estrutura do Comissariado de Transportes guineense.

No total, Portugal deu à Guiné-Bissau 150 bolsas de estudo em vários domínios, para o período de 1977/78.

Em despacho de Bissau, datado de ontem, o enviado especial da ANOP, Xavier de Figueiredo, assinala que: «Portugal ocupa um lugar próprio e destacado no quadro da cooperação internacional que a Guiné-Bissau, à custa de uma política considerada exemplar, tem conseguido captar.»

sta manhã no hotel Tivoli

Na comitiva do presidente Luís Cabral virá a Lisboa, entre outros membros do Governo, o ministro da Informação, Manuel dos Santos (na foto). O antigo comandante das baterias de misseis antiaéreos foi condecorado pelo presidente, em cerimónia recente, pela sua acção no combate ao avião colonial durante a luta de libertação.

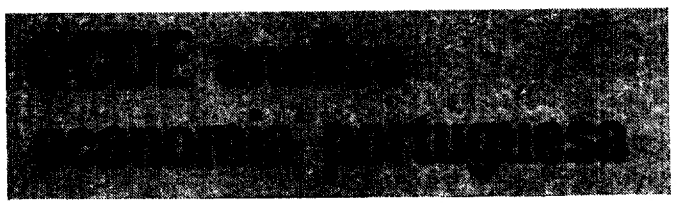
Nalguns sectores, em que o domínio da língua comum e o conhecimento das realidades básicas da Guiné-Bissau tornam mais apta a cooperação, a posição de Portugal não admite sequer a concorrência de países economicamente mais poderosos.

Em termos relativos a assistência que, nos mais diversos domínios, Portugal concede à sua antiga colónia, é mais modesta do que as contribuições financeiras que sobretudo, dos países nórdicos e da Holanda continuam a ser canalizadas para a Guiné-Bissau. Mas nem por isso ela deixa de ser vital e vantajosa — como aliás assinalaria o próprio director-geral da cooperação, Inácio Semedo, em especial pela sua qualidade humana. É com a visita de Luís Cabral na perspectiva de intensificação da cooperação bilateral, que repousa a importância que os dirigentes guineenses, entre os quais o próprio presidente, atribuem à próxima visita de Luís Cabral.

Autorizado empréstimo interno de 42 milhões

O Governo acaba de ser autorizado a emitir um empréstimo interno no montante de 42 milhões de contos, de acordo com uma Lei da Assembleia da República, publicada em suplemento ao jornal oficial.

O empréstimo, que vencerá uma taxa de juro igual à taxa básica de desconto do Banco de Portugal, será amortizado em dez anuidades, a partir de 1983, e destina-se a financiar despesas orçamentais e a reforçar, no montante de 3,5 milhões de contos, a Tesouraria do Estado.



Portugal continua a enfrentar sérias dificuldades económicas, caracterizadas por uma alta taxa de desemprego, taxas de inflação inaceitáveis e um grande défice na balança de pagamentos — firma a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE).

Segundo a ANOP, aquele organismo num relatório anual sobre a economia portuguesa, distribuído ontem em Paris, refere que é difícil dar um quadro correcto da situação portuguesa, pelo menos neste momento, dado que o Governo perdeu um voto de confiança quando a estatística anual nacional estava a ser elaborada. A política económica para 1978 também ainda não foi apresentada.

A OCDE, a organização centralizadora da economia dos 24 principais países industrializados do bloco ocidental, pensa que a situação portuguesa não deve provocar «pessimismo exagerado», mas avisa que a margem de manobra das autoridades portuguesas é muito pequena.

A OCDE diz ainda que, a curto prazo, Portugal deverá tomar medidas conducentes à redução do seu défice externo, calculado oficialmente em 1,2 mil milhões de dólares.

Embora um volume considerável de fundos a longo prazo deva ser conseguido em 1978, «sob certas circunstâncias», o futuro Governo português não poderá contar «aparentemente» com um substancial aumento do investimento privado a longo prazo, antes das perspectivas económicas melhorarem significativamente — diz a OCDE.

O relatório faz notar que o projecto de orçamento para Portugal, em 1978, submetido ao parlamento pelo Governo agora demissionário, é bastante restritivo, com a previsão de um crescimento da ordem dos 3 a 4 por cento.

Dado que se espera um crescimento modesto no comércio mundial, o objectivo oficial de reduzir o actual défice externo para cerca de 800 milhões de dólares, em 1978, será muito difícil de conseguir, a menos que Lisboa «se resolva a aplicar medidas de estabilização» — crescenta o documento.

A OCDE avisa finalmente para o perigo de uma subida em espiral dos preços e apela às autoridades para que explorem todos os métodos possíveis «para sair deste ciclo pernicioso, sem ser por recurso a uma deflação selvagem».

Quebra nas vendas de produtos de petróleo

As vendas de produtos refinados de petróleo para o mercado interno efectuadas em Portugal no primeiro semestre de 1977 totalizaram 2 577 043 toneladas, o que representa uma quebra de oito por cento relativamente à vendas em igual período do ano anterior.

Por outro lado, os fornecimentos aos barcos e à aviação nos primeiros seis meses do ano passado cifraram-se em 309 418 e 236 029 toneladas, respectivamente, tendo os primeiros registado um acréscimo de 2,1 por cento e os segundos uma subida de 7,5 por cento, em relação ao mesmo semestre de 1976.

A nível de produtos, a Direcção Geral dos Combustíveis assinala a descida de 18,2 por cento no consumo de fuelóleo para o mercado interno, devida à diminuição das necessidades do sistema electroprodutor.

Conselho da Revolução

Com uma agenda preenchida pela análise da situação política, a discussão de assuntos de natureza militar e a aprovação de pareceres sobre a constitucionalidade de diplomas legais, reuniu ontem à tarde, no Palácio de Belém, o Conselho da Revolução.

Segundo informação do seu porta-voz, capitão Sousa e Castro o Conselho deverá ter abordado no primeiro ponto da agenda a actual crise política e as diligências encetadas pelo Presidente da República e pelo Primeiro-Ministro indigitado para a formação do II Governo constitucional.

COOPERATIVA – EXTERNATO
Sebastião da Gama
CICLO-LICEAL
Avenida Almirante Reis, 106-1.º e 2.º — LISBOA - 1
Tel.: 82 27 76 - 82 35 31 — Metro ARROIOS

À CLASSE MÉDICA
Somos especializados em BATAS profissionais
TINTURARIA GUANABARA
DEPART. DE CONFECÇÕES
Av. João XXI 5 D – R. Infantaria 16, 55-C – LISBOA

macorex
REVESTIMENTOS — ALCATIFAS — PAPÉIS
PREÇOS SENSACIONAIS
Papéis de parede — desde 90$00/Rolo
Alcatifas de Nylon — desde 125$00/m2
Alcatifas c/ desenhos — desde 250$00/m2
Ladrilhos Plásticos — desde 110$00/m2
Ladrilhos de Alcatifa — a 42$50
AV. DE ROMA, 93-B
(metro Alvalade)
R. MARIA ANDRADE, 60-D
(metro Intendente)

EXPOSIÇÃO DE POMBOS CORREIOS
dia 7 e 8 de Janeiro
CLUBE COLUMBÓFILO ESTRELA
R. do Cabo, 58 • Campo de Ourique

SALDOS
JÁ COMEÇARAM
NA CASA ESTRELA, EM CACILHAS
R. Cândido dos Reis, 60-A e B — T. 275 17 22

UESD PROPÕE MODELO DE TRANSIÇÃO PARA O SOCIALISMO

1.1 A crise profunda que afecta a sociedade portuguesa é o reflexo da crise do capitalismo à escala mundial agravada nos seus efeitos por um processo de acumulação interna, onde durante décadas se escamotearam as contradições através de um aparelho repressivo que destruiu sistematicamente as organizações dos trabalhadores, se suportou uma superstruturas político-jurídica defensora dos interesses do capital, com sacrifício de alguns sectores capitalistas incipientes, cujos agentes se viram marginalizados, e finalmente pela exploração daquilo que foi o último dos impérios coloniais.

1.2. A alternativa que agora se põe, na actual situação, é clara: ou se envereda pela recuperação capitalista, entregando ao capital alguns dos privilégios de que foi desapossado desde Abril de 74, o que será feito mais ou menos aceleradamente através de uma política do tipo da prosseguida pelo Governo PS (cujos compromissos não poderão adiar indefinidamente — definição clara da solução afinal procurada) ou se aprofunda o processo de transição para o socialismo visando a alteração das relações de produção e das formas de propriedade e a independência nacional.

1.3. Com este objectivo se pretende, portanto, um aprofundamento do processo em direcção à democracia política e económica. Como organização política de trabalhadores o futuro movimento político considera que subsistem ainda algumas condições que podem permitir esse aprofundamento e que, no momento actual, a tarefafundamental..Existemalgumas condições que podem permitir este aprofundamento e no momento actual, a tarefa fundamental dos trabalhadores portugueses consiste na defesa dessas condições, por forma a que, num futuro próximo, se possa ultrapassar esta fase de refluxo da luta de classes em Portugal e se avance efectivamente para o socialismo.

1.4. Ao eleger esta tarefa como a número um, pressupõe-se que o perigo fundamental para o aprofundamento do processo de transição para o socialismo é constituído pelo processo inverso posto em marcha pela burguesia: a recuperação capitalista. Para aqueles que pensam ser possível a construção do «socialismo pela via democrática com os representantes da burguesia no Poder», zelando obviamente pelos seus interesses, diremos que só os trabalhadores, através da sua mobilização e das suas organizações, poderão assegurar esta transição democrática.

Porque das duas uma: ou se pretende avançar na construção do socialismo e teremos uma nova organização social donde desapareceu a exploração, ou se pretende a defesa da situação existente, da sociedade velha, e então o modelo é de todos conhecido.

1.5. Em Portugal assiste-se neste momento à tentativa de reposição do velho modelo, base da exploração dos últimos 50 anos, despido, claro, dos aspectos mais aberrantes de que se revestiu durante o fascismo e que mais repugnam à «boa consciência burguesa» actual. À falta de outro, procura-se o antigo, e então apela-se para que a burguesia empreendedora dê o seu apoio à «reconstrução nacional».

Que burguesia empreendedora? Onde estás? Será a mesma que desde 1926 construiu à sua volta uma apertada teia de protecções internas e externas, porque, sendo um subproduto da burguesia europeia, se sentia indefesa? Temia pela sua própria sobrevivência «autónoma»? Neste sentido, e com esta classe de empreendedores já conhecemos onde a História nos conduziria; tão incapaz agora como no passado, com ainda menos margem de manobra visto que entretanto ficou sem as colónias, voltaríamos muito depressa ao antigo modelo, e certamente iríamos muito mais longe do que seria de prever.

1.6. Restará então uma outra alternativa: aquela que passa pela mobilização dos trabalhadores, pelo apoio expresso das suas organizações de classe. Não mais se poderá então pensar em resolver os problemas sem uma posição clara dos trabalhadores. Ter-se-ão de alterar os actuais critérios de rentabilidade económica, exclusivamente baseados no lucro; terá que ser inventada uma nova racionalidade.

2. ANÁLISE DA SITUAÇÃO ACTUAL A INFLAÇÃO, O DESEQUILÍBRIO CAMBIAL O DESEMPREGO E A INCAPACIDADE EMPRESARIAL

2.1. A inflação galopante em Portugal eleva-se a taxas superiores aos 25 por cento e atinge brutalmente o poder de compra dos trabalhadores, principalmente das camadas mais desfavorecidas. E la resulta fundamentalmente, por um lado, da burguesia possidente pretender repor exclusivamente pela via dos preços as taxas de acumulação de capital conseguidas em período de contenção forçada do poder de compra da força de trabalho, de especulação e de privilégios na colocação das suas mercadorias e serviços e, por outro lado, da incapacidade da estrutura produtiva, ancilosada e descapitalizada, parcialmente recuperar os aumentos dos salários nominais e das matérias-primas importadas em aumento.

As medidas financeiras impostas até agora, nomeadamente as dos «pacotes» 1 e 2, no que diz respeito ao aumento das taxas de juro, desvalorização do escudo e diminuição dos salários reais, por aparecerem sem serem tomadas drásticas medidas na reorientação do sistema produtivo, constituiram factores agravantes da inflação.

2.2. Desemprego

O sistema produtivo nacional nunca teve capacidade para absorver a totalidade da mão-de-obra disponível, mas encontrou, durante o fascismo, escapes que permitiram que o desemprego nunca atingisse níveis que pusessem em causa a «ordem estabelecida». Os principais foram a emigração e o subemprego; a emigração, exportanto força de trabalho para os países capitalistas industrializados, permite simultaneamente a inexistência de taxas altas de desemprego e o equilíbrio da balança de pagamentos, através das remessas dos emigrantes.

A crise nos países receptores da mão-de-obra e a consequente paragem do fluxo emigratório, aliado à vinda maciça de desalojados das ex-colónias, alteraram significativamente e bruscamente a situação existente.

O desemprego é hoje um factor preocupante e atinge meio milhão de trabalhadores. As medidas tomadas para reduzi-lo têm sido pouco eficientes, quando nos parece urgente utilizar ao máximo a força de trabalho subempregada e desempregada, através do máximo aproveitamento da capacidade produtiva instalada e da satisfação de carências básicas da população pela imediata instalação de indústrias de trabalho intensivo e extensão ao sector rural de serviços.

2.3. Défice da balança de pagamentos

Em 1974, ainda antes do 25 de Abril, a balança de pagamentos atingiu os primeiros saldos negativos depois de mais de uma década de saldos positivos. A partir do 25 de Abril a situação agravou-se, fundamentalmente devido à descolonização, embora outros factores como a diminuição do turismo, a incapacidade da oferta interna fazer face à crescente procura, a sabotagem das multinacionais e de parte da burguesia possidente tivessem sido factores com peso relevante.

Recentemente, com o VI Governo Provisório e o I Governo Constitucional a situação agravou-se de forma intensa. A incapacidade de diminuir o défice da balança comercial tem sido manifesta como é manifesto que as últimas medidas financeiras vieram agravar aquele défice.

A ausência de medidas excepcionais tanto quanto à utilização de produtos nacionais, tanto de bens duradouros como de consumo, ou quanto à redução drástica dos consumos sumptuários, ou quanto ao aumento das exportações pela máxima utilização da capacidade de produção que simultaneamente permitiria aumentar a oferta interna, nomeadamente pela concessão de facilidades à introdução de trabalho por turnos, são medidas que a curto prazo alterariam signifi-

PUB.

SINDICATO NACIONAL DOS TRABALHADORES DOS CORREIOS E TELECOMUNICAÇÕES (SNTCT)

REPETIÇÃO GERAL DA VOTAÇÃO

DIA 16 DE JANEIRO DE 1978

A Comissão Eleitoral Nacional chama a atenção de todos os associados do SNTCT para:

1 – **Normas Gerais da Votação**

1.1 – Todos os associados do SNTCT deverão ler com a **máxima atenção o comunicado 1/78** da CEN do SNTCT. **Nele se** indicam as normas gerais a respeitar pelos associados e pelas mesas de voto no acto de repetição geral de votação.

2 – **Cadernos Eleitorais, Boletins de Voto, Mode[illegible]s de Actas e de Declarações e «17 de Junho Especial»**

2.1 – Os cadernos eleitorais deverão ser devolvidos à CEN do SNTCT até 10 de Janeiro de 1978 para correcção de possíveis anomalias.

2.2 – Os boletins de voto, os modelos de actas e de declarações (relativas a votos por correspondência) estão a ser enviados, durante a semana de 2 a 6 de Janeiro de 1978, a todos os locais de trabalho, conjuntamente com o comunicado 1/78 da CEN do SNTCT.

2.3 – A partir de 9 de Janeiro de 1978 será enviado a todos os associados do SNTCT o «17 de Junho Especial» sobre a repetição geral de votação.

2.4 – **Todas as anomalias verificadas, em especial, no que respeita aos cadernos eleitorais, boletins de voto, modelos de actas e de declarações devem de imediato ser comunicadas à CEN do SNTCT.**

3 – **Casos que implicarão a anulação imediata de votos**

3.1 – As actas das assembleias eleitorais locais com número igual ou superior a 25 eleitores serão consideradas nulas:

a) Se não derem entrada na CEN até às 18.00 horas do dia 26/1/78;

b) Se não estiverem devidamente assinadas, pelo menos, pelo presidente da mesa eleitoral local e pelas três testemunhas;

c) Se não forem enviadas até às 18.00 horas do dia 26/1/78 os cadernos eleitorais locais devidamente descarregados pelo presidente da mesa;

3.2 – Os votos por correspondência serão considerados nulos:

a) Se o envelope 2 (dois) não tiver «a marca de dia» do dia 16/1/78;

b) Se não for enviada a declaração de voto devidamente preenchida e assinada pelo associado.

c) **Muito importante – é estatutariamente obrigatório o envio de um cartão de identificação. O não envio de cartão de identificação torna o voto por correspondência nulo.** Por cartão de identificação, entende-se o de associado do SNTCT e, na falta deste, o cartão da Empresa ou outro que contenha fotografia e assinatura do associado.

d) Se derem entrada depois das 18.00 horas do dia 18/1/78 os votos por correspondência provenientes do Continente.

e) Se derem entrada depois das 18.00 horas do dia 23/1/78 os votos por correspondência das Ilhas.

3.3 – Os trabalhadores que votem por correspondência e se encontrem no dia 16/1/78 na região da grande Lisboa poderão fazê-lo na sede social do SNTCT das 9.00 às 17.00 horas do mesmo dia mediante apresentação de identificação.

ATENÇÃO — O último associado do SNTCT com direito a voto tem o n.º 19372 e chama-se Manuel dos Reis Duarte (CTF de Fátima)

Lisboa, 4 de Janeiro de 1978

A COMISSÃO ELEITORAL NACIONAL

TÉCNICOS PARA MOÇAMBIQUE

1 Engenheiro mecânico — com experiência, para dirigir empresa de embalagens metálicas no Maputo.

3 Engenheiros técnicos electromecânicos com experiência mínima de 4 anos, para sector de produção em empresas de transformação de plásticos no Maputo e na Beira.

3 Serralheiros mecânicos c/ frequência Escola Industrial e experiência mínima de 3 anos na indústria de plásticos, para empresas no Maputo e na Beira.

Assinalar a relação dos tipos e marcas de equipamento cuja manutenção já efectuou.

Enviar «curriculum» detalhado e condições pretendidas para o N.º 1955 deste jornal.

INSTITUTO DE FORMAÇÃO SOCIAL E DO TRABALHO

CICLO DE ESTUDOS COOPERATIVOS (3 Seminários) destinado a membros de Cooperativas, estudiosos do Cooperativismo ou pessoas desejosas de formarem ou participarem na formação de Cooperativas.

Seminário inicial: **O QUE É UMA COOPERATIVA,** orientado pelo Sr. José Bento Gonçalves, às 3.as e 6.as feiras das 21.30 às 23.30 horas.

Início: 13 de Janeiro — Duração: 16 horas (8 sessões)

CICLO DE ESTUDOS PEDAGÓGICOS (3 Seminários) destinado a professores, promotores de formação e educadores em geral.

Seminário inicial: **PREPARAÇÃO PEDAGÓGICA DE PROFESSORES E MONITORES,** orientado pelo Dr. Artur Parreira, às 3.as e 5.as feiras das 21.30 às 23.30 horas.

Início: 17 de Janeiro — Duração: 16 horas (8 sessões)

CONDIÇÕES DE INSCRIÇÃO ACESSÍVEIS A TRABALHADORES

Informações: **Rua Duque de Palmela, 2 - 5.º — LISBOA**
Telefs.: 57 30 15 / 57 33 41 / 57 59 46

"Perspectiva popular" para o desenvolvimento

cativamente a situação actual (nomeadamente a última) com custos baixos.

2.4. Incapacidade empresarial

O fascismo português, se por um lado foi a repressão, a guerra colonial, a PIDE, a falta de liberdades, os sindicatos corporativos, foi também, por outro lado e fundamentalmente a necessidade da burguesia portuguesa, acumular capital através do controlo repressivo da força de trabalho e criação de condições privilegiadas na realização das suas mercadorias.

O 25 de Abril feriu superficialmente os interesses políticos da burguesia que continuou detentora do poder económico; o 11 de Março atingiu profundamente os interesses económicos da burguesia financeira e latifundiária, principais apoios e beneficiados do regime fascista.

A incapacidade da burguesia portuguesa, nomeadamente da burguesia financeira, ficou patente na vida do fascismo; incapacidade de competir com a estrangeira, sendo obrigada a recorrer a leis proteccionistas (barreiras alfandegárias e condicionamento industrial):

— incapacidade de recuperar as reivindicações salariais dos trabalhadores através da melhor gestão, racionalização da produção e aumentos de produtividade, recorrendo à manutenção do preço da força de trabalho a baixo nível, através das forças repressivas;

— incapacidade de solucionar os conflitos coloniais, senão através da prosecução duma guerra repudiada até pelas burguesias dos países capitalistas industrializados;

— incapacidade, perante condições privilegiadas de exploração da força de trabalho, de recuperar o atraso do nível de desenvolvimento das forças produtivas;

— incapacidade, perante condições propícias a uma alta taxa de acumulação, garantir o pleno emprego e a satisfação das necessidades mínimas da população;

— incapacidade, perante situações de sobreliquidez no sistema financeiro (remessas dos emigrantes, turismo) delinear uma política de desenvolvimento económico.

3. PERSPECTIVA POPULAR PARA A RECUPERAÇÃO. LINHAS GERAIS DE UM MODELO DE DESENVOLVIMENTO

3.1 A recuperação passa, como já foi dito, pela mobilização de todos os trabalhadores e pelo apoio expresso das suas organizações de classe.

3.2. Superar a crise passa agora, mais do que nunca (porque se está a atravessar um daqueles momentos históricos em que se pode perder tudo o que se ganhou) por alterações estruturais que correspondem à acção de fundo; a mobilização dos trabalhadores e a consequente alteração radical da óptica de encarar os critérios de decisão económica.

3.3. Com o défice externo que actualmente se verifica, qualquer projecto ou tentantiva de aprofundar o processo de transição para o socialismo encontra-se à partida bloqueado pela dependência do imperialismo que tal défice acarreta ou ilustra.

Assim, na base de uma nova política, deverá ser dada prioridade ao **máximo aproveitamento dos recursos da terra**, para o que se deverá melhorar o escoamento de produtos agrícolas, garantir preços, fomentar a utilização de adubos e de sementes seleccionadas, adequar as culturas à natureza dos solos, introduzir novas culturas, aumentar a área irrigada (através da construção de obras de hidráulica agrícola — com o que se conseguiria absorção considerável de mão-de-obra) e, em suma, melhorar e alargar e tornar eficazes os serviços de extensão agrária.

3.4. O capital escasso. Ter-se-á de pensar em utilizações diferentes que se foram herdando do velho modelo e que o Governo PS pareceu querer ressuscitar. A todo o custo terão de evitar-se desperdícios em grandes empreendimentos de grande utilização de capital (capital intensivo), tipo Sines, onde cada posto de trabalho irá custar entre 10 000 e 15 000 contos.

3.5. O modelo anterior, além dos défices crónicos da produção, e também por isso, «gerou» mais de 500 000 desempregados. Este é de facto um dos maiores problemas com que se debatem a economia e a sociedade portuguesa. É urgente absorver este excedente aproveitando as potencialidades desses milhares de portugueses desempregados. Jogando mais uma vez com os recursos internos este excedente de mão-de-obra poderia ser orientado para sectores produtivos: utilizadores «intensivos» da força de trabalho, mesmo que aparentemente o não sejam (mais uma vez de volta ao problema da nova racionalidade económica); essa força de trabalho poderia também ser utilizada em serviços de utilidade social visando a melhoria qualitativa da vida dos portugueses; poderia ainda ser canalizada para a indústria do turismo, sector para o qual o nosso país tem aptidões particulares. Na óptica de dar rapidamente emprego aos portugueses desempregados, poderia também enveredar-se pela celebração de contratos programa (electrónica/relojoaria/automóveis).

Portugal carece da maior parte das matérias-primas que utiliza nas suas indústrias transformadoras, e mesmo da maior parte das mercadorias que consome. Esta situação traduz-se na anteriormente referida dependência do exterior (leia-se do imperialismo). O desenvolvimento, mesmo que se inscreva num quadro de transição para o socialismo, e sobretudo quando se enceta este processo, obriga a reforçar as relações económicas com outros países. O que teria de ser evitado é que esse reforço se traduzisse numa cada vez maior dependência do imperialismo, o que acontecerá inevitavelmente com a integração de Portugal na CEE. Ao nível da política externa e não esquecendo a natureza europeia do país, dever-se-ia procurar um desenvolvimento paralelo com o «Terceiro Mundo» nomeadamente com as ex-colónias portuguesas, por forma a procurar uma complementaridade que permita trocas equitativas.

A construção de um novo modelo, que conseguisse ser também uma resposta para a crise, passa ainda pelo aprofundamento da política de redistribuição de rendimentos iniciada em Abril de 74. Tal aprofundamento visaria nesta fase a atribuição generalizada de salários indirectos (saúde, previdência, alimentação, transportes, férias) e passaria necessariamente por uma reconversão de consumos (consumos locais e colectivos) e pela reorganização de circuitos comerciais.

A alteração dos hábitos de consumo e da «ideologia» consumística, que condiciona todos os comportamentos sociais nas sociedades capitalistas, mesmo nas mais atrasadas, constituem também um objectivo prioritário do novo modelo. Qualquer política económica onde se procura reduzir a dependência do exterior é, antes do mais, uma política de substituição de importações. Substituir importações é, nomeadamente, passar a produzir internamente as mercadorias que se compram no estrangeiro.

Aparentemente é uma boa política. Resta saber: produzir o quê? Exactamente o que se importava? Então onde estão as matérias-primas e os equipamentos necessários a essa produção?

. A política de substituição de importações tem falhado em todos os países em que tem sido utilizada — inclusive em Portugal. Mais uma vez o problema é adequar essa política às necessidades reais e às disponibilidades existentes, e tal política só poderá ter êxito se se conseguir provocar uma alteração de consumos que permita a dequar a produção às possibilidades internas.

É por isso que o modelo que se propõe tem de ser, antes de mais, fruto de uma vontade política; é por isso que o novo modelo, visando o prosseguimento do processo de tansição para o socialismo tem de passar pela **planificação da actividade económica** ou, melhor ainda, pelo controlo dos trabalhadores sobre essa actividade económica.

Só empenhando os trabalhadores e mobilizando-os através das suas organizações se poderá pôr de pé o novo modelo de saída para a crise, onde os sacrifícios exigidos serão entendidos não como um retrocesso, mas como parte integrante de um processo difícil, no fim do qual se vislumbra a meta desejada — o socialismo.

4. PERSPECTIVAS DE ACTUAÇÃO SECTORIAL

4.1. A AGRICULTURA

a) Os produtos alimentares e agrícolas representam mais de um quinto das nossas importações, ou seja, quase metade do défice da balança de pagamentos, exigindo-se uma política de aumento da produção das culturas já existentes e de reconversão e lançamento de novas culturas, tornando-se necessário para tal um vasto plano de melhoramento e preparação dos solos, de equilíbrio ecológico, de aproveitamento de todos os recursos hidráulicos para sistemas de rega e de um melhor aproveitamento da mão-de-obra.

b) A base do modelo de desenvolvimento deve assentar no auto-abastecimento dos produtos agrícolas e alimentares e na tendência para a exportação cada vez em maior volume de produtos industrializados e excedentes.

c) Este modelo comporta portanto:

— um aproveitamento mais racional da mão-de-obra rural, quer para os trabalhos de melhoramento da capacidade dos solos, quer para a produção pecuária, de espécies agrícolas que o nosso clima permite, a par de novas culturas florestais e para industrializar (frutos e produtos hortícolas).

— o aumento e racionalização da aplicação de capital fixo que irá ter consequências a montante no desenvolvimento de indústrias a nível nacional e regional.

— a racionalização mais adequada de matérias-primas importadas para a fabricação de adubos e pesticidas, promovendo-se a industrialização de lixos e outros detritos dos centros urbanos com vista à aplicação, como matéria orgânica, nos solos.

— uma política acelerada de industrialização dos produtos agrícolas — indústrias alimentares, mobiliário, etc — com vista a valorizar e a diversificar a produção criando melhores condições de vida às populações rurais.

— uma política adequada de conservação e distribuição de produtos agrícolas e alimentares de modo a evitar os estrangulamentos no abastecimento, a regularizar os preços e a manter a qualidade dos produtos comercializados.

d) Esta política exige apoio técnico e administrativo efectivo às Unidades Colectivas de Produção (UCP) e às pequenas explorações da zona de pequena propriedade, que encontrarão nas cooperativas a resposta para experiências de entreajuda e cooperação entre os agricultores.

e) Deverá proceder-se de forma compulsiva à legalização do arrendamento das terras, de maneira a garantir a estabilidade da exploração, a combater o absentismo e a impedir a evasão fiscal.

f) Relativamente às importações de matérias-primas, que continuarão a ser necessárias, deverão ser estabelecidos acordos específicos e preferenciais com os novos países de língua portuguesa, no tocante ao açúcar, algodão, milho e pecuária, por troca com produtos nacionais manufacturados.

4.2. As pescas

a) A situação privilegiada do nosso país face ao mar torna-o vocacionado para as actividades da pesca, pese embora o abandono a que o sector foi submetido durante o fascismo e mesmo durante a vigência dos Governos Provisórios, e do Governo do PS.

b) Exige-se como acção prioritária a construção de barcos de pesca, principalmente tendo em atenção a área económica das 200 milhas, o que irá criar a montante uma importante dinamização ao nível dos estaleiros navais.

c) Exige-se simultaneamente a criação de infra-estruturas de armazenagem (frio) transformação (enlatados e farinha de peixe) e circuitos de comercialização adequados.

d) Deverão ser estabelecidos esquemas de controlo de preços que defendam o pescador e o consumidor dos intermediários parasitas, que neste sector são dominantes, pondo à disposição dos pescadores e das suas associações pequenos armazéns frigoríficos para apoio às lotas e meios para chegarem aos postos de venda.

e) Deverá ser lançado um plano de exploração das áreas interiores que poderão ser um forte potencial de abastecimento em pescado às populações mais carenciadas do interior.

4.3. Indústria, minas e energia

a) No campo das riquezas minerais deverão ser estabelecidos acordos internacionais tecnológicos para explorar os recursos disponíveis, levando o mais longe possível a transformação dos minérios, a realizar por empresas portuguesas sob controlo estatal.

b) O sector industrial não só é importante pela produção de bens que até agora são importados, como pelo facto de ser um motor de desenvolvimento e onde prepondera o trabalho intensivo, absorvendo mão-de-obra desempregada ou mal aproveitada no sector agrícola a baixos dispêndios de capital.

c) De uma vez para sempre deverão ser estancados os investimentos que estão comprometendo largas somas de capital sem criarem número significante de postos de trabalho ou sem aproveitarem matérias-primas locais e sem que sejam ao menos fontes de rendimento dos capitais investidos, devido à crise dos respectivos sectores.

d) Deverão ser privilegiados os sectores da metalomecânica ligeira, pesada e naval, de apoio à agricultura, de construção de obras públicas e de aproveitamento de produtos que substituam as matérias-primas importadas.

e) Deverão ser promovidas formas de organização centralizada que agrupem trabalhadores, o Estado e empresários por sectores industriais que estudem e promovam a sua reorganização e dinamização, a aquisição de matérias-primas e promoção de exportações.

f) Deverá ser lançada uma política agressiva e eficaz de comércio externo, mobilizando toda a capacidade de produção em produtos que possam ser utilizados na exportação.

g) Deverá ser dinamizada a construção civil não só através da construção de habitações, para resolver os problemas mais graves de alojamento junto às grandes cidades; obras públicas de saneamento básico, redes de comunicação, como também na construção de instalações turísticas.

h) A utilização de energia deverá exigir esquemas de economia e austeridade no consumo através de medidas específicas que privilegiem os sectores produtivos e, simultaneamente, de técnicas de aproveitamento integral. Deverão ser prosseguidas e lançadas obras de aproveitamento de todas as capacidades hidroeléctricas assim como a distribuição da electricidade à província, com prioridade às actividades produtivas.

4.4 Turismo

a) No campo dos serviços há que tirar vantagem da posição geográfica e clima. O turismo de massas será dinamizado pelo lançamento de investimentos apoiados pelo Estado, que exigirão por sua vez o aumento de produção agrícola para satisfazer as necessidades da população flutuante e proporcionarão ainda emprego a mais trabalhadores hoteleiros.

b) Deverão ser criadas infra-estruturas de apoio à maior eficiência do serviço turístico e adoptar medidas cambiais que o tornem competitivo. O parque turístico actualmente existente tem que aumentar a sua ocupação por estrangeiros, o que se fará, graças ao largo número de meses de bom clima no nosso país, promovendo-se tanto quanto possível a mudança do período oficial de férias dos portugueses para os meses que não tenham a procura dos estrangeiros.

c) Tem-se consciência no entanto que o turismo é uma actividade precária, dada a elevada concorrência de países mais experimentados e dada a retracção dos países consumidores. Contudo ele será um investimento que ocupará mão-de-obra em escala apreciável e de resposta rápida.

d) No plano interno as intalações turísticas poderão ser aproveitadas a médio e longo prazo para zonas urbanas de futuros pólos de desenvolvimento e para o repouso da terceira idade.

e) Os meios e empresas de transporte marítimo e aéreo que ficaram desocupados com a alteração da nossa relação com África terão de encontrar no turismo e no serviço internacional receitas que permitam o seu equilíbrio financeiro e renovação do equipamento, através quer da utilização dos seus navios e aviões, quer do fornecimento de serviços de apoio ou alugando material.

4.5. Comércio

a) Os sectores do comércio, quer externo quer interno, exigem um apertado controlo e dinamização por parte do Estado e que melhora, no que diz respeito às trocas com o exterior, a situação da nossa balança de pagamentos, impedindo movimentos especulativos e fraudes cambiais, e uma racionalização do consumo dos produtos importados.

b) A importação deverá ser objecto de um apertado controlo em função das necessidades fundamentais.

c) Relativamente ao comércio interno deverão ser criados circuitos de comercialização que recebendo os produtos directamente da produção garantam a eliminação dos intermediários parasitas, o abastecimento de produtos essenciais às populações, o pagamento de preços justos aos produtores , dentro de uma política de controlo de preços ao consumidor e de garantia ao produtor.

4.6 Finanças

a) A política económica exposta deverá exigir no campo financeiro medidas que orientem o crédito para as actividades que aumentem a produção, de modo a melhorar a balança de pagamentos, a acumular as exportações, a substituir importações e a criar novos empregos.

b) Para atingir estes objectivos exigir-se-á a reestruturação da banca e a sua especialização de acordo com os sectores de actividade a apoiar e a sua implantação regional.

c) Deverão ser tomadas medidas para recolha de poupança voluntária e forçada numa base de justiça, acontecendo o mesmo na aplicação de medidas fiscais (a evasão das quais será severamente punida).

4.7. Planeamento

a) O planeamento, com o objectivo de estabelecer as grandes linhas dos Planos a Curto, Médio e Longo Prazo terá de ser uma prática fundamental e permanente para ajustar as medidas económicas e financeiras aos objectivos estabelecidos para os vários sectores da vida nacional.

b) Exigir-se-á o abandono da prática comum, conhecida desde os anos 50 a partir dos planos de fomento, de completa incapacidade de cumprir metas ou mesmo de acompanhar a evolução do trabalho realizado.

c) Deverá exigir-se por um lado a elaboração de estatísticas que mereçam confiança e sejam informadoras de toda a evolução económica e por outro a prestação de informações correctas pelos diversos agentes económicos, numa base de honestidade, independência e desinteresse.

De mistura com champôs e sabonetes, laranjadas e outras beberagens, lojas de utilidades e cabeleireiros de senhoras, surgem-nos nos cartazes publicitários do «metro» estes convites ao voto na lista «A» do Sindicato dos Trabalhadores de Escritório de Lisboa. São às dezenas e estão espalhados pelas diversas estações. Custam à razão de 1.300 escudos cada um, durante um mês, sem contar os gastos com a produção. E sem contabilizar também os grandiosos cartazes publicitários da RED, distribuídos pelas ruas da cidade à razão de quatro contos por mês, cada. Perguntam-nos a este propósito alguns leitores, sócios daquele sindicato, onde foi a lista «A». afecta à «Carta Aberta». buscar tanto dinheiro para se autopublicitar. Quanto aos champôs, sabonetes, etc., a resposta normalmente é: à multinacionais. E quanto à «Carta Aberta»?

GREVE NA TAP

Trabalhadores interrogam sobre recuperação da empresa

A greve decretada pelo Sindicato do Pessoal de Voo da Aviação Civil está dependente da aceitação por parte do CG da TAP das condições que constam duma proposta aprovada na assembleia geral que ontem à noite se realizou naquele Sindicato. A proposta vincula a direcção a continuar as negociaçõ s e, caso seja aceite, o montante de 275 mil contos não será ultrapassado e a greve será suspensa.

A tabela com os aumentos salariais propostos pelos sindicatos orçava, na opinião destes, os 275 mil contos, anuais. Verificou-se posteriormente que em resultado das cláusulas inclusas no acordo, a verba seria consideravelmente superior. Segundo os termos do texto, ultrapassando a verba o montante dos 275 mil contos, seria necessário fazer acertos para que aquele limite se mantivesse. O Sindicato dos Pilotos da Aviação Civil marcou posição defendendo que a haver cortes eles não iriam afectar os associados do SPAC. Logo irão automaticamente afectar o restante pessoal de voo, contingência que o Sindicato do Pessoal de Voo não quer aceitar.

A posição foi divulgada no plenário de trabalhadores que ontem à tarde decorreu na cantina da TAP, tendo o Sindicato do Pessoal de Voo entregado ainda ontem no Ministério do Trabalho e ao Conselho de Gerência o pré-aviso de greve.

8 Os cerca de 2500 trabalhadores que participaram no plenário aprovaram uma moção em que não admitem que os aumentos do pessoal navegante da TÁ ultrapassem os 275 mil contos anuais. Por outro lado, exigem a distribuição equitativa dos 75 mil contos, que excedem os 200 mil inicialmente propostos pela TAP, pelos trabalhadores de terra (como acréscimo aos vencimentos), em cumprimento de decisão tomada no penúltimo plenário.

A moção responsabiliza também as partes intervenientes no acordo nomeadamente o Conselho de Gerência (e também o Governo) pelo descontentamento que os aumentos do pessoal de voo vieram provocar nos restantes trabalhadores da TAP.

Os trabalhadores vão ainda exigir ao Conselho de Gerência e ao Governo a explicação de como pensam recuperar os prejuízos causados pela greve e de como vão pagar os aumentos do Pessoal de Voo, mantendo a recuperação económica de que a companhia nacionalizada vinha a beneficiar.

NA JF DOS SANTOS

Quem põe termo à repressão?

. Os trabalhadores da Sociedade de Construções Joaquim Francisco dos Santos estão a diligenciar junto dos órgãos de soberania no sentido de pôr termo ao clima de intimidação, perseguição e repressão que foi desencadeado na empresa após o regresso da entidade patronal pela mão do ex-governo.

Neste momento encontram-se suspensos 17 trabalhadores e outros dois foram despedidos: entre eles encontra-se a totalidade da comissão de trabalhadores (14 elementos) e dois engenheiros pertencentes ao quadro técnico da empresa. «Todos os elementos que se destacaram na defesa dos interesses dos trabalhadores e que evitaram o despedimento de cerca de 400 trabalhadores em 1974 e posteriormente lutaram pela sua sobrevivência, são agora alvo todos eles de medidas provocatórias e logicamente de procedimentos disciplinares», explicou esta manhã a comissão de trabalhadores da empresa num encontro com os órgãos da comunicação em que também participaram elementos do Secretariado da União dos Sindicatos de Lisboa.

Na aplicação destas medidas disciplinares tem-se destacado um consultor jurídico contratado pela entidade patronal aquando do seu regresso. Trata-se do dr. Menano Maia, indivíduo despedido da Caixa de Previdência da Indústria antes do 25 de Abril devido às guerras de intrigá de então, e depois contemplado com uma «indemnização» de 400 contos.

Inexplicavelmente, o dr. Menano Maia foi nomeado instrutor dos últimos processos disciplinares, em que são visados precisamente alguns trabalhadores com a acusação de terem subscrito um comunicado em que denunciam a sua actuação. Os trabalhadores afectados ainda não obtiveram resposta a um requerimento que apresentaram no sentido de que fosse nomeado outro instrutor, já que o dr. Menano Maia é considerado parte interessada. Da exposição apresentada a este respeito foi enviada cópia à Ordem dos Advogados.

Entretanto os trabalhadores despedidos recorreram para o tribunal do trabalho. Por outro ado vai ser entregue à Presidência da República, ao Conselho de Revolução e à Assembleia da República um abaixo-assinado subscrito pela esmagadora maioria dos trabalhadores da empresa protestando contra a escalada persecutória que ali se verificou depois do regresso da entidade patronal.

DÍVIDAS À PREVIDÊNCIA

Entretanto, o executivo do secretariado da União dos Sindicatos de Lisboa divulgou um comunicado esclarecendo anomalias referentes ao pagamento das dívidas à Previdência por parte da Joaquim Francisco dos Santos.

Alegando dificuldades económicas da empresa, o patrão recém-regressado requereu ao Instituto de Gestão Financeira da Previdência uma declaração em como a situação de dívida à Previdência se encontrava regularizada, a fim de não lhe ser descontada pela banca a percentagem de 25 por cento previsto na lei.

Anteriormente, tinha sido concedida à empresa a possibilidade de pagar em prestações os cerca de 30 mil contos que deve à Previdência; mas como não satisfaz nenhuma delas, foi-lhe instaurado um processo que se encontra pendente em tribunal. Esta situação não impediu o IGF e a Secretaria de Estado de Segurança Social de se pronunciarem favoravelmente quanto à certidão que demonstra a «regularização» das dívidas à Previdência pelo prazo de 90 dias.

Por isso, a certidão é ilegal — afirma a USL, que alerta os trabalhadores para «as fraudes que estão a ser cometidas contra os seus dinheiros».

FUSÃO DAS CERVEJEIRAS

Unicer não tem à partida viabilidade económica

. «Dadas as condições de inviabilidade económica criadas à partida ao grupo Unicer, até que qualquer que seja o Conselho de Gerência que venha a aceitar o cargo (a menos que sob a sua responsabilidade) aceite ser o coveiro da Unicer» — foi afirmado, na tarde de ontem, durante uma conferência de Imprensa dada por elementos da CT da CUFP, nas suas instalações, em Leça do Balio.

Depois de explicitarem que o objectivo da reunião era de dar a conhecer à opinião pública a situação preocupante criada pela recente promulgação dos estatutos da Unicer-EP, um representante dos trabalhadores afirmou: «nunca esteve no espírito dos trabalhadores da CUFP rejeitar a fusão» do grupo de empresas constituído por aquela empresa, pela Copeja (Santarém) e Imperial (Loulé) «mas tão somente que esta fusão se concretizasse à partida em condições de viabilidade económica» o que, sublinharam, não sucedeu.

Efectivamente, disseram, o secretário de Estado da Indústria que sempre se disse defensor dos interesses dos trabalhadores (afirmou que o decreto-lei que viria a promulgar os estatutos, conteria um preâmbulo em que ficava assegurada a autonomia jurídica das três empresas, aglutinadas na Unicer) faltou ao prometido.

Noutro passo, os promotores da reunião especificaram a situação concreta das três empresas: a CUFP «tem um resultado previsional, para o exercício de 1977, de cerca de 30 mil contos. As duas outras empresas (Copeja e Imperial) agora aglutinadas «têm segundo a previsão o prejuízo acumulado, em 31/12/77, de cerca de 330 mil contos».

Desta forma, afirmaram ainda, «as empresas agora fusionadas na Unicer apresentariam à partida uma redução da sua situação líquida da ordem dos 300 mil contos». Um dos aspectos que «contribuiu para esta situação desastrosa» é o das duas empresas, Copeja e Imperial, «terem vindo a reter de há dois anos a esta parte os impostos de transacção de que são fiéis depositários» acrescentaram.

E a concluir, os elementos da CT afirmaram que as verbas do IT «atingem no momento os 360 mil contos» o que transfere para a Unicer mais um vultoso compromisso quando, «na verdade, a CUFP sempre cumpriu todas as suas responsabilidades muito particularmente as que dizem respeito ao fiel depósito dos dinheiros do Estado».

PUB.

SINDICATO DOS TRABALHADORES DO COMÉRCIO E SERVIÇOS DO DISTRITO DE SANTARÉM

AVISO

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

Em conformidade com os artigos 24.º alínea b) e 25.º dos Estatutos, convoco a Assembleia Geral a reunir **no dia 20 de Fevereiro de 1978, pelas 21 horas,** no Salão do INATEL, em Santarém, com a seguinte ordem de trabalhos:

1. APRECIAÇÃO, DISCUSSÃO E VOTAÇÃO DO RELATÓRIO E CONTAS DO EXERCÍO DE 1977;
2. APRECIAÇÃO, DISCUSSÃO E VOTAÇÃO DO ORÇAMENTO DAS RECEITAS E DESPESAS PARA 1978.

A Assembleia funcionará à hora marcada, com qualquer número de associados (art.º 28.º) dos Estatutos. Os sócios devem fazer-se acompanhar do seu respectivo cartão.

Santarém, 23 de Dezembro de 1977

O PRESIDENTE DA MESA
DA ASSEMBLEIA GERAL

a) José Fernando Menino da Conceição

AVISO

ASSEMBLEIA ELEITORAL

Em conformidade com o art.º 24.º dos Estatutos e art.º 4.º do Regulamento Eleitoral, convoco a Assembleia Eleitoral **para o dia 3 de Março de 1978,** com a seguinte ordem de trabalhos:

PONTO ÚNICO:

ELEIÇÃO DOS CORPOS GERENTES
PARA O TRIÉNIO DE 1978/81

Os sócios devem fazer-se acompanhar do seu cartão, e manter a quota em dia, sem o que não constarão dos Cadernos Eleitorais.

Oportunamente, serão divulgadas as Mesas de voto.

Santarém, 23 de Dezembro de 1977

O PRESIDENTE DA MESA
DA ASSEMBLEIA GERAL

a) José Fernando Menino da Conceição

SINDICATO DENUNCIA

Patronato desestabiliza no sector das madeiras

«Denunciar publicamente e alertar os órgãos do Poder para as manobras abertamente reaccionárias da Associação Nacional das Indústrias de Madeira, comandadas pelas centrais do grande capital nacional e internacional» — é uma das decisões contidas numa moção aprovada no dia 30 de Dezembro, em Assembleia-Geral do Sindicato os Trabalhadores das Indústrias de Madeira do Distrito de Lisboa.

A mesma moção manifesta «a firme determinação de lutar pela imediata aplicação das normas positivas da Portaria de Regulamentação de Trabalho, sem prejuízo da luta por um novo e digno CCT vertical para todos os trabalhadores das indústrias de Madeira».

Esta moção surgiu na sequência de notícias dando conta de que o patronato reaccionário do sector, encabeçado pela ANIM, propôs no Tribunal de Trabalho do Porto, uma acção de anulação da PRT do sector».

De acordo com o documento aprovado naquela AG, «o grande patronato reaccionário visa lançar a confusão junto dos pequenos e médios empresários, no sentido de se furtarem ao cumprimento das normas positivas do sector».

Além disso, trata-se de uma manobra política de desestabilização social do sector, integrada na ofensiva da recuperação capitalista e imperialista das forças reaccionárias».

Seguro do "Boeing" acidentado será para compra de novos aviões

A TAP vai adquirir dois novos «boeings» 727/100 como o que a nossa foto mostra

. PORTO, 5 — «Vamos comprar dois «727-200» com o levantamento de metade do seguro que vamos receber pelo avião sinistrado na Madeira. Podemos levantar quatro milhões de contos dos oito milhões que nos são destinados e já tivemos autorização para os investir em dois aviões. Um desses «727-200» será adaptado em avião de carga». Estas afirmações foram feitas ontem no Porto pelo presidente do conselho de gerência da TAP, eng. Frederico Monteiro da Silva, numa reunião com agentes de viagem ocorrida no hotel Infante de Sagres. O eng. Monteiro da Silva afirmou ainda que com início em Abril, partindo de um acordo com a «Swissair», haverá dois voos semananais de cada companhia para ligação do Porto a Génève. Aumentarão ainda os voos para Londres, para Caracas e para o Funchal. Decorrem estudos com a «Lufthansa» para ligações do Porto com a Alemanha Federal. Para além disso, a TAP considera que outros mercados merecem igualmente atenção com vista a ligações entre o nosso país e diversos países do continente americano, da África e do Médio e Extremo Oriente, salientando que existem já acordos aéreos a concretizar com alguns desses países.

O eng. Monteiro da Silva salientou a importância do aeroporto de Pedras Rubras no que respeita às receitas de carga e vincou de novo que, apesar de todo o esforço, os encargos da TAP são pesados, dada a necessidade de melhoramento da frota, aumento do custo de combustível e preocupações ecológicas que obrigam à utilização de aviões mais eficientes e menos ruidosos. A nível interno haverá igualmente diversas remodelações desde os uniformes de pessoal de cabina até ao interior dos aviões «B-707».

COM COLABORAÇÃO DA NASA

Prossegue o inquérito ao desastre da TAP

A Direcção-Geral da Aeronáutica Civil acaba de tornar pública a «parte narrativa do Relatório Preliminar» da Comissão de Inquérito ao desastre da TAP, em 19 de Novembro, na origem de 130 mortos e 34 feridos. Dois factos principais poderão ter determinado a tragédia: «aterragem comprida» e hidroplanagem. Ao aterrar «comprido», o Boeing 727 «encurtou» a pista remanescente, limitando-a a três mil pés. A aterragem verificou-se, a despeito de uma informação da torre que anunciava aguaceiro muito forte.

Entretanto, eram esperados hoje em Lisboa dois técnicos norte-americanos da NASA, Bhorne e Thomas J. Yagner. Estes especialistas deslocam-se ao nosso país a convite da Direcção-Geral da Aeronáutica Civil justamente para colaborarem com a Comissão de Inquérito, devendo seguir para o Funchal amanhã, sexta-feita.

Em declarações à agência Anop, o presidente da Comissão, comandante Rego de Sousa, disse que «queremos aprofundar com especialistas mais avançados nessa matéria as causas que teriam provocado o acidente».

Após os estudos a realizar no aeroporto de Santa Catarina, a Comissão de Inquérito e os especialistas norte-americanos prosseguirão as suas reuniões em Lisboa.

Carlos Robalo (CDS) sai da "Novimprensa" proprietária do "Jornal Novo"

. O deputado do CDS Carlos Robalo demitiu-se do lugar de vogal do Conselho de Administração da Novimprensa, empresa proprietária do «Jornal Novo» — apurou a ANOP junto de Morais Cabral, um dos administradores e director interino daquele vespertino.

Morais Cabral, disse à ANOP que Carlos Robalo se demitiu «por motivos de ordem profissional», pois, além de deputado do CDS desempenha também funções empresariais.

A vaga de Carlos Robalo «não será forçosamente preenchida», porque — acrescentou Morais Cabral — os estatutos do Conselho de Administração da «Novimprensa» permitem que esse órgão funcione com apenas três elementos.

O Conselho de Administração é constituído neste momento por António Vasco de Melo, presidente, Morais Cabral, e Eduardo de Lemos.

Por outro lado, Morais Cabral, não confirmou nem desmentiu que Helena Roseta, deputada do PSD, seja uma das personalidades com quem a administração da «Novimprensa» já contactou no sentido de assumir a direcção do «Jornal Novo».

O actual director deste vespertino disse que «a partir de 16 do corrente mês já deverá haver uma direcção efectiva», pois não admite a hipótese de continuar a dirigir o «Jornal Novo», «por motivos de ordem profissional».

"Conto do vigário" mete detergente

. Pedir um conto e quinhentos pela compra de um serviço de louça que nunca mais aparece é a última novidade do «conto do vigário» à portuguesa. Não tem música, mas por acaso tem brinde: um saquinho de detergente.

Casos concretos foram já detectados na zona de Entrecampos e permitem acrescentar que o alvo ideal são as donas de casa e as empregadas domésticas menos cautelosas. Uma mulher de meia-idade bate à porta, oferece um saco de plástico com detergente e mostra então uma peça de louça de um serviço que trará mais tarde. Para a entrega se concretizar há que pagar, adiantados, mil e quinhento escudos. Trata-se de «uma ocasião a não perder» — pela barateza...

Claro está que o serviço não aparecerá nunca e a candidata a compradora fica mesmo sem o dinheiro. Como processo não é lá muito engenhoso, convenhamos, mas há quem esteja a cair na esparrela.

Estivadores açorianos fazem boicote à CTM

Os estivadores de Ponta Delgada iniciaram a prevista greve exclusivamente contra a Companhia de Transportes Marítimos, empresa nacionalizada que se recusa a pagar-lhes um aumento salarial de 15 por cento.

No entanto o boicote que apenas atinge aquela empresa significa na prática que será afectada a quase totalidade do tráfego daquele porto açoriano.

Segundo ontem se afirmava em nota divulgada pela Secretaria Regional do Trabalho, as novas tabelas salariais teriam resultado de um acordo verbal celebrado na altura da última revisão salarial entre os sindicatos e as empresas de transportes marítimos e agentes de navegação.

Entretanto, em resposta a uma reclamação apresentada por aquele departamento do Governo Regional dos Açores que pretendia a normalização «quanto antes das condições de tráfego para os Açores», a Secretaria de Estado da Marinha Mercante publicou hoje um comunicado em que afirma a impossibilidade de a CTM suportar novos encargos com os estivadores, «uma vez que não se dispõe de orçamento que permita subsidiar os prejuízos daí resultantes».

Estudantes de Psicologia paralisam as aulas

. PORTO, 5 — Cumprindo uma decisão tomada ontem em RGA, os estudantes do Curso de Psicologia paralisaram as aulas até à satisfação de reivindicações apresentadas à Comissão Instaladora.

Entre elas conta-se a exigência de frequências o estabelecimento de horários que sirvam os trabalhadores-estudantes que constituem um terço de todo o pessoal da escola, a regularização das inscrições na Secretaria Geral e a abertura e funcionamento da biblioteca.

Entretanto, parecem estar postos em causa os quatro e quinto anos do curso para os estudantes-trabalhadores já que segundo um dos membros da CI, aqueles dois anos serão essencialmente práticos devendo as aulas decorrer de dia. Os estudantes contestam esta perspectiva de impedimento à partida da conclusão do curso para os estudantes-trabalhadores.

A Publicidade bem utilizada

- contribui para a redução de gastos de energia e do consumo de combustíveis
- ajuda a economizar tudo que não constitui consumo indispensável
- estimula as economias, os depósitos a prazo e outras formas de poupança
- contribui para a prevenção de acidentes, doenças e surtos epidémicos
- participa na generalização de hábitos de higiene e na defesa da salubridade pública
- cria o gosto pela leitura e pelo aproveitamento cultural e artístico dos tempos livres
- divulga as vantagens da educação física e da prática dos desportos
- sugere programas de utilização dos tempos livres e de gozo das férias
- ensina regras de alimentação e a preferir os melhores alimentos
- defende e orienta o consumidor
- melhora as condições de tráfego e de ambiente, das estradas e dos centros urbanos
- valoriza as qualidades dos produtos
- explica as vantagens de utilização dos serviços
- é uma arma na batalha pelo desenvolvimento económico e social do País

as Campanhas de Publicidade devem pois ser

- bem concebidas/estudadas cientificamente
- orientadas num sentido de utilidade social
- distribuídas pelos meios e veículos mais apropriados

Entregue as suas Campanhas a uma boa Agência de Publicidade

O TERRÍVEL "PECADO" DE SER DOENTE (1)

Dezasseis horas de inferno entre S. José e os Capuchos

JOSUÉ DA SILVA

O abandono, assim, durante horas e horas

Toda agente sabe que o problema da Saúde e Assistência Social é um «buraco» do tamanho do próprio País. Mas é preciso estar-se doente ao menos uma vez e, dessa vez, ter de recolher de urgência a um hospital civil, para se sentir bem na pele (bem na alma) as deficiências de todo um aparelho desajustado, ineficaz e pôdre — herança real que os quarenta e oito anos de fascismo nos ofereceu, decerto como «castigo» por não termos sido capazes de o derrotar muito antes do 25 de Abril de 1974.

O que vamos descrever é uma história de todos os dias: uma senhora baixa ao hospital com uma apendicite aguda. Coisa tão simples não deveria dar para assunto de jornal. Mas dá, porque são tão gritantes e aberrativas as contingências sofridas pelo doente que um caso que nem história mereceria ter — se as circunstâncias fossem outras — acaba por transformar-se num infernal exemplo de ineficácia e até de desumanidade.

Tem esta história um complemento que diz respeito ao modo como um doente, depois dos tratos de polé da sua «aventura hospitalar» pode ser recebido num posto de Caixa de Previdência. Com ameaças e insultos soezes, sofridos no desespero e na impotência, perante a passividade das entidades que já há muito poderiam ter providenciado no sentido de não deixar que casos como este acontecessem.

Fernanda Madeira, compositora-perfuradora de profissão, 29 anos de idade, de Lisboa, veio contar-nos a sua odisseia, iniciada no dia 10 do mês passado quando, devido a uma apendicite aguda, se viu obrigada a dirigir-se ao Banco de Urgência do Hospital de S. José. Ouçamo-la:

«Dei entrada naquele Banco por volta das 11 e 30 do dia 10. Depois de ultrapassada a tremenda maçada que é para o doente a parte burocrática da admissão, levaram-me para o interior do Banco e já sobre as 12 horas fui vista por um médico de serviço, que ordenou uma análise imediata. O resultado da análise apareceu por volta das 14 horas, o que já de si me parece uma grande estopada. Voltei então a ser vista por um segundo médico, que me disse que eu não saía devido ao estado adiantado da apendicite, em fase aguda.»

«DL» — «E ficou internada?»

F M — «Fiquei internada. Quer dizer... fiquei à espera do que viria a seguir. Aguardei cerca de uma hora. Cheia de dores, naturalmente, e no meio daquele espectáculo deprimente que é o ambiente de um Banco de Urgência como o de S. José. Cerca das 15 horas apareceu uma senhora, não sei se enfermeira, se funcionária de quaisquer serviços, que me colocou no pulso uma ficha com um número e me disse: «A partir desta hora está internada. Não pode sair daqui.»

«DL» — «E continuou à espera...»

Fernanda Madeira prossegue:

«Sim. Continuei sentada num banquinho, as dores a apertarem, o tempo a correr, uma incomodidade sinistra por dentro e por fora. Lá para as 16 horas surgiu um funcionário. Trazia nas mãos as papeletas de todos os doentes que iam ser internados naquela tarde. Chamou-nos pelos nomes e levou-nos para uma espécie de casinhota, onde nos mandou tirar a roupa e que nos despojássemos de tudo quanto tínhamos connosco. Em seguida deram-me uma coisa parecida com uma bata, com uns cordéis para atar atrás, e disseram-me que não havia maca.

«DL» — «Não havia maca? Então como a levariam para a sala de operações?»

A nossa entrevistada tem um movimento irónico de lábios:

«Numa cadeira de rodas. Embrulharam-me num lençol e lá me instalaram na cadeira. Por pouco tempo. De repente já havia maca. Passei da cadeira para a maca, na qual fui para o bloco das mulheres. Aqui começa a longa espera: estive ali até às 21 horas e neste espaço de tempo fui vista não sei por quantos médicos e médicas...»

«DL» — «Como era isso? Se você já tinha sido diagnosticada pelo médico de serviço...»

Fernanda Madeira explica:

«Olhe, foi um corropio que eu não sei para quê. Todo o médico que passasse por ali debruçava-se sobre mim, olhava, apalpava e murmurava: «É apendicite aguda». Isto como se realmente ainda ninguém soubesse de nada. Em seguida iam à sua vida e eu ficava a pensar por que raio tinha de ser vista por todos os médicos e médicas do hospital depois de proferida a «sentença» do médico que primeiro me viu.»

«DL» — «Como se sentia ao fim de tantas horas de espera?»

FM — «Mal, claro. Estava enregelada pelas correntes de ar, pois, como já disse, apenas tinha a bata, primeiro, e depois o lençol. Finalmente, pelas 21 horas surgiram os meus primeiros anjos bons: o dr. Galhordas e o dr. Magalhães. Mandaram que me preparassem imediatamente para a operação. As dores não me largavam e eu pensei que dentro de momentos tudo estaria acabado no melhor sentido. Não aconteceu assim.»

A DOENTE QUE NÃO EXISTE

A nossa entrevistada fala sem dramatismos, mas com uma firmeza que não deixa em dúvida nada do que descreve. Continua ela:

«A senhora empregada encarregada de me preparar fê-lo sem qualquer espécie de cuidado ou carinho. A parte da raspagem, sabe o que é, foi simplesmente horrível. A senhora em questão utilizou um pedaço de lâmina...»

«DL» — «Uma gilete?»

FM — «Não, não. Um bocado de lâmina, exactamente, segura na ponta dos dedos, e pôs-se a rapar, a rapar, tudo a seco. Eu queixava-me mas a senhora lá continuava, imperturbável e serena, rapando, rapando... Escusado será acrescentar que me cortou toda.»

E Fernanda Madeira vai ao fundo da memória e arranca de lá outras recordações:

«Finalmente levam-me através de um corredor, até que me vejo diante de uma porta que tem um letreiro: «Anestesia». Supus que... Enfim, suspirei de alívio. Por pouco tempo. Nisto, eis que aparece um rapaz cabo-verdiano, creio, todo esfaqueado, penso que em perigo de vida. Achei natural que o metessem a ele primeiro na mesa de operações: o caso dele era muito mais grave do que o meu, estava certo. O que esteve menos certo foi ninguém se lembrar de me tirar dali, levar-me para um quarto ou coisa parecida. Não senhor. Na posição em que me encontrava, sem me poder voltar para o outro lado por causa das dores, tive de assistir a tudo. E vi: cose daqui, cose dali, corta acolá, sentia uma agonia enorme dentro de mim, apetecia-me gritar, sei lá, fugir, a verdade é que aguentei desnecessariamente o espectáculo de um homem a ser cosido, recosido, retalhado, laqueado. E isto durou desde as 21 e pouco até cerca das 23 horas.»

«DL» — «Bem, mas por fim foi operada...»

Fernanda Madeira adianta:

«Ainda não. Acabada a operação do moço, os médicos foram jantar. Continuei à espera. Uma hora mais ou menos. Cerca da meia-noite fui então anestesiada...»

Entretanto, Fernanda recorda um outro pormenor sintomático. Duas pessoas de família — isto foi coisa que ela só veio a saber mais tarde, como se depreende — procuram-na no Hospital de S. José. Busca que busca, vão da recepção de doentes aos Serviços, e nada. Ninguém sabe da doente Fernanda Madeira. Sabe-se que entrou, que vai ser operada, a ficha está em ordem. Portanto, Fernanda encontra-se dentro do hospital, dizem os empregados aos familiares aflitos, só que não se sabe onde. A busca começa às 21 horas e vem a terminar com uma informação do médico chefe dos serviços, quase à uma hora da madrugada! Incrível, mas autêntico. Durante quatro horas uma doente «estava perdida» dentro do próprio hospital. Ou por outra: não existia. Pelo menos em relação aos familiares.»

Prossegue Fernanda:

«Era de pensar que, com o fim da operação, tinham terminado os meus tormentos. Mas havia mais. Assim, muito perto das três horas da madrugada, bastante depois de acabar a operação, soube que ia ser transferida para o Hospital dos Capuchos. Se bem me recorda, naquela madrugada, 11 de Dezembro, chovia torrencialmente e fazia um frio de rachar pedra. Estávamos — eu e uma outra senhora também acabada de operar — como já descrevi: só embrulhadas num lençol. Vieram dois homens, o motorista e o ajudante do carro que nos transportaria, e **despeja-ram-nos** da maca do hospital para a maca pequena em que iríamos até aos Capuchos.»

E Fernanda Madeira reflecte:

«Quando digo **despeja-ram-nos**, digo-o porque foi mesmo assim. Pegaram num lençol que estava por debaixo de nós na maca grande, um pelos pés, o outro pelo lado da cabeça, e zás, largaram-nos na maca pequena! Calculem! Começamos logo ali a gritar, pois as dores eram muitas e qualquer movimento nos provocava dores ainda maiores. Em seguida, levam-nos para a camioneta, creio que uma «Mercedes-Benz» já antiga. As macas têm umas rodas para meter numas calhas que existem no interior da camioneta, que é para as macas não andarem para cá e para lá quando a camioneta se desloca. Mas, ou os homens não se preocuparam em encalhar as macas, ou então as calhas já estão tão largas que não seguram nada. Também não seria muito cuidadosa a condução. Mal arrancámos, sentimos que íamos ter uma viagem tormentosa. As macas dançavam dentro da carrinha, nas curvas íamos e vínhamos como numa dobadoira. Quando metiam as mudanças, fosse por deficiência do carro ou por má condução, aquilo dava saltos enormes, o empedrado das ruas punha-nos loucas com os estremecimentos. Gritávamos nós cá atrás e respondia-nos o motorista ou o ajudante: «Estiquem-se, que é para doer menos.» Mais um balanço, uma dor aguda, um grito, e lá vinha a voz: «Estiquem-se, que é para não doer tanto.» Ainda por cima tivémos o percurso alongado, visto que na cabina ia uma criança que teria que ficar na Estefânia, e sempre a lengalenga: «Estiquem-se para não doer tanto.» Da Estefânia, outra corrida infernal. Finalmente, chegámos aos Capuchos.

«DL» — «A que horas?»

FM — «Eram quatro da manhã. Completamente enregeladas. O lençol que me cobria estava esburacado nos pés, durante o percurso eu não me podia estender como aconselhava o homem e sentia-me doida com dores. E aqui, nos Capuchos, surgiu o meu segundo anjo bom da noite: verdadeiramente encontrei pela primeira vez, naquelas 16 horas de hospital, um halo de calor humano a quebrar a empedernida indiferença anterior. A enfermeira que ali se achava de serviço, ao ver-nos chegar geladas, doridas, com a alma em farrapos, deitou as mãos à cabeça e exclamou: «Parece impossível como se transportam doentes recém-operados nestas condições!» Arranjou-nos logo sacos de água quente, meteu-nos na cama com imenso carinho e deu-nos supositórios para as dores. De resto, já que estamos a falar de tudo isto, gostaria que ficasse escrito que todo o pessoal do Serviço 5, Sala 2, dos Capuchos, desde os médicos às enfermeiras e às empregadas, foi inexcedível de atenção e carinho durante os dias que estive ali internada.

Parecia que, com o fim da «aventura hospitalar», eivada, como vimos, de acontecimentos que são só por si um libelo contra um inconcebível estado de coisas, parecia, dizíamos, que os problemas tinham terminado para Fernanda Madeira. Mas não. Como verificaremos no seguimento deste apontamento, mais tarde a nossa doente depararia com novos (velhos) incidentes no posto da Caixa de Previdência de que é beneficiária por inteiro direito.

Por agora terminaremos com este comentário: se a doença de Fernanda Madeira fosse uma doença grave, não poderiam ter sido bem piores as consequências de tanta perda de tempo e mau passadio? E a quem pedir contas quando um doente não resiste a uma «aventura hospitalar» com tamanhos riscos e tão abomináveis falhas? E até onde continuaremos a sofrer na carne e no espírito esta terrível afronta ao ser humano?

Corredor da morte ou Mundo-Cão? Insalubridade, falta de higiene e a longa, longa espera. Quando nos darão os hospitais portugueses outras imagens menos trágicas?

Será que este ambiente pode restituir a saúde a alguém?

TELEX TELEX TELEX

FRENTE PATRIÓTICA — A Frente Patriótica do Zimbabwe anunciou que durante o passado mês de Dezembro pôs fora de combate cerca de 400 soldados das tropas de Ian Smith. Um porta-voz: «Infligímos pesadas baixas materiais, e libertamos 80 pessoas que estavam detidas num campo de concentração».

WOODS — O jornalista Donald Woods, chefe de Redacção do diário sul-africano «Daily Dispatch», que fugira da África do Sul na semana passada, chegou com a sua família a Lusaca, onde permanecerá alguns dias antes de seguir para Londres. Woods, militante anti-segregacionista na África do Sul, refugiara-se no Lesoto em 31 de Dezembro e chegara ao Botswana terça-feira passada, fugindo à perseguição das autoridades do regime de John Vorster.

ZAPU EM BERLIM — Abriu em Berlim (RDA), na presença de Joshua Nkomo, uma delegação da União Popular Africana do Zimbabwe (ZAPU). Nkomo, na sessão da abertura, declarou já não acreditar na transição pacífica para um Governo de maioria negra na Rodésia.

DÓLAR — O dólar norte-americano continua a sua queda em espiral, tendo registado hoje um novo recorde de baixa no mercado de Francfort — 2,0470 marcos —, tendo depois acabado por se fixar em 2,0625. O governo dos EUA prometeu mais uma vez intervir em defesa da sua divisa.

JURISTAS — A Comissão Internacional dos Juristas, num estudo publicado em Genebra, critica as recentes medidas tomadas pelo Governo sul-africano contra as organizações negras, e estima que estas reforçarão as tendências violentas do movimento negro. «O Governo de Vorster conseguirá reprimir numerosas actividades lícitas dos africanos, mas isso agravará a cólera e o rancor e levará os africanos à violência na luta pelos seus direitos» — afirma a Comissão.

MÉDIO ORIENTE

Sadat vai capitular na questão palestiniana

Pela primeira vez o presidente Sadat, do Egipto, hesitou abertamente no reconhecimento da Organização da Libertação da Palestina (OLP) como representante legítima do povo palestiniano, afirmando que um acordo de paz para o Médio Oriente seria mais provável se os palestinianos optassem pelo rei Hussein da Jordânia como seu chefe. Estas declarações foram prestadas pelo dirigente egípcio numa entrevista dada à cadeia norte-americana de TV, ABC, uma hora depois do seu encontro com o presidente Carter em Assuão.

Sadat declarou que ele e Carter haviam concordado numa solução para o problema palestiniano e que o chefe da Administração norte-americana veiculará esse plano junto das autoridades israelitas.

Este plano baseia-se na concessão de autodeterminação para os palestinianos. Por outro lado, Sadat confessou abertamente que Israel não fizera quaisquer concessões em troca das que ele tinha feito no âmbito da sua espectacular visita ao Estado sionista. As negociações israelo-egípcias devem recomeçar em meados deste mês, através duma comissão formada conjuntamente por Sadat e Begin, após o encontro de Ismailia. Nessa reunião, a nível de ministros de Negócios Estrangeiros, estará presente o secretário de Estado norte-americano, Cyrus Vance. Dessa comissão deverá sair a «declaração de princípios» que Sadat não conseguiu obter quando se avistou com Begin em Ismailia. Por seu lado, a TV israelita anunciou hoje que Israel propôs ao Egipto que permaneça na região oriental do Sinai uma força da ONU, quando as tropas israelitas dali sairem ao abrigo de um tratado de paz. O Sinai ficaria dividido em três partes, uma das quais, desmilitarizada, e outra guardada pelas forças da ONU.

Por enquanto, tudo isto se mantém em suspenso, tanto mais que o rei Hussein continua a declarar inaceitáveis as propostas israelitas e a dizer que tem uma posição diferente da de Carter quanto a um acordo de paz no Médio Oriente. Consta, no entanto, que Sadat travará este mês conversações separadas com Hussein e os reis de Marrocos e Irão.

Quanto a Menahem Begin (que ontem contactou com Carter quando este fazia a sua viagem aérea de Assuão para Paris), esse chegou a uma conclusão inesperada, ao declarar que os palestinianos podiam comparar-se aos «mexicano-americanos» que vivem nos EUA e que não pedem um Estado na fronteira mexicano-estado-unidense. Isto para se declarar uma vez mais contra a «autodeterminação» dos palestinianos, que, segundo ele, levaria um Estado dominado pela OLP, logo, «fantoche da URSS».

Enquanto isto, o diário oficial sírio «Al Thawra» escreve que o encontro de Assuão teve por objectivo acelerar as iniciativas de Sadat em relação a Israel face à crescente pressão dos Estados árabes radicais. O jornal acrescenta que, dada a impossibilidade de a pressão árabe suscitar a queda de Sadat — esta deve ser decidida pelos outros dirigentes egípcios.

Prossegue, entretanto, a viagem do presidente argelino ao Médio Oriente.

Agenda mundial de democracia proposta em Paris por Carter

O presidente dos EUA, James Carter, que ontem chegou a Paris onde conferenciou imediatamente com o dirigente francês, Giscard d'Estaing, visita hoje as praias da Normandia, rendendo homenagem aos milhares de soldados norte-americanos que, juntamente com outras tropas aliadas, ali morreram durante a Segunda Guerra. As conversações «amigáveis» entre Giscard e Carter versaram: relações entre o Leste e o Ocidente, negociações SALT, Médio Oriente e diálogo Norte-Sul. Carter chegará amanhã a Bruxelas, última etapa da sua viagem de nove dias, que já o levou a Varsóvia, Teerão, Nova Delhi, Riad e Assuão.

Num discurso proferido ontem à noite na Câmara de Comércio e Indústria de Paris, Carter propôs uma acção à escala mundial — uma «agenda de democracia» — para promover a justiça social, combater a inflação e o desemprego, cimentar a segurança ocidental e auxiliar os países em desenvolvimento. Defendendo embora o desanuviamento, Carter considerou que era necessário acompanhá-lo dum sistema eficaz de segurança dos EUA em íntima ligação com a Europa capitalista.

Enquanto isto, o dirigente gaullista, «maire» de Paris, Jacques Chirac, irritado pelo facto de no programa da visita de Carter não estar incluída a tradicional deslocação à Câmara de Paris, anunciou que boicotaria todas as cerimónias organizadas durante a estadia do chefe do executivo americano.

BRASIL

Anunciado oficialmente o sucessor de Geisel

Se tudo correr dentro do que está programado por Geisel, o general João Baptista Figueiredo, actual chefe do Serviço Nacional de Informações, será o presidente do Brasil a partir de Março do próximo ano. As dúvidas (poucas) que ainda existiam quanto à sucessão brasileira desapareceram ontem quando Geisel informou o partido governamental ARENA — Aliança Renovadora Nacional — cerca do nome do seu escolhido.

Entretanto, o assunto não está tão «arrumado» quanto desejaria o general Ernesto Geisel. Simultaneamente à apresentação à ARENA do nome de Baptista Figueiredo, os generais da «linha dura», partidários do ex-ministro do Exército, o «ultra» Silvio Frota, distribuiam profusamente cópias de uma nota que consideram «comprometedora» da imagem política do futuro presidente do Brasil. Trata-se de texto de uma carta que um ex-director da DINA chilena enviou a Figueiredo, a denunciar um «plano subversivo» cuja «central» havia sido transferida de Lisboa para Caracas. Porém os partidários de Figueiredo não dão importância ao facto, pois este «é um documento muito conhecido nos meios militares e políticos do Brasil».

Contudo, e segundo tudo indica, a sucessão de Geisel ainda dará muito que falar. O «Jornal de Brasília», na sua edição de ontem, dizia que no dia 29 de Dezembro, Figueiredo teria recusado o oferecimento da Presidência da República. A agência norte-americana UPI vai mais longe e diz que Baptista Figueiredo somente aceitou a indicação, após Geisel lhe ter ordenado que concordasse adiantando que tal informação havia sido confirmada junto de círculos militares de Brasília.

Por outro lado, o chefe da Casa Militar de Geisel, o general Hugo Abreu, que há dias disse que «para impor Figueiredo terão de passar sobre o meu cadáver», foi demitido do cargo. Segundo se comenta na capital brasileira, Ernesto Geisel tentou mudar a opinião deste general até ao último momento. Além das suas funções na Presidência da República, Hugo Abreu assegurava a ligação entre o Executivo e o Exército e, contrário à indicação de Figueiredo, recusou-se ser o portador da candidatura junto das tropas.

Qualificada de «mini-crise», a saída de Hugo Abreu não parece trazer graves consequências e, segundo os comentaristas políticos brasileiros são de esperar novas crises de «mau humor» pois, ao que tudo indica, Geisel controla as Forças Armadas.

Para vice-presidente da República, Geisel escolheu o governador de Minas Gerais, Aureliano Chaves, um civil, e tem um encontro marcado com o banqueiro e ex-governador deste Estado, José Magalhães Pinto, para tentar demovê-lo do propósito de se candidatar à presidência do Brasil, como tinha anunciado.

Novo Governo turco será apresentado hoje

Bulent Ecevit, primeiro-ministro designado da Turquia, parece ter encontrado hoje dificuldades junto do presidente Fahri Koruturk, quando lhe foi apresentar o novo governo. A audiência com o chefe de Estado, às 8 da manhã, culminou cinco dias de intensa actividade política, decorrentes da queda do Governo direitista de Suleimán Demirel, derrotado no Parlamento.

O governo formado por Ecevit é constituído por elementos do seu partido, por um grupo de onze independentes (desertores do partido de Demirel, que prometeram apoio parlamentar a Ecevit), e por elementos de dois pequenos partidos: o da Confiança Republicana e o Democrático.

Noticiario em colaboração com as agências ANOP, France Presse, Inter Press Service, Novosti, Prensa Latina e Reuter

PUB.

SINDICATO DOS TRABALHADORES
DA INDUSTRIA E COMÉRCIO FARMACEUTICOS

Assembleia Geral

Sessão Ordinária — Orçamento para 1978

De acordo com a proposta abaixo mencionada, aprovada na Assembleia Geral de 17.12.77 por unanimidade:

«Considerando o reduzido número de presenças nesta assembleia e a importância da Ordem de Trabalhos,

Proponho:

1. **Que seja adiada para o dia 14 de Janeiro próximo às 14.30 horas;**
2. **Que seja amplamente divulgada;**
3. **Que se inclua na ordem de trabalhos um ponto sobre o CCTV.**

Sócio n.º 3678»

Convoco a Assembleia Geral para o dia 14 de Janeiro, às 14.30 horas, nas instalações do Sindicato dos Trabalhadores de Escritório do Distrito de Lisboa, na Rua do Alecrim, 46-1.º, em Lisboa, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS:

1 – **Análise, discussão e aprovação do Orçamento do Sindicato para o ano de 1978;**
2 – **CCTV.**

Lisboa, 2 de Janeiro de 1978.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
(Assinatura ilegível)

Por força da convocação da Assembleia Geral para o dia 14 de Janeiro e de acordo com o art.º 56.º dos Estatutos, realizar-se-ão Assembleias Regionais com a mesma Ordem de Trabalhos da Assembleia Geral:

Delegação	Local	Data	Hora
Norte	INATEL – Pr. da Batalha, 32 – Porto	09.01.78	21.30
Centro	Delegação	10.01.78	21.30

MÓVEIS
EXPOSIÇÃO DAS 10 ÀS 22 HORAS DE 2.ª A 6.ª FEIRA
Para assim lhe proporcionarmos mais tempo para melhor poder escolher
MÓVEIS MODERNOS OU DE ESTILO
ESTOFOS E PEÇAS DECORATIVAS
REQUINTE — DECORAÇÕES
AVENIDA ALMIRANTE REIS, 110
(Defronte da Cervejaria Portugália)

ARMÁRIOS
ESTANTES
ROUPEIROS
ou quaisquer outros móveis, executamos por desenhos todas as medidas
FÁBRICA DE MÓVEIS SUPERCONFORTO
Rua Maria Andrade, 64
(Junto igreja dos Anjos)
Telef. 84 87 19

TEATRO ABERTO
P. de ESPANHA
metro PALHAVA
tel. 77 39 69
grupo 4
APRESENTA
A SATIRA MUSICAL
OS MACACÕES
Com: PAULO TORDO ● HENRIQUETA ● IRENE ● RUI ● LUISA ● OSÓRIO ● GOMES ● CAVACO
NOVOS HORÁRIOS!
3.ªs, 4.ªs, 5.ªs e 6.ªs FEIRAS às 21.45
SÁBADOS: 20.30 e 22.45
DOMINGOS: 15.30 e 21.45
ÚLTIMO MÊS
UM DOS MELHORES ESPECTÁCULOS DE 77

Luzia Maria Martins: o teatro é um serviço público

teatro do bairro alto
R. Ten. Raul Cascais, 1-A
Tel. 66 15 15 66 92 05
As Três Irmãs
de Tchekhov
pelo Grupo de Iniciação Teatral da Trafaria
SÓ ATÉ DIA 15
Todas as noites às 21.15 h
Domingo às 17 h
Descanso às 2.ªs e 3.ªs

LUZIA MARIA MARTINS:

"Somos um País de homenagem póstuma"

«Portugal foi sempre um país de homenagem póstuma o que é obsceno porque é ainda uma maneira dos que falam do homenageado falarem de si próprios», diz-nos Luzia Maria Martins, encenadora do Teatro Estúdio de Lisboa que se encontra no desemprego há dez meses.

De acordo com os dados relativos ao ano de 1976, a despesa da companhia foi orçamentada em 356 contos mensais, enquanto o subsídio não ia além de 75 contos insuficiente para a subsistência da companhia e daí a razão desta não ter concorrido o ano passado à sua atribuição.

Luzia Maria Martins refere o parecer de um representante da UNESCO que se deslocou a Portugal para a reestruturação do Teatro Nacional e segundo o qual, a temporada deverá ser planeada com um subsídio da ordem dos 80 por cento sendo as restantes despesas cobertas pela bilheteira. A concretização de um plano de financiamento deste tipo verifica-se por exemplo em Inglaterra onde o teatro conta, além disso, com uma estrutura de apoio de um corpo central e ainda com as autarquias locais. Neste país, quando uma companhia têm um excedente de bilheteira este vai para um fundo central capaz de beneficiar outras companhias.

«Para mim, o teatro é um serviço público e um país funciona na medida em que os cidadãos acreditam que estão a trabalhar para o bem comum», diz Luzia Maria Martins que se referiu ao intelectual como «um tolerado um mal necessário sobre o qual se faz uma ideia à século XVII em que este era utilizado como meio de diversão dos senhores. Entendo que para se levar a cabo qualquer revolução cultural é necessário que os trabalhadores intelectuais colaborem activamente nela». A encenadora referiu ainda a necessidade de um plano ambicioso não poder deixar de funcionar com subsídios conscientes sem o qual também não é possível levar a cabo qualquer acção de pesquisa.

POLÍTICA DE SUBSÍDIOS

Este ano as normas para a atribuição de subsídio às companhias de teatro independentes, que foram há dias tornadas públicas, são mais realistas tendo sido o quantitativo alargado e estando a sua atribuição dependente da atribuição do plano que cada companhia apresentar. No Teatro Estúdio de Lisboa cada elemento ganha em média nove contos.

Durante o tempo de paralisação da companhia, a encenadora efectuou vários contactos a nível nacional e internacional prosseguindo na determinação que tem orientado os doze anos de existência da companhia no sentido de exercer uma acção de esclarecimento do público porque só depois «se podem tirar conclusões».

Após o 25 de Abril a companhia desenvolveu um trabalho de pesquisa com o objectivo de criar uma linguagem nova tendo sido realizados vários colóquios no sentido de um conhecimento mais profundo da realidade portuguesa «uma vez que o teatro é o reflexo dos problemas da sociedade ao mesmo tempo que serve de estímulo».

A companhia do Teatro Estúdio de Lisboa é constituída por 25 elementos, dez dos quais são actores, estando prevista a entrada de outros dois. Luzia Maria Martins chama a atenção para a necessidade de intensificar os apoios do MEIC e da SEC no sentido de se proceder à difusão do teatro, nomeadamente através dos órgãos de comunicação social com privilégio para a televisão que deverá proceder à difusão de obras de teatro nacional o que poderá ser decisivo para uma formação cultural.

Lembrando que em Portugal se cortam os estímulos às pessoas, a nossa entrevistada defende o respeito pelo contributo que cada um pode dar, pois é esta a noção que tem de nacionalidade. Há poucas pessoas que apreciem o que cada um está a fazer, às vezes com muito esforço. Para superar esta situação será bom consciencializarmo-nos no sentido de sabermos que o Governo existe para nos servir e o País somos todos nós. O artista, o intelectual, representa o sentir e o pensar de um povo e por isso os seus sucessos são os sucessos de todos nós».

"TUBARÃO" acabou, começa "O TERROR DOS ABISMOS"
ROBERT KENDAL, do "Hollywood Studio Magazine"

O TERROR DOS ABISMOS
"EVIL IN THE DEEP"
STEPHEN BOYD · ROSEY GRIER · DAVID LADD
Realizacao de VIRGINIA STONE Musica de CHRISTOPHER STONE
Os seus nervos ficarão em frangalhos!
3.ª SEMANA
POLITEAMA
MUNDIAL FILMES
INTERDITO A MENORES DE 13 ANOS

LIZA MINNELLI ★ ROBERT DE NIRO ★

UMA HISTORIA DE AMOR E COMO UMA CANÇÃO. E BELA ENQUANTO NAO ACABA...
CINEMA ESPECTÁCULO CINEMA QUALIDADE!
"NEW YORK, ★★★★★ NEW YORK"

UM ESPECTACULO EXTRAORDINARIO DE MARTIN SCORSESE
4.ª SEMANA
cine
E TAMBÉM, NO PORTO NO CINEMA carlos alberto
ROBERT DE NIRO
"NEW YORK, NEW YORK"
NÃO ACONSELHÁVEL A MENORES DE 13 ANOS
United Artists
COLORIDO
BANDA SONORA GRAVADA EM DISCOS U.A. DISTRIBUIDOS POR RADIO TRIUNFO, LDA.

DEPOIS DAS SUCESSIVAS LOTAÇÕES ESGOTADAS
ÚLTIMA OPORTUNIDADE DE VER

1383
ÚLTIMOS ESPECTÁCULOS EM ALMADA
SEXTA 6 · SÁBADO 7
ÀS 21,30
DOMINGO 8
ÀS 16 E 21,30
GRUPO DE CAMPOLIDE

"A BARRACA" CONTA
AO QU'ISTO CHEGOU
Feira Portuguesa de Opinião
Encenação de A. BOAL
SÓ ATÉ DIA 10
nas
BELAS ARTES
R. BARATA SALGUEIRO · TEL 41293
Todos os dias às 21.30
Sábado também às 16 h
Domingo só às 18 h
M/13 ANOS

OS TRABALHADORES DE TEATRO DA CASA DA COMÉDIA
A. HERCULANO
A DAMA PÉ-DE-CABRA
dramatização e encenação de FILIPE LA FÉRIA
realização plástica de WLADIMIR FRANKLIN
Todas as noites às 21.45
Domingo só matinée às 18h
Descanso à 2.ª feira
R. S. Francisco Borja, 24 (às Janelas Verdes)
Telefone 607299
Patrocínio S.E.C.

DEFINITIVAMENTE! SÓ ATÉ DOMINGO
ÁDÓQUE teatro
Tel 87 44 76
UMA REVISTA DE VIVER A RIR
Ó CALINAS, CALA A BOCA!
HENRIQUE VIANA · NICHOLSON · MAGDA · MARIA TAVARES
ESPECTACULOS ÀS 20.30 E 22.45 (DE TERÇA A SÁBADO)
AOS DOMINGOS E FERIADOS: ÀS 17 E ÀS 21.30 HORAS
AOS SÁBADOS DOMINGOS E FERIADOS
A FESTA DA MALTA
«MATINÉES» INFANTIS
ÊXITO INVULGAR DE UM BELO ESPECTÁCULO INFANTIL!

Canal da Crítica

Mário Castrim

O MELHOR AINDA FORAM OS MARRETAS

Em Portela de Susã, povoação perdida lá para riba de Portugal, representa-se um auto há dois séculos. Eu sei que sobre a muralha da China o povo de lá mantém em cena sem uma única paragem (salvo talvez durante a dinastia Chun Ga-Ria, também conhecida por, Revolução Cultural) há mais de três mil anos. É obra! Mas a cada qual a sua eternidade. E dois séculos já pesam na balança. Qualquer dia vou à feira da Portela de Susã a ver se ainda lá não chegaram os plásticos.

Infelizmente na televisão não se compreendeu quanto, para o entendimento concreto do nosso ter vindo a caminhar, era importante aquela emissão. Desculpem, posso estar a ser injusto para alguém do qual ao menos é legítimo que se salvem as boas intenções. Alguém que não tenha culpa das fracas luminarias, dos microfones que nunca se sabe quando estão certos, ou dos mouros ou dos cristãos que não se adaptam às electrónicas, ou das condições de tempo que não ajudam, enfim.

Seja como for, por fás e por nefas, a emissão na sua quase totalidade se perdeu por ausência de condições mínimas de qualidade. N'faz mal. O que se praticou duzentos anos, há-de praticar-se em mais um. Pode ser que para o ano os deuses ajudam.

A desilusão bastava que por aí se tivesse, para ser bastante. Uma coisa é querê-las, outra o destino fazê-las.

Há anos apareceu na televisão um homem sobre o qual se concentrava o meu arsenal de antipatia. Vinha falar de História de Portugal. Aí me ponho eu, canhenho na mão esquerda, caneta na direita, disposto a não deixar passar nenhum dislate, nenhum conceito desorientador. Ao fim da meia hora eu não havia tomado uma nota, nem um gatafunho. O diabo do homem tinha uma capacidade de expressão, uma simplicidade de processos, e ainda por cima a análise correcta dos fenómenos, tudo isto junto dava cá um impacte!

Chamava-se José Hermano Saraiva. Eu sabia ao que me expunha, aplaudindo-o. Algumas pessoas não entendiam que o maior risco que uma pessoa corre é quando se põe em desacordo com a sua consciência. Porque dos outros pode fugir, de si próprio, não. Nem nunca.

Outro Saraiva, desta vez António José, chamava agora a minha atenção. E logo de entrada uma barreira se cavava entre ele e a audiência: sentado, pernas cruzadas, quatro pajens mudos, o cenário frio, asséptico, irreal, algo que participava do **Espaço 1999** e dos **Marretas** que o precederam.

Como se isto não bastasse, acrescentaram-se as dificuldades de expressão, a monocordia, o rezar com um terço em cada mão, as imprecisões, o falar por falar, os olhos que não estão postos em nós, a imagem perdida sabe-se lá em que nevoeiro?

Quem são os jovens? Não sabemos. Nem sabemos a que critério obedece a presença deles ali. Diz Saraiva: são amigos dele, foram eles que o animaram a aceitar a proposta da televisão...

Como se diz em xadrez, a jogada é frouxa. Certamente, reconhecida a sua dificuldade em pegar de caras o sinal vermelho das câmaras, vá de o pegar de cernelha. A presença dos moços desinibia-o, era para alguém que falava e não para fantasmas. Como diz o outro, cada qual tem seu estilo, não vem mal ao mundo por isso.

Mas ao declarar que não quer dar lições, que quer apenas conversar e que por isso nada programou — aí é que me parece ter António José Saraiva feito mal. Em televisão há-de tudo ser programado fingindo tudo que é improviso. Porque, se tudo for realmente improviso, falseia-se o tempo de televisão, quebra-se o ritmo — e quebra-se esse finíssimo fio — finíssimo e frágil — que é a atenção do telespectador.

Daí que os vinte minutos seguidos em que António José Saraiva se ouviu a si próprio, tivessem parecido muitos mais. Daí que o simples telespectador tenha encontrado todas as facilidades para se alhear da televisão. Daí que, tratando-se de um programa cultural, não tivesse sido um bom serviço prestado à cultura.

Certamente António José Saraiva pouca prática tem de estar em televisão. A amostra de ontem pode não corresponder a uma realidade, isto é, pode acontecer que haja nele qualidades que a prática venha a descobrir. Oxalá. Mas eu sinto que não. Podem os leitores reprovar-me o processo de avaliação, podem mandar-me sentir para o diabo que me carregue. Mas se António José Saraiva pode sentir a nacionalidade («**eu penso a nacionalidade subjectivamente, cá dentro, analisando-me a mim próprio, etc.**) por que raio não posso eu sentir a incapacidade televisual de uma pessoa, naquelas condições?

Claro que dos conceitos, das aferições culturais de António José Saraiva, muito haverá a dizer. Não faltarão certamente ocasiões, pois o mais certo é haver reincidência.

O que, como se sabe, agrava o delito.

Hoje

Rex Harrison intérprete do filme «O Marido fiel»

I PROGRAMA

18.04 Abertura e Telejornal — 1.ª edição

18.10 **A Mão Mágica.** Filme de Intercâmbio proveniente do Japão. **Taratátá.** Filme de Intercâmbio proveniente do Canadá. Gulp. Na fábrica de gelados.
18.35 **O Segredo dos Flamengos** — 1.º episódio
19.10 **A Terra e o Mar** — 1.º episódio de uma série de programas dedicados à terra portuguesa.
19.40 **Telejornal** Noticiário Regional.
20.00 **Telejornal** — 2.ª edição.
20.20 **O Casarão.** Telenovela de Lauro César Muniz Produção Central Globo de Televisão.
21.00 **Boletim Meteorológico.**
21.05 **O Marido Fiel.** Intérpretes: Rex Harrison, Kay Kendall, Margaret Leighton, Ccil Parker, Nicole Maurey, George Cole, Jill Dams, Valerie French. Realização de Sidney Gilliat.
22.40 **Caixa Alta.** Alta do Custo de Vida».
23.05 Telejornal. 3.ª edição
23.20 Fecho.

TUDOR
BATERIAS · PILHAS

II PROGRAMA

22.02 Telejornal
22.25 **Gabriela** (Repetição)
23.00 Fecho.

GRUNDIG
QUALIDADE EM TODA A LINHA.
DESTAQUES
I PROGRAMA
«Marido Fiel» — (21.05)
II PROGRAMA
«Gabriela» — (22.25)

Amanhã

I PROGRAMA

1.º Período

09.15: Ano Propedêutico.

2.º Período

13.30: Abertura e Ciclo Preparatório TV.

3.º Período

18.05: Abertura. Telejornal 1.ª edição; **18.15:** «Volta ao Mundo das Fábulas». **19.05:** Telecinema; **19.40:** Telejornal Noticiário Regional; **20.00:** Telejornal 2.ª edição; **20.25:** «O Casarão». Telenovela de Lauro César Muniz; **21.00:** Boletim Meteorológico, **21.05:** Bailado: «Sinfonia em Dó» de Bizet pelo New York City Ballet; **21.35:** Espaço 1999; **22.25:** A Música e o Silêncio. Um programa de António Vitorino de Almeida; **22.55:** Telejornal 3.ª edição. 23.10: Fecho.

II PROGRAMA

22.02: Telejornal; **22.25:** Gabriela (Repetição); **23.00:** Fecho.

GTH
GRUPO TEATRO HOJE
TEATRO DA GRAÇA
Tv. S. Vicente, 11
875626
Diariamente às 21.15
Descanso às 2.ªs feiras
UMA ABELHA NA CHUVA
de CARLOS DE OLIVEIRA
Adaptação e Encenação de GASTÃO CRUZ
SUB. SEC.

os Bonecreiros
Representam...
às 21.30h
ESTRATÉGIA DO CINISMO
de CARLOS COUTINHO
Subsidiado pelo SEC
R. ANTÓNIO MARIA PAIS, 6-A MOSCAVIDE
TEL. 2515007 AUTOCARROS 31, 44, 28

PAIXÕES EM LIBERDADE

O novo livro de Carmen de Figueiredo, a romancista dos problemas sociais. Este volume comporta novelas e contos, com figuras do Povo falando da terra.

Estilo vigoroso; histórias vivas, actuais. A autora de duas dezenas de romances, quase todos esgotados (dois proibidos), dá-nos neste seu livro painéis inesquecíveis das realidade telúricas do nosso tempo.

Livro para ler.

CARMEN DE FIGUEIREDO
Paixões em Liberdade

PUB:

CONVOCATÓRIA

De acordo com o art.º 8.º do Dec.-Lei 215 B-75 (Lei das Associações Sindicais) convocam-se todos os Sindicatos filiados ou não na CGTP - IN que representam trabalhadores no concelho de Almada para a Assembleia Constituinte da União Sindical de Almada, a realizar no próximo dia 20 de Janeiro pelas 21 horas nas instalações da Delegação do Sindicato dos Metalúrgicos, sita na R. de Moçambique, n.º 6, Cova da Piedade, com a seguinte ordem de trabalhos:

1 — **Deliberar sobre a constituição Sindical de Almada**
2 — **Discussão e aprovação dos Estatutos**
3 — **Eleição do Secretariado Provisório**

Os convocantes, Metalúrgicos, Comércio, Construção Civil, e Rodoviários do Distrito de Setúbal.

Setúbal, 4-1-78.

PUB.

SINDICATO DOS ENGENHEIROS TÉCNICOS DO SUL

CONVOCATÓRIA

Convoca-se a Assembleia Geral para Sessão Ordinária, a realizar no dia 13 de Janeiro de 1978, sexta-feira, pelas 21 H30, no ISEL, Rua Conselheiro Emídio Navarro, n.º 3, Chelas, Olivais Sul, com a seguinte Ordem de Trabalhos:

Ponto Único — Apreciar e deliberar sobre o Plano de Gestão e Orçamento para 1978

Se, na hora marcada, não estiver presente a maioria dos associados, a sessão terá lugar 30 minutos depois, com qualquer número de presenças.

Lisboa, 3 de Janeiro de 1978

O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

(Antero A. Palma Antunes)

Trabalhadores Estudantes
Externato Cooperativa de Ensino e Cultura
Séneca
● Curso Liceal
● Ciclo Preparatório
● Curso Línguas
● Propedêutico
● manhã
● tarde
● noite
Av. Almirante Reis, 73-1.º E 2.º (METRO ANJOS)
LISBOA 1 Telefone 4 00 92

PARA REPARAÇÃO DO SEU TV
SOS - CLÍNICA DE TELEVISÃO
COM RÁDIO-TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
DESLOCAÇÃO E ORÇAMENTO GRÁTIS — SERVIÇO PERMANENTE
Telefs. 88 27 86 - 89 98 26
Avenida S. João de Deus, 13-B - Rua Macau, 8

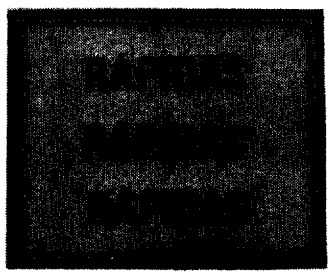
"Volta" terá meta no Algarve

A edição deste ano da «Volta a Portugal em bicicleta», que decorrerá entre 6 e 19 de Agosto, deverá terminar no Algarve, mesmo que a Associação de Ciclismo de Faro seja obrigada a chamar a si a total responsabilidade da iniciativa — assegurou, à Anop, o presidente deste organismo velocipédico, José Teixeira.

Incumbido pela Federação de Ciclismo, de encetar contactos junto de empresas que prestassem o seu apoio a um eventual fim de «Volta» no Algarve, aquele dirigente viu gorada a hipótese do Touring Clube de Portugal aceitar a chegada da prova na Aldeia das Açoteias: a referida empresa argumentou que o facto de estar situada numa zona que só tem uma via de acesso, iria provocar um intenso engarrafamento de trânsito, devido à afluência turística no mês de Agosto.

Inicialmente desinteressada, a Lusotur (que, em 1976, chamou a si a organização do início da «Volta») admitiu posteriormente a hipótese de Vilamoura servir de palco à última pedalada da corrida, desde que a Comissão Regional de Turismo desse a sua colaboração.

«Como quer que seja (disse José Teixeira) penso que a chegada da 'Volta' ao Algarve será uma realidade, com um apoio ou sem ele. Em último caso, a minha Associação avançará com a iniciativa, pois é um prémio que os desportistas algarvios bem merecem».



A equipa da Cibeles, de Espanha, venceu o «II Torneio Internacional dos Reis», de hóquei em patins, ao bater na final a do CP Kiber, por 5-2.

O FC Porto derrotou a Académica de Espinho por 5-3 e qualificou-se na 3.ª posição.

Parte ao princípio da tarde de hoje para Monte Carlo a selecção portuguesa de ténis que, no próximo sábado, defronta a equipa do Mónaco em jogo a contar para a 3.ª edição da «Saab King's Cup». José Vilela, Sérgio Cruz e Arsénio Marta são os três jogadores portugueses que seguirão viagem, sendo acompanhados pelo «capitão» da equipa, João Lagos.

O mexicano Miguel Canto reteve o seu título mundial de mínimos, versão do Conselho Mundial de Boxe, ao derrotar aos pontos o pretendente japonês Shoji Oguma, em combate de 15 assaltos realizado em Koriyama, a 160 quilómetros de Toquio. A decisão dos juízes não foi unanime.

"Record": ano 29

Dirigido por Monteiro Poças, o trissemanário «Record» entra, agora, nos 29 anos de vida. Vizinho aqui na rua, é também camarada que respeitamos, onde labutam muitos amigos e companheiros de ideal. Para todos, na festa do «Record», um abraço do «DL».

PUB

SINDICATO DOS TRABALHADORES DA INDÚSTRIA METALÚRGICA E METALOMECÂNICA DO DISTRITO DE LISBOA

METALÚRGICOS

E L E I Ç Õ E S

Dando cumprimento aos Art.os 82.º e 83.º, ponto 1 dos Estatutos, a MESA DA ASSEMBLEIA GERAL informa todos os sócios do Sindicato que a votação para a eleição dos Corpos Gerentes para o triénio 1978/1981, a realizar no próximo dia 14 de Janeiro (sábado), decorrerá como a seguir se indica:

a) Os sócios que pretendam votar por correspondência terão os boletins de voto à sua disposição na Sede do Sindicato a partir de 10 do corrente;

b) As votações decorrerão, nos diferentes locais de voto, das 10 às 22 horas;

c) Os sócios que morem em localidades fora do distrito de Lisboa ou de que não exista morada nos ficheiros (recebendo neste caso os postais-convocatória nas empresas onde trabalham), votarão em mesas de voto colocadas em Lisboa na SOCIEDADE NACIONAL DE BELAS ARTES – Rua Barata Salgueiro (perto do Marquês de Pombal);

d) Para os restantes sócios as mesas de voto serão colocadas, sempre que possível, de acordo com o concelho e/ou freguesia de residência, conforme se indica no quadro seguinte

SÓCIOS RESIDENTES EM:		VOTAM EM:
CONCELHO	FREGUESIA	
ALENQUER	Todas as freguesias	**CARREGADO** – Associação Desportiva do Carregado
ARRUDA DOS VINHOS	Todas as freguesias	**SOBRAL DE MONTE AGRAÇO** – Edifício dos Bombeiros Voluntários
AZAMBUJA	Todas as freguesias	**AZAMBUJA** – Delegação do Sindicato dos Trabalhadores Agrícolas – R Manuel de Azambuja
CADAVAL	Todas as freguesias	**TORRES VEDRAS** – União Sindical de Torres Vedras – R Tenente Valadim, 1-2 º
CASCAIS	S Domingos de Rana	**S. DOMINGOS DE RANA** – Edifício da Junta de Freguesia – Lg S Domingos de Rana
	Restantes freguesias	**CASCAIS** – União Sindical de Cascais – Bairro da Lapinha, Lote 1
LISBOA	Ameixoeira Charneca	**ODIVELAS** – Pavilhão da Comissão de Moradores – Lg do Sr Roubado (junto à firma Pereira e Farto)
	Sta Maria de Belém	**ALGÉS** – Edifício da Comissão de Moradores – Av dos Bombeiros Voluntários
	Sta Maria Olivais	**MOSCAVIDE** – Teatro dos Bonecreiros – R António Maria Pais, n º 6 (junto às Finanças)
	Restantes freguesias	**LISBOA** – Sociedade Nacional das Belas Artes – R Barata Salgueiro (perto do Marquês de Pombal)
LOURES	Apelação Camarate Sacavém Unhos	**SACAVÉM** Delegação do Sindicato dos Metalúrgicos Praça da Republica, 66-A
	Bucelas Caneças Fanhões Frielas Loures Lousa Odivelas Póvoa de St º Adrião St º Antônio do Tojal S Julião do Tojal	**ODIVELAS** – Pavilhão da Comissão de Moradores Lg do Sr Roubado (junto à firma Pereira e Farto)
	Moscavide	**MOSCAVIDE** – Teatro dos Bonecreiros – R António Maria Pais n º 6 (junto às Finanças)
	Santa Iria da Azóia S João da Talha	**SANTA IRIA DA AZÓIA** – Delegação do Sindicato dos Vidreiros – R S Francisco Xavier Lote 4 – 8-A – Loja
LOURINHÃ	Todas as freguesias	**TORRES VEDRAS** – União Sindical de Torres Vedras – R Tenente Valadim, 1-2 º
MAFRA	Milharado	**SOBRAL DE MONTE AGRAÇO** – Edifício dos Bombeiros Voluntários
	Restantes freguesias	**MAFRA** – Delegação do Sindicato dos Metalúrgicos – R Frei Estêvão Jesus Maria – Lt 4, r/c, Esq º
OEIRAS	Amadora	**AMADORA** – Soc Filarmónica Recreio Artistico Amadora – R Elias Garcia, 142
	Carnaxide	**ALGÉS** – Edifício da Comissão de Moradores – Av dos Bombeiros Voluntários
	Restantes freguesias	**OEIRAS** – Edifício da Câmara Municipal – Lg Marquês de Pombal
SINTRA	Belas Queluz	**AMADORA** – Soc Filarmónica Recreio Artistico Amadora – R Elias Garcia, 142
	Agualva – Cacém Algueirão Mem Martins Almargem do Bispo Rio de Mouro	**AGUALVA – CACÉM** Delegação do Sindicato dos Têxteis – Lg da Estação, Lt 4, 1 º Dt º (junto à estação da CP)
	Colares Montelavar S João Lampas Sintra Terrugem	**SINTRA** – Palácio Municipal de Valenças (junto aos Bombeiros Voluntários)
SOBRAL MONTE AGRAÇO	Todas as freguesias	**SOBRAL MONTE AGRAÇO** – Edifício dos Bombeiros Voluntarios
TORRES VEDRAS	Todas as freguesias	**TORRES VEDRAS** – União Sindical de Torres Vedras – R Tenente Valadim, 1-2 º
VILA FRANCA DE XIRA	Alhandra Cachoeiras Castanheira S João Montes Vila Franca de Xira	**VILA FRANCA DE XIRA** – Delegação do Sindicato dos Metalúrgicos R Serpa Pinto, 136, 2 º (junto à estação da CP)
	Alverca Ribatejo Calhandriz Póvoa Santa Iria Vialonga	**ALVERCA RIBATEJO** – Delegação do Sindicato dos Químicos – R César Augusto Gonçalves Ferreira – Lote 11

NOTA: Todos os associados em condições de votar (maiores de 18 anos, que sejam sócios do Sindicato há mais de três meses e que tenham pelo menos as quotas de Setembro pagas) deverão no acto de votação fazer-se acompanhar do cartão de sócio ou do postal-convocatória que oportunamente receberão e do Bilhete de Identidade

Lisboa 4 de Janeiro de 1978

O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

Manuel Gameiro da Silva

NACIONAL FUTEBOLÍSTICO

Porto (3-1 ao Marítimo) a dois pontos do Benfica

O Futebol Clube do Porto derrotou o Marítimo, por 3-1, no encontro em atraso correspondente à 3.ª jornada, do campeonato nacional de futebol da 1.ª divisão, disputado ontem à noite, no Estádio dos Barreiros, no Funchal. Ao intervalo, os portistas já venciam por 2-1.

O madeirense Eduardinho abriu o activo, aos 18 minutos. O FC do Porto igualou (aos 37 minutos), por intermédio do brasileiro Duda. Volvidos 2 minutos, o mesmo Duda colocou a sua equipa a vencer por 2-1. O único golo da segunda parte foi obtido por Gomes, aos 40 minutos.

Quim, Noémio e Djair (do Marítimo), Gabriel Murça, (FC Porto) foram punidos com o cartão amarelo.

Sob a direcção de Nemésio Castro, de Lisboa, as equipas alinharam:

Marítimo: Quim, Fernando, Eduardo Luís, Noémio e Rui; Calixto, Eduardinho e Canãn; Márinho, Tininho e Djair (Noberto).

FC Porto: Fonseca; Gabriel, Simões, Freitas e Murça; Rodolfo, Oliveira e Gonzalez; Seninho, Duda e Ademir.

O juiz lisboeta não assinalou (logo aos 4 minutos) uma clarissima grande penalidade contra o Marítimo (falta de Noémio sobre Ademir), mas o FC Porto, valendo-se de melhor preparação e talento, não se perturbou e, conduzindo sempre o jogo, não teve qualquer dificuldade em ganhar o direito a colocar-se apenas a dois pontos do comandante do nacional (Benfica) saltando um obstáculo (Marítimo) que, dia-a-dia, mais se vai afunilando na tabela classificativa.

Exibições salientes de Anderssen (em estreia), Noémio, Quim, Simões, Seninho, Duda, Oliveira e Gonzalez.

PONTO DE VISTA MADEIRENSE

No final do jogo, o treinador Pedro Gomes referiu-se (uma vez mais) às dificuldades de treino da sua equipa no Estádio dos Barreiros: «Esta semana treinámos pela primeira vez, com o campo molhado. Em dois meses, temos um total de oito horas de treino, no Estádio. Os jogadores treinam com sapatilhas para jogar com botas. As sapatilhas não aderem ao solo e estão na origem de várias lesões que afligem a equipa».

Sobre o novo reforço do Marítimo, o sueco Anderssen, Pedro Gomes expressou a opinião de que «ele chegou, viu e venceu. Ainda não tem ritmo para os 90 minutos, mas é daqueles que não enganam ninguém: é um bom jogador».

Quanto ao embate com a equipa do Porto: «Em dois minutos passamos de vencedores a vencidos: o Porto é o Porto e venceu com mérito». Ainda assim, o treinador do Marítimo viria a considerar que «faltam-nos os pontos na tabela classificativa, mas temos proporcionado bons espectáculos ao público madeirense».

OPINIÃO PORTISTA

José Maria Pedroto declarou:

«— O FC Porto teve de se empregar a fundo. O Marítimo, jogando sempre com o entusiasmo que colocou hoje na luta, dificilmente perde outros jogos no seu terreno. Porém, a nítida ansiedade e angústia que marcam a turma madeirense perturba os seus rapazes, de tal modo que ficam completamente à deriva, se as coisas deixam de lhes correr menos bem. Mas, nada de desesperar: há cerca de oito equipas a viverem com a mesma aflição do Marítimo e o campeonato ainda não chegou a meio.

PAULO EMÍLIO NO GOIÁS

Paulo Emílio não perdeu tempo: ainda sem rubricar a rescisão de contrato com o Sporting, apressou-se a afirmar compromisso com o Goiás (de Goiânia) por uma temporada de serviços.

RESERVAS EM ACÇÃO

Jogos entre reservistas da AFL, ontem realizados: Benfica, 3 Belenenses, 0 (saliências para Rui Lopes, Nené, Pereirinha e para o «azul» Carneirinho); Sintrense, 0-Sporting, 2 (Freire a conseguir uma dupla de golos) e Atlético, 1-Odivelas, 0 (cartões amarelos para Luís Chaves e para o alcantarense Avelar).

TREINADORES DISPUTAM

Prossegue a luta pela hegemonia no Sindicato de Treinadores, depois das duas listas presentes na última eleição não terem chegado a acordo para junção. Joaquim Meirim, Carlos Silva e António Medeiros (A), Fernando Vaz, Mário Wilson e José do Carmo (B) são as forças que se preparam para novo confronto.

Diferente sorte para dois Gomes: o avançado do Porto, mal entrou em campo selou o destino do Marítimo, o técnico madeirense assiste, jogo a jogo, à queda da equipa que conduziu à 1.ª divisão

XADREZ

Empate em Belgrado

A 15.ª partida da final do torneio dos candidatos que está a efectuar-se em Belgrado, entre Viktor Kortchnoy (brancas) e Boris Spassiky (pretas) saldou-se por um empate, à 34.ª jogada das pretas. O «score» actual é de 8/7, favorável a Kortchnoy.

VIANA

Na 7.ª jornada do Torneio Internacional de Xadrez da Juventude, que está a realizar-se em Viana do Castelo, apuraram-se os seguintes resultados: Pre Drag Nikolic (Jugoslávia) venceu Markus Klauber (Suiça); António Fernandes (Portugal) venceu Michael Rohde (EUA); Marc San Roman (França) venceu José Másculo (Brasil); Mordechai Sherentzel (Israel) venceu José António Miralles (Espanha); Sílvio Santos (Portugal) venceu Pedro Palhares (Portugal); Jorge Guimarães (Portugal) venceu Henrique Pereira (Portugal); Mohamed Kamel (Tunísia) venceu Fernando Sequeira (Portugal); João Sequeira (Portugal) venceu Ara Hadeler (Turquia); Peter Tonoli (Bélgica) venceu Pierre Baskewitsch (Luxemburgo).

Após esta jornada, a classificação ficou assim ordenada: 1 — Pre Drag Nikolic, 6 pontos; 2 — António Fernandes, 5,5; 3 — Marc San Roman, 5; 4 — Mordechai Sherentezel, 4,5; 5 — Michael Rohde, Markus Klaussser, Sílvio Santos e Jorge Guimarães, 4; 9 — João Sequeira, José Másculo e Mohamed Kamel, 3,5; 12 — Pedro Palhares, Peter Tonli e José António Miralles, 3; 15 — Henrique Pereira, 2,5; 16 — Fernando Sequeira, 2 e 17 — Ara Hadeler e Pierre Baskewitsch, 1.

JUNIORES EM FRENTE

Portugal na Polónia à custa do Luxemburgo

A selecção de futebolistas juniores de Portugal qualificou-se para a fase final do Torneio Internacional da UEFA», da categoria, ao vencer, na noite de ontem no Campo Estrela (Évora) igual representação do Luxemburgo, por 2-0. Na 1.ª «mão» os portugueses tinham igualmente vencido, por 4-1.

Os golos foram marcados por Salvador e Galhofas, respectivamente aos 25 e 38 minutos.

Sob a direcção do espanhol Lamo Castillo, auxiliado por Fernando Lage e Murta Lopes, as equipas alinharam:

Portugal: Zé Beto; Teixeira, Bastos Lopes, Tomás e Artur; Quinito, Nogueira e João Santos; Diamantino, Salvador (Magalão) e Galhofas (Gaspar).

Luxemburgo: Lucien; Bossi (Jungbuth), Frantz, Fries (Kostes) e Jeitz; Malget, Langers, Irthum e Manier; Girres e Brauch.

A parte final do jogo foi verdadeiramente tempestuosa, com o árbitro a ter necessidade de mostrar o cartão amarelo aos portugueses Bastos Lopes, Diamantino e Nogueira, mais ao luxemburguês Irthum.

Quatro moços de Portugal atingiram boa bitola técnica: Nogueira, Teixeira, Artur e Tomás. Com o êxito lusitano, a turma treinada por Peres Bandeira (ajudado por Jesualdo Ferreira) ganhou o direito a estar presente na Polónia, na fase decisiva do torneio.

Gomes da Silva abandona basquete do FC do Porto

O basquetebolista internacional Gomes da Silva, considerado um dos melhores praticantes da modalidade, suspendeu a actividade, prevendo-se que, esteja assente o seu abandono do F. C. Porto — apurou a ANOP de fonte segura.

Segundo o mesmo informador, existe séria incompatibilidade entre Gomes da Silva e o treinador, Carlos Ferreira, além da própria secção, o que o terá levado à decisão que bastante irá depauperar a equipa das Antas, pois aquele jogador é um dos seus mais influentes elementos.

, Gomes da Silva afirmou que preferia não prestar declarações à Imprensa sobre a sua saída do F.C. Porto, porque, ao fazê-lo, teria de levantar muitos e graves problemas que se passam na secção do clube —, afirmou o basquetebolista.

«Poderei voltar ao clube, mas só quando o actual técnico deixar definitivamente o F.C. do Porto» — concluiu Gomes da Silva.

ASSIM VAI O TOTOBOLA

PROGNÓSTICOS DOS ÓRGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO N.º 19, DE 8 DE JANEIRO DE 1978

O Algarve, 211 212 212 2121; Auto-Rádio, 11x 2x2 x12 xx21; Boa Nova, 111 212 212 x121; A Comarca de Arganil, 111 212 x12 x121; Cavalgada do Ritmo, x11 212 212 2x21; Clube do Ar, 1x1 x12 x12 x121; O Diabo, 111 x12 x1x 1121; Rádio Totobola, x11 212 x12 x121; O Despertar, 1x1 112 112 2221; O Comércio de Leixões, 111 212 2x2 xx21; O Concelho de Estarreja, 111 212 x12 1121; Correio de Coimbra, 111 212 x12 2x21; Correio do Vouga, 111 212 x12 2121; Diário de Coimbra, 111 x12 x12 1121; Diário de Lisboa, 11x 212 212 x12x; Diário do Porto, 11x 212 1xx xx2x; Ecos de Cacia, 211 212 x12 x121; Estrela da Manhã, x11 212 x12 1121; Estúdio 64, 11x 212 xx1 x221; Jornal de Gaia, 111 212 112 x121; Folha do Domingo, 111 212 212 21x1; Gazeta Das Caldas, x11 212 112 1x21; Jornal da Beira, x11 212 x12 1x21; O Jornal de Felgueiras, x11 212 x12 x121; Jornal do Fundão, 11x x12 11x x221; O Jornal da Lixa, 111 212 212 x121; Jornal de Notícias, 111 212 212 xx21; Jornal de Sintra, x11 212 xx2 x12x Notícias de Viseu, 11x 2x2 2x2 1121; Linhas de Elvas, 11x 212 212 2x21; Litoral, 111 212 x12 xx21; Mancheta Desportiva, 11x 212 212 x1x1; Maria da Fonte, 111 212 xx2 x121; Mundo Desportivo, 111 212 212 2121; O Norte Desportivo, 111 212 222 xx2x Notícias de Chaves, 211 212 x12 x121; Notícias de Évora, 111 212 x1x 2x21; Notícias de Felgueiras, x11 212 212 x121; Notícias de Gouveia, x11 x12 112 1x21; Penalti, 111 212 212 2121; Placard Desportivo, 111 212 212 2x21; O Porto, 111 212 21x 1xx1; Programa Sem Nome, 111 212 x1x xx21; Quadrante Desportivo, 211 212 212 21x1; Quadrante Norte, x11 212 2x2 1121; Rádio Altitude, 111 212 112 2121; Panorama, 111 212 x12 2221; Rádio Placard, 111 111 111 1111; Rádio Sports, 211 212 112 1121; Reconquista, 211 212 112 1121; Renovação, 11x 212 x12 1x21; Repórter do Dia, 111 212 212 2121; Resenha Desportiva, 111 212 112 21x1; Encontro Musical, 111 x12 112 x121; Ritmo e Amizade, 11x 212 xx2 x1x1; Dimensão 3. 211 212 2xx x1x1; Primeiro Andamento, 21x 2x2 xx2 2121; RDP-Desporto, x11 212 212 xx21; A Voz do Domingo, 111 x12 112 xx21, Voz de Lamego, 111 212 122 2121; Alvo Desportivo, 111 212 xx2 21x1; O Primeiro de Janeiro, x11 212 212 2x21; Rádio Alvo, x1x 212 212 2x21; A Voz dos Ridículos, 11x 112 x12 1112; Jornal da Graça, 111 1x1 112 1112.

17ª. ÉPOCA

	RESUMO 1	X	2	BOLAS 1	X	2	(a)
1. PAREDES - GIL VICENTE	44	13	8	8	2	2	
2. MARITIMO - MONTIJO	63	2	0	11	1	1	
3. RÉGUA - UNIÃO DE LEIRIA	52	13	0	10	2	1	
4. AMORA - BOAVISTA	4	7	54	1	1	10	
5. BENFICA - BELENENSES	61	4	0	11	1	1	
6. DESP. AVES - PORTO	2	0	63	1	1	11	
7. VIANENSE - PORTIMONENSE	15	26	24	3	5	4	
8. ALMADA - SINTRENSE	52	11	2	9	2	1	
9. BENAVENTE - VARZIM	2	7	56	1	1	10	
10. FAMALICÃO - SETÚBAL	16	28	21	3	5	4	
11. BÉTIS - VALÊNCIA	40	21	4	7	4	1	
12. HÉRCULES - REAL MADRID	3	8	54	1	1	10	
13. SALAMANCA - SEVILHA	59	6	0	11	1	1	

a) Nos termos do Artº. 13º. do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.

A "chave" lógica será: 111 212 X12 X121

EM ÉVORA

Empossado novo comandante da Região Militar Sul

O general Rocha Vieira, chefe do Estado-Maior do Exército empossou ontem o novo comandante da Região Militar Sul, brigadeiro Lopes Alves, que substitui naquele posto o brigadeiro Artur Beirão, escolhido para exercer importantes funções no EMGFA.

Em breves palavras pronunciadas no início da cerimónia, Rocha Vieira elogiou o comando do brigadeiro Beirão, apontando-o como exemplo do «verdadeiro soldado», salientando nomeadamente, «a sobriedade de atitudes que soube sempre manter em todos os aspectos e também no que respeita a declarações públicas».

A este propósito, afirmou ainda o CEME: Em várias ocasiões a opinião pública foi levada a emocionar-se em torno de questões militares e declarações de responsáveis, sem que dali resultassem vantagens para a resolução dos problemas», acrescentando todavia que «é útil e salutar a crítica e o conhecimento geral dos factos e questões militares».

A terminar, o CEME manifestou a sua confiança no novo comandante, que já exercia as funções de segundo comandante. Para este último lugar foi nomeado o brigadeiro Trindade Lima.

COMANDANTE-CHEFE DA MADEIRA

O brigadeiro João Ilharco assumiu ontem as funções de comandante-chefe das Forças Armadas na Madeira.

Na alocução que proferiu perante os oficiais dos três rmaos das Forças Armadas que vai comandar, o brigadeiro Ilharco manifestou a sua satisfação por «ocupar um lugar operacional» que considerou de maior interesse de que um trabalho de gabinete, afirmando ainda ter a certeza de ir encontrar um corpo de tropas coesas e disciplinadas. A este propósito elogiou o anterior comandante, general Duarte Silva, que foi transferido para o continente, para o comando da Região Militar Norte.

Construção civil pode paralisar por falta de materiais

A falta de ferro e de cimento pode causar a paralisação de alguns importantes sectores da construção civil, nomeadamente o plano oficial de 100 mil novas habitações — segundo informações prestadas por um porta-voz das Associações dos Industriais de Construção Civil e Obras Públicas do Norte e Sul.

Um representante daquelas associações informou ainda que tinha sido feito um acordo com o ministro, segundo o qual seriam lançadas no mercado determinadas quantidades de ferro e cimento durante o último trimestre de 1977 e até hoje a promessa não foi cumprida.

Os pequenos industriais são os mais afectados pela crise da escassez de materiais dado que as fracas estruturas de que dispõem facilmente os levam à ruína. Esta situação tem permitido a entrada em acção dos especuladores e modo que a onstrução de casas clandestinas se está a tornar tão importante como a produção das empresas construtoras legalizadas. No sector afirma-se mesmo que a construção clandestina absorve mais materiais do que a restante.

A vantagem dos clandestinos está no facto de não pagarem impostos, licenças, taxas camarárias, seguros, nem descontarem para a Previdência. Por sua vez a falta de investimento nas indústrias privadas limita decisivamente a sua capacidade de acção.

De acordo com as referidas Associações as indústrias nacionalizadas são as que maior prejuízo causam aos industriais da construção civil.

Os industriais colocam a seguinte interrogação ao Governo: porque razão não se procede à importação livre do cimento acabando com o exclusivo que neste momento é detido pela Siderurgia Nacional? De acordo om as organizações patronais só resta aumentar «a oferta de forma a torná-la superior à procura seja por aumento da produção, seja por importação que complemente a produção nacional».

"O Século": 98 anos sem brinde

Pela primeira vez, desde que apareceu, há 98 anos, o jornal «O Século» não comemorou a passagem de mais um aniversário, ontem ocorrido. Nacionalizado em 1975, aquele matutino foi suspenso para reestruturação em Fevereiro de 1977, e, por decisão do Conselho de Ministros, em Agosto do mesmo ano, cessou a suà publicação. Nos últimos tempos tem-se falado em negociações no sentido de ser reprivatizada a empresa proprietária do jornal, a ex-Sociedade Nacional de Tipografia.

A ANOP, por ocasião da efeméride não comemorada, ouviu várias individualidades, que se mostraram favoráveis ao reaparecimento de «O Século».

Manuel Alegre:

«Posso apenas dizer que «O Século» foi um grande jornal deste País e que formulo votos para que se criem as condições que possibilitem o seu reaparecimento».

Humberto Lopes, presidente do Conselho de Gestão da Empresa Pública «Século/Diário Popular»:

«O Século» não morrerá. Nascerá das próprias cinzas para cumprir o seu destino. Tem de voltar a ocupar o lugar que lhe cabe por direito próprio na Imprensa portuguesa».

Adelino Tavares da Silva, que foi director de «O Século» durante alguns meses:

«Concordo que efectivamente «O Século» volte a ser publicado, mas tal como ele era a partir de meados de 1974: isto é, um jornal de trabalhadores».

Manuel Figueira, que dirigiu o jornal durante dois anos:

«É bom que apareça. É mesmo indispensável como factor de equilíbrio da opinião pública».

HABILITAÇÃO NOTARIAL

Terceiro Cartório Notarial de Lisboa

Notário Lic. António Manuel Rodrigues Hespanha

CERTIFICO para efeitos de publicação que, por escritura de 22 de Dezembro do ano corrente, exarada de folhas 74 v°. a folhas 75 v°. do livro de notas para escrituras diversas n°. F-24 deste Cartório, foi habilitada como única herdeira de JOAQUIM ANTUNES — natural da freguesia da Serra, concelho de Tomar, residente habitualmente na Rua de Entrecampos, n.° 2, 1°. andar em Lisboa, falecido a 2 de Setembro do ano corrente no estado de casado — sua mãe OLINDA MARIA ANTUNES que também usa apenas OLINDA MARIA, residente habitualmente na indicada morada de seu falecido filho.

ESTÁ CONFORME

Lisboa, 30 de Dezembro de 1977.

VILAR FORMOSO

Alimentos apreendidos serão inutilizados

As dezoito toneladas de carne e marisco apreendidos na alfândega de Vilar Formoso no passado sábado, deverão ser inutilizadas, defendem as autoridades sanitárias.

Na verdade, as dezoito toneladas de produtos congelados foram transferidos de um matadouro frigorífico para transporte em reboque vulgar pelo que se terá deteriorado a qualidade dos alimentos.

A tentativa da entrada ilegal desta mercadoria por Vilar Formoso, foi efectuada pelo motorista Sérgio Fernandes que conduzia um camião TIR com 22 toneladas de peças de metal vindas de Itália. Só que, no meio do metal, vinham as 18 toneladas de carne e marisco. Vendo-se descoberto, Sérgio Fernandes pôs-se em fuga, supondo-se que tenha ido para Espanha. A carga era composta por rins, fígados e línguas de vaca, fiambre, caranguejos e lagostins, tudo num valor estimado em 1600 contos.

Filmes de Sinde Filipe na SPA

Recomeçam hoje (18 e 30), as tardes culturais no auditório da Sociedade Portuguesa de Autores, com a antestreia de dois filmes de Sinde Filipe: «A Pastora», sobre uma ideia do próprio realizador, e «A Igreja Profanada», baseado num conto de Pinheiro Chagas.

rádio

1.° Programa

18.00: Noticiário; **18.05**: «O Povo e a Terra (RDP/Norte). Música Portuguesa; **19.00**: «A criança» cat; **20.30**: Orquestras; **21.00**: Trailcat; **20.30**: Orquestras; **21.00**: Trailler do folhetim «O Imortal de Florença», de Álvaro Martins Lopes; **21.20**: «Contraponto»; **23.30**: Polidesporto **24.00**: Último jornat **00.20**: Jazz; **00.30**: Música de Filmes; **01.00**: «Música na Noite (RDP/Sul)

2.° Programa

17.50: Música de Bailado. Le Triomphe de L'Amour, de Lully. Cidalisa e o pé de cabra, de Pierne. Billy the Kid, de Copland; **19.00**: «O canto e os seus intérpretes», por Maria Helena de Freitas; **20.00**: Suites para orquestra: O Mar, de Debussy. Jogos de Crianças, op. 22, de Bizet; **20.45**: Triplo concerto em dó maior op. 56, de Beethoven; **21.30**: Música de piano: Baladas, de Chopin. 3 Intermezzos op. 117, de Brahms; **22.25**: Árias de óperas de Verdi. Da ópera «Os Bandoleiros - Dall'infame...; Da ópera «As Vésperas Sicilianas» - Baolero; Da ópera «Ottelo» - Canzone del salice; Da ópera «Aida» Ritorna vincitor; **23.00**: Concertos para órgão e orquestra: Concerto n.° 1 em dó maior, de Haydn. Concerto n.° 6 em si bemol maior, de Thomas Arne; **23.45**: Quinteto em mi bemol maior op. 44, de Schumann; **00.20**: Missa em dó maior K. 337, de Mozart; **01.00**: Fecho.

3.° Programa Nacional e Regional (290 m)

18.00: «Contacto»; **18.20**: Títulos de 1.ª página; **18.30**: Actualidade; **18.45**: Fórmula 1; **19.05**: Teatro trágico, pelos Parodiantes de Lisboa; **20.10**: «Falando de Filatelia», por Carlos de Oliveira repetição); **20.15**: Antologia; **20.30**: Pesquiza; **20.50**: Diálogo; **21.00**: A música e as vozes; **21.30**: «Quando o telefone toca»; **23.03**: Mensagens bíblicas; **23.20**: «Nocturno»; **24.00**: «Nocturno» (continuação); **00.15**: «Dia a dia com o passado»; **02.00**: Fecho.

4.° Programa-Emissão Total em Estereofonia

16.00: «Gong», realização de João David Nunes; **19.00**: «Em Órbita»; **20.00**: «Forum», realização de Jorge Lopes; **22.00**: «Auditório»; **00.00**: «Prisma», realização de Fernando Quinas; **01.00**: «O Homem no Tempo», programa de Antropologia produzido por João de Sousa Monteiro; **02.00**: Fecho.

Rádio Renascença

18.00: Apelos; **18.15**: Igreja em Notícia - Palavra do Dia; **18.30**: Transmissão do Terço da Basílica dos Mártires; **19.00**: Programa da Liga dos Amigos de RR; **20.00**: Objectivo; **20.53**: Apelos; **21.05**: Curso de Língua Alemã; **21.30**: Ao Encontro da Grande Música; **22.00**: Quando o telefone toca; **22.30**: Temas Vivos; **23.30**: Dicionário Político; **23.55**: Meditando.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO

PROBLEMA N.° 11932

HORIZONTAIS

1 Marcha. Nome de homem.
2 Califa que mandou incendiar a biblioteca de Alexandria. Faldas.
3 Interjeição da ilha das Flores o mesmo que ah! oh! Fileira. Prefixo de privação.
4 Prasiodímio (s.q). Julgais. Contracção da preposição de com artigo definido.
5 Pedra de altar. Domésticas.
6 Víscera dupla. Armadilha.
7 Freguesia do concelho de Penafiel. Enguia.
8 Moveram os remos.
9 Nome de mulher. Larva das feridas dos animais. Preposição.
10 Guiar. Enlaces.
11 Amargo. Fruto Silvestre.

VERTICAIS

1 Economizar. Nau.
2 Gostar muito de. Caminhar. Caminha para cá.
3 Vai para fora. Poisava no mar (o avião).
4 Senhor. Crómio (s.q). Pronome reflexo. Viração.
5 Sulcas a terra. Parede.
6 Pronome pessoal. Oceano.
7 Artigo definido. Ópera de Verdi.
8 Nota musical. Espécie de burel (ant). Amónio (s.q).
9 Falda. Tempo mormacento.
10 Selvagem. Possuir.
11 Artigo definido. Sufixo que designa abundância. Móvel sobre o qual se come.

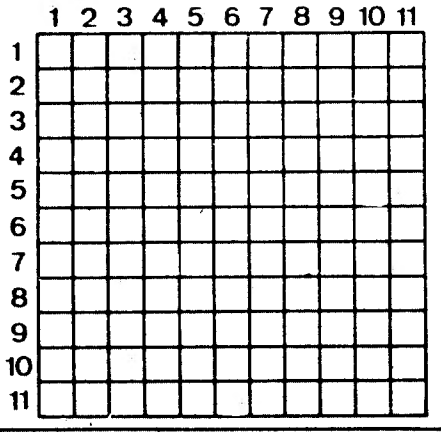
Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.° 7993

HORIZONTAIS

1 Risca. Mercado.
2 Ilha do Pequeno Belt. Estimam.
3 Ligue. Um cento. Naquele lugar.
4 Avarento. Vagueiam.
5 Posto emissor sonoro. Pai do marido em relação à esposa.
6 Artigo definido. Moderato.
7 Nota musical. Aqui. Oferece. Batráquio.
8 Antecipareis.
9 Filtrar. Soluça.
10 Brisa. Aparência. Cobrir.
11 Quinhentas folhas. Emprega.



VERTICAIS

1 Assolar. Atar.
2 Fúria. Venere.
3 Amalucada. Tempo do verbo ir.
4 Cobalto (sq). Eliminaram.
5 Filtro. Prefixo de privação. Rádio (s.q).
6 Pronome pessoal. Tálio (s.q).
7 Espaço de trinta dias. Concede. Pronome pessoal.
8 Batráquio. Festa de arraial (pl).
9 Desagradável. Acto ou efeito de empar.
10 Ocultar. Sarrafo.
11 Acarinho. Guarnecera de asas.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.° 11931

HORIZONTAIS

1 O QUE. ARDE.
2 Re. Arca. Ama
3 Diz. Au. Amar.
4 Erar. Roma.
5 Nora. Arão.
6 ANI. An. Am.
7 Na Has. Sare.
8 Clio. Acates.
9 Ai. Sa. Crias.
10 Croa. Carra.
11 Cessas. Soas.

VERTICAIS:

1 Ordenança.
2 Eiró. Alice.
3 Zara. Rs.
4 Oa. Ranhosos.
5 Era. Ia. AAA.
6 CURA. Sa.
7 Aa. Ora. CCC.
8 Amansaras.
9 Damão. Atiro.
10 Ema. Areara.
11 Arremessas.

PROVÉRBIO: O QUE ARDE, CURA

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.° 7992

HORIZONTAIS

1 Brame. Brava.
2 Aira. Eram.
3 Voa.
4 Imola. Rosna.
5 Raras. Orais.
6 Pádua. Os.
7 Ca. Os.
8 Ama. Som. Ua.
9 Lapão. Oral.
10 Ciara. Caiar.
11 Ossos. Assis.

VERTICAIS

1 Balir. Calco.
2 Ri. Mar. Mais.
3 Ardor. Capas.
4 Má. Lapa. Aro.
5 Vasa. Soas.
6 Mo. Dão.
7 Arpu. Moca.
8 Ré. Orão. Ras.
9 Arosa. Suais.
10 Va. Nio. Alai.
11 Amusase. Rs

tempo

Situação do tempo
09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava pouco nublado excepto no Algarve onde se encontrava muito nublado e o vento era fraco ou moderado de leste.

TEMPERATURAS DO AR

VIANA DO CAST.	9°
BRAGANÇA	3°
VILA REAL	3°
PORTO	9°
PENHAS DOUR.	5°
COIMBRA	9°
PORTALEGRE	11°
LISBOA	9°
ÉVORA	8°
SINES	11°
BEJA	8°
SAGRES	15°
FARO	12°
PONTA D.	13°
FUNCHAL	15°

TEMPERATURAS EXTREMAS

BRAGA
MÁXIMA ..... **18,5°**
MONTALEGRE
MÍNIMA ..... **0,1°**

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
11.35 3,5 m	5.03 1,4 m
	17.34 1,3 m
DIA 6	
00.11 3,7 m	6.05 1,2 m
12.41 3,7 m	18.31 1,1 m
DIA 7	
1.10 3,9 m	7.01 1,0 m
13.39 3,9 m	19.23 0,9 m

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Bom tempo com céu pouco nublado excepto no Algarve onde poderá estar temporariamente muito nublado; vento fraco ou moderado de Oeste; formação de geada nas terras abrigadas do interior do norte e centro do País.

AMANHÃ

NASCER ÁS 7.55
OCASO AS 17.30

DIA 9 DIA 16 DIA 24 Dia 31

farmácias

LISBOA

TURNO 57
Até às 22 horas

ALENTEJO — Av. da Igreja, 28-B. Tel. 892682; **ALGARVE** — Av. de Roma, 7-B. Tele. 801478; **ASCENSO** — Praça Norte, 11-A (B.° da Encarnação). Telefs. 311216-310172; **AVIS** — Av. de Roma, 56-B-C. Tel. 895370; **BAIRRO AZUL** — Av. Ressano Garcia, 7-A. Tel. 571451; **BENFICA** — Estrada de Benfica, 678-E. Tel. 702532; **CAMPO PEQUENO** — Av. Júlio Dinis, 10. Tel. 771661; **CENTRAL DE CAMPOLIDE** — Rua General Taborda, 17. Tel. 680304; **CENTRAL DO LUMIAR** — Rua do Lumiar, 77. Tel. 790480; **CONFIANÇA** — Aven. Almirante Reis, 48-B. Tel. 821653; **CRUZ NUNES** — Praça Duque de Saldanha, 14. Tel. 41845; **FERNANDES BORGES** — Rua C. Benguela, lote 39. Tel. 311091; **GRIJÓ** — Rua do Grilo, 25. Tel. 385264; **LARANJEIRA** — Rua Filipe da Mata, 160-162. Tel. 761035; **LOBEL** — Rua Infantaria, 16, 98-B. Tel. 688807; **MARLUZ** — Calç. Picheleira, 140-B C. Telefs. 720703-728395; **MODELAR** — Largo Dr. António Macedo, 7-A. Tel. 608896; **NOVA LISBOA** — Rua Guilhermina Sugia, 12. Tel. 727721; **S. NUNES SIMÕES, SUCR.** — Rua do Quelhas, 1 (Tel. 661275; **REMISIO** — Rua Jerónimos, 14-C. Tel. 631699; **ROSA VIEGAS** — Rua S. Vicente, 31. Tel. 864351; **S. JORGE** — Largo do Leão, 3-A-B. Tel. 534027; **SEPOL** — Calçada da Boa-Hora, 94-A. Tel. 631958; **SILMAR** — Rua S. Lázaro, 128. Tel. 42829; **VIEIRA BORGES** — R. Alexandre Herculano, 28-30. Tel. 40536; **VITEX** — Estrada de Benfica, 373-B. Tel. 780548.

Permanente

ASCENSO — P.ª Norte, 11-A. (B.° da Encarnação). Tel. 311216-310172; **AVIS** — Av. Roma, 56-B-C. Tel. 895370; **CENTRAL CAMPOLIDE** — Rua General Taborda, 17. Tel. 680304; **MARLUZ** — C.ª da Picheleira, 140-B. Telefs. 720703-728395; **MODELAR** — Largo Dr. António Macedo, 7-A. Tel. 608896; **SEPOL** — Calç. da Boa-Ho, 94-A Tel. 631958; **SILMAR** — R. S. Lázaro, 128. Tel. 42829; **VIEIRA BORGES** — R. Alexandre Herculano, 28-30. Tel. 40536; **LOBEL** — R. Infantaria 16, 98-B. Tel. 688807; **VITEX** — Estr. de Benfica, 373-B. Tel. 780548.

NOTA — As farmácias que não estão de serviço permanente encerram das 13 às 15 horas para almoço.

LINHA DE SINTRA

..**AMADORA** — **Confiança** — Av. D. Nuno Alvares Pereira, 15-A (Telef. 938149). Permanente; **Jardim** — Av. Conde de Oeiras-120-Reboleira (Telef. 938424). Até às 22 horas. **DAMAIA** — **Confiança** — Est. Militar Lote D (Telef. 9710231). **QUELUZ** — **Simões Lopes** — Av. Elias Garcia, 51 (Telef. 950123). **CACEM** — **Guerra Rico** — Entre lotes 6 e 7-Freixo Capitão (Telef. 2944002). **MEM MARTINS** — **Miranda Garcia** — Est. de Mem Martins, 173-B (Telef. 2914103). Até às 24 horas. **MERCÊS** — **Claro Russo** — Até às 21 horas. **RIO DE MOURO** — **Riomouro** — Av. Óscar Monteiro Torres, 8 (Telef. 2960194). Até às 23 horas. **SINTRA** — **Gomes da Silva** (Portela). Permanente. **COLARES** — **Abreja** (Telef. 299088).

OUTRA BANDA

..**ALCOCHETE** — **Nunes** — L. Coronel Ramos da Costa, 10 (Telef. 234137). **ALHOS VEDROS** — **Portugal** — Av. da Bela Rosa, 8 (Telef. 2042050). **ALMADA** — **Central** — R. de Olivença, 11-B (Telef. 2750504). **BARREIRO** — **Pimenta** — R. Cons.° Joaquim Ant.° de Aguiar, 259 (Telef. 2073012). **COVA DA PIEDADE** — **Louro** — R. Alexandre Herculano, 6-B (Telef. 2763517). **MOITA** — **Silva Rocha** — P. da República, 16 (Telef. 239029). **MONTIJO** — **Montepio** — R. Almirante Reis, 45 (Telef. 2310008). **SESIMBRA** — **Lopes** — R. Cândido dos Reis, 21 (Telef. 2233028). **SEIXAL** — **Godinho** — L. da Igreja, 51 (Telef. 2218580). **COSTA DA CAPARICA** — **Carlos** — Av. do Mar, 34-A-Quinta de St.° António.

LARANJEIRO DE FORA — Araújo

LINHA DE CASCAIS

..**ALGÉS** — **Almeida Nifo** — Av. Comb. G. Guerra, 64 (Telef. 2112070). **ALCABIDECHE** — **Carvalho** — Até às 21 horas. **PORTO SALVO** — **Ferreira Bastos** — Até às 21 horas. **CARCAVELOS** — **Central** — Até às 22 horas. **CARCAVELOS** — **Vilar** — Até às 24 e das 0 às 9 horas. **S. DOMINGOS DE RANA** — **Godinho da Silveira** — Av. Saboia. 29-B (Tel. 260085). Até às 21 horas. **PAÇO DE ARCOS** — **Pargana** — Av. Eng.° Bonneville Franco (Telef. 2435147). Até às 22 horas. **OEIRAS** — **Oeiras** — L. Henrique Paiva Couceiro (Telef. 2430485). Até às 24 e das 0 às 9 horas. **NOVA OEIRAS** — **Leal** — Até às 21 horas. **PAREDE** — **Aisir** — Av. Gago Coutinho-B.° das Caixas de Previdência (Telef. 2472948). Até às 24 e das 0 às 9 horas. **PAREDE** — **Junqueiro-Mendes** — Até às 21 horas. **AMOREIRA** — **Amoreira** — (Telef. 262313-267314). Até às 22 horas. **CASCAIS** — **Nova** — Est. de Alvide-Fontainhas (Telef. 2810044). Até às 21 horas; **Marginal** — Av. Marginal (Telef. 280078). Até às 24 e das 0 às 9 horas.

PORTO
(De dia e só até às 22 horas)

FOZ — Rua Senhora da Luz, 380 — Foz — Tel. 680127; **ALÍRIO DE BARROS** — Rua de Costa Cabral, 240- Tel. 480593; **MAGALHÃES** — Rua de Serralves, 566 — Tel. 63561; **NOVA DE MONSANTO** — Rua de Monsanto, 148 — Tel. 490889; **CORREIA** — Praça Mouzinho de Albuquerque, 78 — Tel. 60869; **CORUJEIRA** — Rua de S. Roque da Lameira, 1473 — Tel. 51928; **COUTO** — Largo de S. Domingos, 106 — Tel. 25963; **LUSO-FRANCESA** — Rua Sá da Bandeira, 140 — Tel. 26134.

(De dia e toda a noite)

..**LAPA** — Rua Antero de Quental, 211 — Tel. 480697; **GOMES CARNEIRO** — Rua de Cedofeita, 348 — Telef. 23420; **CENTRAL** — Rua de Santo António, 203 — Tel. 21684.

COIMBRA
(Das 9 horas às 9 do dia seguinte)

..**MACHADO** — Rua Bernardo de Albuquerque — Tel. 23767; **FERRAZ** — Rua do Brasil, 70 — Tel. 71526.

centros de cinemas e teatros

abCINE
Centro Comercial de Alvalade
Sala A — 14, 16.30, 19 21.30 e 24 h.
NEW YORK, NEW YORK
N. ac. M/ 13 anos
Sala B — 13, 15, 17, 19, 21.30, 24 h.
UM CADÁVER DE SOBREMESA
N. ac. M/ 13 anos

ALVALADE 897480
Av. Roma
14.30, 17.45 e 21.00
3.ª semana
UM CASO ESTRANHO
c/ Amitabh Bachhan e Parveen Babi
int. a men. 13 anos

APOLO 763319
Av. Júlio Dinis, 10-A
14, 16.30, 19 e 21.30
2.ª semana
A MAIS LOUCA AVENTURA DE BEAU GESTE
de Marty Feldman
N. ac. M/ 13 anos
Hoje às 24 h.
Não acons. m/ 18 anos
FRANCKENSTEIN

AVIS 547163
Av. Duque D'Ávila, 45
15.30, 18.30, 21.30
Bud Spencer em
O REGRESSO DO INSPECOR MARTELADA
de Steno
n. ac. M/13 anos

BERNA 776098
Av. Marquês de Tomar
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h.
3.ª semana
KING KONG
de John Guilhermin
c/ Jejj Bridges, Charles Grodin, Jessica Lange
Int. M/ 13 anos

CALEIDOSCÓPIO 795093
Campo Grande
14, 16.30, 19 e 21.30 h.
3.ª semana
AS AVENTURAS DE BERNARDO E BIANCA
Para todos
Falado em português

CASTIL 530194
Rua Castilho
15.30, 18.30, 21.30
2.ª semana
Bud Spencer em
O REGRESSO DO INSPECOR MARTELADA
de Steno
N. ac. M/ 13 anos

CINE CITY
Rua Tomás Ribeiro, 34
14.30, 16.45, 19, 21.30 e 23.45
6.ª semana
O PRINCIPE E O POBRE
c/Rex Harrison, Charlton Heston e Raquel Welch
Não acon. a M/13 anos

CINEBOLSO 573407
R. Actor Taborda, 27/B
12.30, 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h.
SAIAS ACIMA... JÁ
int. m/18 anos
As 24.00
18 anos
A MANSÃO DO PODER OCULTO

CONDES 322523
Av. da Liberdade, 2
14 16.30 18.45 21.30
4.ª semana
O BELO ANIMAL
c/ Jean-Paul Belmondo e Raquel Welch
N. ac. M/ 13 anos

DOIS MIL 2100055
Av. Bombeiros Voluntários, Lote 113 — Algés
15.30, 18 e 21.30
LABIRINTO DE AMOR
int. a m/13 anos

EDEN 320768
P. Restauradores, 21
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h.
3.ª semana
KING KONG
de John Guilhermin
Int. a M/13 anos

ESTÚDIO 555134/5
Al. Afonso Henriques, 35
15.30, 18.30 e 21.30 h.
4.ª semana
c/ Liza Minnelli e Robert de Nira
NEW YORK, NEW YORK
de Martin Scorsese
Não acons. men. 13 anos

ESTÚDIO 444 779095
Av. Defensores de Chaves, 83
15.30, 18.30, 21.30
6.ª semana
A LICEAL
c/ Gloria Guida
n.ac.m/18 anos

EUROPA 861016
R. Almeida e Sousa, 35
15.15, 21.30
VOO DAS ÁGUIAS
Não acons. m/ 13 anos
24.00 h
Amanhã e sábado
DOMINGO NEGRO
n. ac. M/ 13 anos

IMPÉRIO 555134/5
Al. Afonso Henriques, 35
15.15, 18.30 e 21.30
Sean Connery e
O PRÓXIMO HOMEM
de Richard Sarajian
Int. a M/ 13 anos

LONDRES 801313
Av. Roma, 7-A
14.15, 16.30, 18.45 e 21.15
11.ª semana
AS BELAS MULHERES DOS OUTROS
c/Jean Rockefort, Claude Brasseur, Vruv Bedos
Não acons. m/ 13 anos

MONUMENTAL 555131
P. Duque de Saldanha
14, 16.30, 19, 21.30
4.ª semana
A GUERRA DAS ESTRELAS
c/Alec Guiness e Peter Cushing
Não ac. M/ 13 anos

MUNDIAL 538743
R. Martens Ferrão, 12-A
15.15, 18.30 e 21.30
3.ª semana
UMA VEZ NÃO BASTA
c/Kirk Douglas, Alexis Smith, Melina Mercouri, Brenda Vaccaro
Não acons. men. 18 anos

NIMAS 574362
Av. 5 de Outubro, 42-B
14.15, 16.45, 19, e 21.30 h.
5.ª semana
O seu espectáculo de festas
UM AMERICANO EM PARIS
de Vincent Minnelli
c/ Gene Kelly e Leslie Caron
Para todos

NOVOCINE 840678
Av. General Roçadas, 7
15.15 e 21.15 h.
Rocio Durcal em
A IRMÃ REBELDE
Não acons. m/ 13 anos

ODEON 326283/4
R. Condes, 12 a 20
15.15, 18.15 e 21.15 h.
2.ª semana
O PALÁCIO DO AMOR
Int. M/13 anos

OLYMPIA 325309
Rua Condes, 11 a 23
Sessões contínuas a partir das 14.00
CASAIS CLANDESTINOS
c/ Philippe Castè e Anne Libert
int. a M/18 anos

PATHÉ 821933
R. Francisco Sanches, 122
14.15, 16.30, 18.45, 21.30
Michael Conoh, Margo Johns, Jess Conrad
KONGA
de John Lemant
Não acons. men. 18 anos

POLITEAMA 326305
Rua Portas de St.ª Antão
14.15, 16.30, 19 e 21.30
2.ª semana
O TERROR DOS ABISMOS
c/ Stephen Boyd
Int. a M/ 13 anos

QUARTETO 771378
R. Flores de Lima, 16
Sala 1 14.30, 16.45, 19, 21.15
INSERTS
Int. a M/ 18 anos
Sala 2 15, 17, 19, 21, 23
FRANÇA SOCIEDADE ANÓNIMA
Int. a M/ 18 anos
Sala 3 14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30
PASQUALINO DAS 7 BELDADES
n. ac. M/18 anos
Sala 4 15, 17, 19, 21, 23
PARTNER
Não acons. men. 13 anos

RESTELO 810375
Av. Torre de Belém
21.30
O GANG
c/ Alain Delon
Não acons. m/ 13 anos

ROMA 887778
Av. Roma, Lote JRB
15.30, 18.30 e 21.30
3.ª semana
KING KONG
de John Guillermin
Int. a M/ 13 anos
o filme começa a projectar-se no início das sessões

ROXY 548560
Av. Almirante Reis, 20
14.15, 16.30, 18.45 e 21.30
Charles Bronson e Alain Delon em
SOL VERMELHO
n. ac. M/ 13 anos

SÃO JORGE 579144
Av. Liberdade, 175
15.15, 18.30, 21.30
4.ª semana
NEW YORK, NEW YORK
de Martin Scorsese
Não acons. m/ 13 anos

SATÉLITE 562632
Av. Fontes Pereira de Melo, 61
15, 17, 19, 21.30
PASQUALINO DAS 7 BELDADES
c/ Giancarlo Giannini
n. ac. M/18 anos

STAR 804210
Av. Guerra Junqueiro, 14-C
15.30, 18.30 e 21.30
7.ª semana
O PRINCIPE E O POBRE
c/ Rex Harrison, Charlton Heston e Raquel Welch
n. ac. M/13 anos

TERMINAL (CINE-ESTÚDIO) Tel. 371575
Estação do Rossio
10, 12, 14, 16, 18, 21.30 e 24
3.ª semana
UM CADAVER DE SOBREMESA
c/Truman Capote, Peter Falk, Alec Guiness, Peter Sellers, David Niven
Não acons. men. 13 anos

TIVOLI 570595
Av. Liberdade, 188
15.15, 18.30 e 21.30 h.
3.ª semana
AS AVENTURAS DE BERNARDO E BIANCA
Para todos
Falado em português

VOX 880808
Av. Fr. Miguel Contreiras, Lote 879
15.15, 18.30 e 21.30 h.
3.ª semana
CASSANDRA CROSSING
c/ Sophia Loren e Richard Harris
n. ac. M/18 anos

D. JOÃO V 971794
Praça Centro Comercial — Damaia
21.15
CULPADO OU INOCENTE
Não acons. m/ 13 anos

PALÁCIO FOZ 367031
P. Restauradores
15.15, 18.15, 21.15
Ciclo: Burlesco (2.ª série) — 10$00
UMA NOITE NA ÓPERA
Não acons. m/ 6 anos

cinemas

LISBOA

MARIA VITÓRIA — (18 anos) às 20.30 e 22.45 «Alto e Para o Baile»
LAURA ALVES — às 21.30 (18 anos) «Calcinhas Amarelas».
ADÓQUE — às 20.30 e 22.45 «O Calinas Cala a Boca» (18 anos)
TEATRO ABERTO — «Os Macacões», às 22.45 (13 anos)
TEATRO DA GRAÇA — 21.30 (13 anos) «Uma Abelha na Chuva»
TEATRO DO BAIRRO ALTO — «As Três Irmãs», às 21.15 (13 anos)
ABC — «O da Guarda», às 20.30, 22.45 (18 anos)
CIRCO AMERICANO — 22 h (6 anos)

PORTO

SÁ DA BANDEIRA — «Aqui Quem Manda sou eu!», às 21.30 (13 anos)
TEP — «Os Emigrantes», às 21.30 (13 anos)
COOPERATIVA DO POVO PORTUENSE — «Contos Crueis», às 21.45 (18 anos)

LISBOA

INEARTE — «Big Boss, o Implacavel», às 21.30 (18 anos)
PARIS — «King-Kong», às 21.30 (13 anos)
INEAUDITÓRIO — «O Golpe», as 21.15 (18 anos)
OLISEU — «Lição de Amor», as 21.30 (18 anos)
CAPITÓLIO — «As Memorias Intimas de Miss Aggie» às 17, 19 e 21.30 (18 anos)
PROMOTORA — «Rainha do Amor» às 21.15 (13 anos)
JARDIM — «Marcha Triunfal», às 21.15 (18 anos)
LUMIAR — «Batalhão de Condenados», às 21.30 (13 anos)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS — **Stadium** — «Sofrimento de Amor», às 21.15 (18 anos)
PAÇO DE ARCOS — **Chaplin** — «Os Inocentes de Mãos Sujas», às 21.15 (18 anos)
PAREDE — **Royal** — «A Última Mulher», às 21.15 (18 anos)

ESTORIL — **Palácio** — «O Expresso de Chicago», às 21.15 (13 anos)
CASCAIS — **S. José** — «Uma Aventura na Estrada», às 21.15 (18 anos)

LINHA DE SINTRA

AMADORA — **Recreios Desportivos** — «O Tubarão», às 21.15 (18 anos)
MEM MARTINS — **Cine Chaby** — «O Grande Circo», às 21.15 (6 anos)

OUTRA BANDA

ALMADA — **Incrivel** — «40 Graus à Sombra de um Lençol», às 21.15 (18 anos)

PORTO

JÚLIO DINIS — «Escândalo em Família», às 21.30 (18 anos)
OLISEU — «Amor à Vida», às 21.30 (13 anos)
ESTÚDIO — «Casanova» — às 21.30 (18 anos)
CARLOS ALBERTO — «O Ditador», às 21.30 (6 anos)
CHARLOT — «História da Cinderela», às 21.30 (para todos)
BATALHA — «A Super Patrulha», às 21.30 (13 anos)

RIVOLI — «O Voo das Águias», às 21.30 (13 anos)
PASSOS MANUEL — «King Kong», às 21.30 (13 anos)
TRINDADE — «Cassandra Crossing», às 21.30 (13 anos)
ÁGUIA D'OURO — «Senhoras ao Vosso dispor», as 21.30 (18 anos)
OLÍMPIA — «A Mulher Dragão», às 21.30 (18 anos)
HAPLIN — «Golpe em Berlim», às 21.30 (13 anos)
ESTÚDIO 400 — «De Amor se Morre», às 21.30 (18 anos)
SÃO JOÃO — «King-Kong», às 21.30 (13 anos)
SALA BEBÉ — «Alice já não Mora aqui», às 21.30 (18 anos)

COIMBRA

S. TEOTÓNIO — «Música no Coração» às 21.30 (6 anos)
AVENIDA — «O Agente Irresistivel», às 21.30 (13 anos)
TIVOLI — «Domingo Negro», as 21.30 (18 anos)

DL

RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO-GERAL
RUA CASTILHO, 185, 1.º, 2.º
TELEF. 654531/2/3/4
REDACÇÃO, SERVIÇOS TECNICOS E PUBLICIDADE
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEF. 321154/5, 328271/2/3
RUA DA ROSA, 75
END. TEL. DIBOA TELEX 12363
LISBOA-PORTUGAL

CONSTANTE HÁ CINCO MESES

Depreciação do escudo nos mercados internacionais

O escudo atinge as cotações mais baixas no mercado internacional desde o início da sua desvalorização «deslizante» em Agosto do ano passado. Exceptua-se a paridade com o dólar que, mercê das pressões a que se encontra sujeita a moeda norte-americana, acusam uma progressão de sinal positivo.

As últimas «quedas» do escudo em relação às principais moedas internacionais (libra, dólar, franco francês e franco suíço e marco alemão) são influenciadas precisamente pelas acções contra o dólar mas não dependem apenas delas, já que o fenómeno de desvalorização é uma constante diária nos últimos cinco meses.

Desde a entrada em vigor do «Pacote II», que envolveu a «flutuação» do escudo, este perdeu terreno em relação a todas aquelas moedas. Actualmente a libra é cotada a 77$18/77$64 (compra e venda), o marco a 1895$89/1907$09 (compra e venda para 100 marcos), o franco francês a 847$85/853$23 (também para 100 francos) e o franco suíço (ainda para 100 francos) a 2064$30/2045$65.

A tendência para a depreciação da moeda portuguesa, que deverá manter-se independentemente da evolução do dólar, torna cada vez mais difícil o turismo português para o estrangeiro mas, mais grave ainda, onera gravemente as importações essenciais do País.

NOVO CCT EM CAUSA

Previdência em greve no dia 10

Os trabalhadores da Previdência e Serviços Médico-Sociais farão nova greve de três horas no próximo dia 10, em continuação da luta que vêm desenvolvendo pela negociação do Contrato Colectivo de Trabalho do sector.

A nova paralisação prevista terá a duração máxima, entre as 14 e 30 e as 17 e 30, nas Caixas de Previdência e sedes dos Serviços Médico-Sociais e de apenas meia hora, entre as 14 e 30 e as 15 horas, nos postos clínicos.

Em conferência de Imprensa esta manhã realizada na Federação dos Sindicatos dos Escritórios do Sul, a Comissão Sindical Negociadora do CCT apelou para a compreensão dos utentes de todos aqueles serviços, relativamente à luta que os trabalhadores do sector vêm desenvolvendo pela manutenção das regalias adquiridas e liberdade de contratação.

Este processo de luta surge na sequência da publicação de um despacho regulamentar da Secretaria de Estado da Segurança Social que nomeou um Grupo de Trabalho com a missão de elaborar uma Portaria de Regulamentação de Trabalho.

No entanto, porque pretendem a liberdade de negociação da contratação, os sindicatos envolvidos recusaram fazer-se representar nesse Grupo de Trabalho, o que não evita que aí se prossiga a elaboração da PRT que acabará por substituir o pretendido CCT.

PUB

EXTRA

A situação política é de impasse governativo — apesar de se terem verificado alguns sinais animadores. Eanes prepara-se para o que der e vier. O EXTRA, que hoje saiu, analisa as soluções possíveis. E para melhor esclarecimento dos leitores pediu aos partidos, com representação parlamentar, que se explicassem.

Apesar das incertezas do presente vários redactores do EXTRA olharam para o futuro e prevêem o que será 1978 da economia à política, passando pelas questões militares, de informação e internacionais.

Os ferroviários estão dispostos a encetar novas formas de luta. E têm boas razões para tal. O mesmo se pode dizer dos TAP onde os aviões parecem dispostos a não voar. Quais as causas duma tal situação? Os nossos redactores espreitaram o que se passa tanto com os aviões como com os comboios.

O EXTRA percorre terras da Beira. Os rendeiros de Cubos-Mangualde — falam do difícil futuro que as suas mãos constroem. Em Viseu, Luís de Almeida Henrique explica que «há poucos problemas resolvidos porque a esquerda é minoritária».

14 DE BEJA ABSOLVIDOS

Juiz considerou-os "réus políticos" e mandou arquivar o processo

Durante o julgamento

BEJA, 5 — «Pelo nosso enviado Manuel Geraldo» — Três horas apenas bastaram para que o tribunal, presidido pelo juiz dr. Guerra Pires, chegasse a uma conclusão que durante meses escapou ao juiz instrutor do processo dr. Agostinho Sousa Inês: a de que os 14 antifascistas acusados de terem perturbado um comício do general Ramalho Eanes aqui realizado para a campanha presidencial, eram réus políticos, logo abrangidos pela amnistia decretada pelo Governo no Natal de 1976.

Ao ditar a sentença, de absolvição, ou melhor ao mandar aquivar este processo, o dr. Guerra Pires punha, assim termo a uma situação quase kafkiana, marcada por flagrantes atentados à Justiça, e à própria Constituição, como o demonstram a forma como foi elaborada toda a acusação, à base de testemunhas falsas e versões escamoteadas, passando pela transferência dos arguidos da cadeia da Comarca para o presídio de Monsanto. Como no caso de Rui Gomes, como no processo movido por um «pide» contra o primo de Ribeiro dos Santos, para não falarmos, porque distintas, nas situações presentes de Constituição, a realidade que é este Portugal pós-25 de Abril.

Populares diante do Tribunal

NÃO CONSIDERAR A ABSOLVIÇÃO COMO «ESMOLA»

Eram precisamente 16 horas, quando o dr. Guerra Pires, rodeado por dois juízes assessores, Fernando Bento e Guerra Fernandes, ao tonar público, o Acordão do Tribunal, dava aval ao requerimento interposto no início do julgamento pelos advogados de defesa. Baseando-se no Decreto-Lei 758/22 de Outubro de 76, que concede aos cidadãos deste País expressarem publicamente as suas opiniões e de refutar as posições com que discordam e considerando o processo abrangido pela amnistia do Natal, de 76, aquele jurista declararia em conformidade, «extinto o procedimento criminal, instaurado contra os réus e ordenando consequentemente o seu arquivo».

Estavam assim «vencidas» as posições defendidas primeiro pelo dr. Agostinho de Sousa Inês e deste ontem, em pleno tribunal, pelo delegado do Ministério Público, dr.ª Maria Teresa Montenegro.

Depois foi o abandonar a sala de audiências entre vivas ao «25 de Abril» e abraços aos antifascistas absolvidos. Abraços e vivas que se estenderiam às centenas de pessoas que no largo fronteiriço ao tribunal eram mantidas à distância por barreiras metálicas, e forte aparato policial. Aparato policial visível, já que desde as primeiras horas da manhã se sabia estar estacionado no interior do quartel velho, um contingente da Polícia de Intervenção vindo expressamente de Lisboa.

No átrio do edifício dois dos antifascistas, Manuel Pegado e António Palminha, teriam oportunidade de frisar «que a sua absolvição não devia ser encarada como uma esmola ou como um acto de benevolência ou de boa-vontade do Poder, mas antes como fruto duma «dura luta», duma vitória da unidade de largos sectores da opinião progressista portuguesa».

Manuel Pegado referiria a urgência em incriminar os autores da «pidesca encenação montada à sua volta, responsáveis directos ou camuflados por largos meses de prisão, pelo aviltamento moral e psíquico, a que estiveram sujeitos pelos danos materiais, recordando a forma humilhante como haviam sido conduzidos de Monsanto para Beja, de madrugada sob uma impressionante escolta da GNR».

Tudo isto não pode ficar arquivado, pois não nos devemos esquecer que se penitenciarmos actos desta natureza, outros se seguirão, outdos processos serão ressuscitados das gavetas, de novo o 25 de Abril será posto em causa» afirmaria a terminar Manuel Pegado que também sublinhou a necessidade do comício marcado para o dia 7 no cinema Pax Julia desta cidade vir a constituir uma importante jornada de luta contra a imoralidade da justiça e os atropelos à Constituição Portuguesa, que o seu caso constitui um sério alerta para todos os antifascistas consequentes.

Afonso de Sousa e do capitão Andrade e Silva, o que podemos escrever é que a justiça tardou. O que podemos escrever, é que forças obscuras, jogando com «dados» do antigamente, puseram durante largos meses antifascistas na cadeia e nas barras do tribunal. Que em certa medida o poder político se viu ultrapassado à direita pelo poder judicial. O que podemos escrever, em suma, é que a «reacção» disfarçada de democrática jogou e perdeu. E perdeu, porque em qualquer dos casos, a mobilização popular, a unidade antifascista, não baixaram os braços lutando com uma arma poderosa: a

TIRAGEM MÉDIA DIÁRIA NO MÊS DE NOVEMBRO
45 155 exemplares
(Hoje 20 páginas)

CASA DA SORTE

Informação dos números mais premiados na extracção de hoje da LOTARIA NACIONAL:

1.º PRÉMIO — 16 138 — 18 000 CONTOS
2.º PRÉMIO — 58 972 — 3600 CONTOS
3.º PRÉMIO — 7705 — 1800 CONTOS

O 3.º PRÉMIO foi vendido pela CASA DA SORTE

Consulte a lista oficial e habilite-se para a próxima extracção aos balcões da CASA DA SORTE em LISBOA - PORTO - COIMBRA - BRAGA - SETUBAL

Notas soltas

BARRETO PRIMEIRO-MINISTRO

Um semanário de direita faz hoje a revelação: o CDS aceitaria (sugeriu até) de bom grado para primeiro-ministro do Governo de Coligação (PS, CDS, PSD) o conhecido titular do MAP, António Barreto. Será que o companheiro de Portas vai desmentir?

COISAS DO TEMPO QUE PASSA

Informa o «Tempo»: «O presidente da República da Guiné-Bissau, Luís Cabral, terá em Lisboa as mais altas honras devidas a chefes de Estado, quando visitar o nosso país oficialmente entre 11 e 14 do corrente».

No melhor jornalismo «europeu» pode cair o lusitano dislate. Este é um exemplo característico. A não ser que se trate de uma concepção muito pitoresca do protocolo diplomático. Luís Cabral é «Chefe-de-Estado», é «Presidente da República». Nessa qualidade visita Portugal em tempo de Democracia e de descolonização.

DA SUÍÇA PARA OS AÇORES

José de Almeida dirigente da FLA (Frente de Libertação dos Açores) regressará aos Açores, dentro de dias, via Lisboa. Não terá tempo, segundo consta, na escala por Lisboa, de se entrevistar com o general Kaúlza de Arriaga nem de almoçar com o jornalista Nuno Rocha. Fazem-se diligências, a vários níveis, para um aproveitamento do seu trânsito por Lisboa, de modo que possa receber a «boa Imprensa» e a «direita atlântica» e, talvez, o «almirante sem medo».